

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Sandra Marina da Silva Jardim

Da Educação e do Ensino da Educação Musical no Ensino Básico (1º, 2º e 3º Ciclos)

Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico,
apresentada ao Departamento de Artes e Tecnologias da Escola Superior de
Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Maria de Fátima Neves

Arguente: Professora Doutora Elisa Lessa

Orientador: Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro

Data de realização da prova pública: 30 de Junho de 2017

Coimbra, Junho de 2017

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro, pelos ensinamentos, disponibilidade, acolhimento, generosidade e outras valiosas contribuições e ajudas, em todo o processo de construção deste trabalho;

Às Professoras Leónia Sousa e Helena Antunes, pelo apoio dado ao longo desta caminhada, não podia ter tido melhores professoras;

A toda a comunidade escolar da EB1/PE do Areeiro, onde realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) do 1º CEB, bem como à Escola Básica e Secundária Doutor Ângelo Augusto da Silva, onde fiz a PES dos 2º e 3º CEB;

A todos os que, direta ou indirectamente, me apoiaram ao longo do meu percurso académico, e me ajudaram a chegar até aqui;

Aos meus pais, por todo o apoio e força que me deram, e continuam a dar, na caminhada da minha vida, sem nunca me deixarem desistir nos momentos mais difíceis. Tudo o que sou vos devo;

Às minhas ‘estrelinhas’ que, apesar de não estarem comigo fisicamente, estão sempre presentes;

Ao João, por estares sempre presente nos bons e nos maus momentos, por me apoiares incondicionalmente e seres também um excelente pai;

Ao Gonçalo, que apesar da tua tenra idade, foste tão compreensivo e foste a minha maior força, motivação e inspiração. Tudo o que faço é por ti, e dedico-te este trabalho. Amo-te, filho!

A todos, o meu bem-hajam!

Resumo

O presente trabalho integra um estudo de investigação sobre *Educação e o Ensino da Educação Musical no Ensino Básico (1º, 2º e 3º Ciclos): sua importância e funções*, combinando a investigação histórica e análise qualitativa dos dados obtidos.

Encontra-se dividido em três partes: a primeira parte versa sobre o enquadramento teórico. Na segunda, apresentamos a fundamentação da metodologia, justificando o tema investigativo escolhido. A terceira parte contém um relatório das práticas realizadas no estágio, na Escola Básica do Areeiro e na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, da Região Autónoma da Madeira, nos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Nela se faz também a caracterização destas escolas, das turmas intervencionadas e dos alunos, as planificações, a descrição de algumas aulas e algumas reflexões.

Palavras-chave: Educação, Educação Musical, Inclusão, Semana Regional das Artes

Abstract

This paper integrates a research study on *Education and Teaching of Music Education in Basic Education (1st, 2nd and 3rd Cycles): its importance and functions*, combining historical research and qualitative analysis of the data obtained.

The work is organised in three parts: the first deals with the theoretical framework. In the second, we present the methodology's justification, justifying the research topic chosen. The third part contains a report of the practices carried out during the internship, in Escola Básica do Areeiro and in Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, in the Autonomous Region of Madeira, in the 1st, 2nd and 3rd Cycles of Basic Education. It also makes the characterization of these schools, the intervention classes and the students, the planning, the description of some classes and some reflections.

Keywords: Education, Music Education, Inclusion, Arts Regional Week

Índice Geral

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	III
Abstract	IV
Índice Geral	V
Índice de Quadros	VII
Índice de figuras	VII
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
1. Educação e o Ensino da Música no Ensino Básico	17
2. Da Música e sua importância	22
3. As Funções da Música.....	24
4. A Música e o cérebro humano.....	29
4.1. Da Inteligência Musical	31
4.2. As Janelas de Oportunidade	33
4.3. Da Aprendizagem Musical	35
5. A Música como Instrumento de Inclusão	39
CAPÍTULO II	
FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA	45
1. Fundamentação da Metodologia	47
1.1. Desenho e caracterização do estudo	47
1.2. Escolha do tema.....	48
1.3. Intervenientes no estudo	48
CAPÍTULO III	
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	49
1. Caracterização do meio	51
2. Contextualização das escolas	54
2.1. Escola do 1º Ciclo: EB1/PE do Areeiro	54

2.2. Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva	56
2.2.1. Atividades do Grupo de Educação Musical	60
3. A sala de aula da Prática Pedagógica	63
3.1. Caracterização da sala onde decorreu a PES	63
3.2. Inventário do equipamento utilizável	66
4. OS ALUNOS	69
4.1. Alunos da turma de estágio	71
4.1.1. Caracterização da turma do 1º ano	71
4.1.2. Caracterização da turma do 4º ano	72
4.1.3. Caracterização da turma do 5º ano	73
4.1.4. Caracterização da turma do 7º ano	74
5. Da Prática Pedagógica	76
5.1. Da Avaliação	78
5.2. Da Prática Pedagógica do 1º Ciclo	80
5.3. Da Prática Pedagógica do 2º Ciclo	92
5.4. Da Prática Pedagógica do 3º Ciclo	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
Bibliografia e Webgrafia	117
ANEXOS	125
ANEXO 1 – Planificações de aulas do 1º CEB e respectivos anexos de apoio ..	127
ANEXO 2 – Planificações de aulas do 2º CEB e respectivos anexos de apoio ..	129
ANEXO 3 – Planificações de aulas do 3º CEB e respectivos anexos de apoio ..	133
ANEXO 4 – Planificações das disciplinas de Expressão Musical (1º e 4º ano) e Educação Musical (5º e 7º ano)	140
ANEXO 5 – Semana Regional das Artes da RAM	147
ANEXO 6 – Enunciado do teste, feito pela estagiária realizado pelos alunos do 5º ano	149
ANEXO 7 – Tabela de Classificações do <i>Casting</i> para o Concurso de Vozes ...	153
ANEXO 8 – Imagens de eventos e aulas das turmas de estágio	155

Índice de Quadros

Quadro 1 – Pessoal docente da Escola EB1/PE do Areeiro	55
Quadro 2 – Pessoal não docente da Escola EB1/PE do Areeiro.....	56
Quadro 3 – Inventário do material instrumental (2014-2015).....	66
Quadro 4 – Inventário de material de vestuário e adereços da Escola EB1/PE do Areeiro.....	67
Quadro 5 – Inventário de instrumentos musicais da Escola EB1/PE do Areeiro	67
Quadro 6 – Alunos da Escola EB1/PE do Areeiro	69
Quadro 7 – Alunos da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva...	70

Índice de figuras

Figura 1 – Perfil do neurodesenvolvimento da criança.....	30
Figura 2 – Teoria das Inteligências Múltiplas.....	31
Figura 3 – Janelas de oportunidades	33
Figura 4 – Os sentidos na aprendizagem	36
Figura 5 – A Pirâmide da Aprendizagem.....	36
Figura 6 – Diferentes passos da estratégia “Include”	41
Figura 7 – Mapa de Portugal Continental e Regiões Autónomas	51
Figura 8 – Mapa com os concelhos da R.A.M.....	52
Figura 9 – Mapa com as freguesias do concelho do Funchal	52
Figura 10 – Escola EB1/PE do Areeiro	54
Figura 11 – Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.....	56
Figura 12 – Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.....	61
Figura 13 – Campos de Futebol da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.....	61
Figura 14 – Piscina da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva ..	61
Figura 15 – Pavilhão polidesportivo da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva	62
Figura 16 – Sala de aula da Prática Pedagógica Supervisionada da EB1/PE do Areeiro.....	63
Figura 17 – Sala de aula da PES, com equipamento para a disciplina de Educação Musical.....	64
Figura 18 – Sala de aula de música. Os armários contêm os instrumentos neles guardados, fechados à chave.	65
Figura 19 – Sala de aula de música vista de outro ângulo	65

Índice de anexos

Anexo A – Planificação da aula da turma do 1º ano, de 27 de maio de 2015	127
Anexo B – Partitura do jogo tradicional cantado “O anel”, versão do grupo musical Xarabanda.....	128
Anexo C – Planificação da aula de 5 jan 2016 – Turma: 5º 2	129
Anexo D – Partitura da peça “Pérola do Oriente”	130
Anexo E – Escala pentatónica de Dó.....	130
Anexo F – Xilofone sem as notas FÁ e SI.....	131
Anexo G – Planificação da Aula de 18/02/2016 – Turma: 7º 2.....	133
Anexo H – Música Árabe e seus instrumentos tradicionais	134
Anexo I – Partitura da peça “Shalom, Chaverim”	135
Anexo J – Escala natural de Dó Maior e Ré menor (Ascendentes).....	135
Anexo K – Planificação da Aula de 14 jan 2016 – Turma: 7º 2.....	138
Anexo L – Partitura da peça “La Cucaracha”	139
Anexo M – Programa do dia 16.06.2015, da Semana Regional das Artes da RAM.....	147
Anexo N – Apresentação de dança da turma do 3º ano na Semana Regional das Artes	148
Anexo O – Apresentação do grupo de cordofones na Semana Regional das Artes	148

Índice de anexos – DVD

Anexo 1 – Dissertação	
Anexo 2 – Planificações das aulas	
Anexo 3 – Sumários e reflexões das aulas do 1º CEB	
Anexo 4 – Sumários e reflexões das aulas leccionadas no 2º e 3º CEB	
Anexo 5 – Lista dos sumários do 2º e 3º CEB	
Anexo 6 – PowerPoint “Músicas do Mundo” feito para a turma do 7º2	
Anexo 7 – Planificações Médio Longo Prazo	
Anexo 8 – Exemplos de Partituras e áudios utilizados nas aulas do 1º, 2º e 3º CEB	

Abreviaturas e Acrónimos

i.e.	<i>id est</i> (isto é)
<i>et al.</i>	<i>et alii</i> (e outros)
Etc.	<i>et cetera</i> (e o resto)
Ex ^a	Excelência
Exm ^o	Excelentíssimo
Fig.	Figura
Prof.	Professor
Prof. ^a .	Professora
CEB	Ciclo do Ensino Básico
EB1/PE	Escola Básica do 1º Ciclo do Ensino Básico com Pré Escolar
EB	Ensino Básico
ME	Ministério da Educação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PP	Prática Pedagógica
RAM	Região Autónoma da Madeira
SRA	Semana Regional das Artes
CEB	Ciclo do Ensino Básico
EB1/PE	Escola Básica do 1º Ciclo do Ensino Básico com Pré Escolar

INTRODUÇÃO

“Em 1999, o Director-Geral da UNESCO apelou a todas as partes interessadas no domínio da educação artística e cultural para que envidassem todos os esforços necessários para atribuir ao ensino das artes um lugar especial na educação de todas as crianças, desde o ensino pré escolar até ao último ano do ensino secundário”.

(UNESCO 1999)

Ján Figel¹, em 29 de setembro de 2009, prefaciou o trabalho intitulado *Educação artística e cultural nas escolas*², onde declara:

O papel da educação artística na formação de competências dos jovens para o século XXI tem sido amplamente reconhecido a nível europeu. A Comissão Europeia propôs uma Agenda Europeia para a Cultura, que foi subscrita pelo Conselho da União Europeia em 2007. Esta Agenda reconhece o valor da educação artística no desenvolvimento da criatividade.

2009 é o Ano Europeu da Criatividade e da Inovação, o que acentua o reconhecimento das ligações entre sensibilidade cultural e criatividade (Eurydice, a Rede de Informação sobre Educação na Comunidade Europeia, 2010: p. 5).

É louvável a iniciativa e deve acreditar-se nas palavras do então Comissário Europeu Responsável pela Educação, Formação, Cultura e Juventude, quando escreveu o prefácio da referida publicação, que nos informa da «oferta sobre educação artística e cultural nos currículos de 30 países europeus».

A promoção da “criatividade artística em todos os níveis e tipos de educação” é um dos temas tratados, e a Resolução 2009 do Parlamento Europeu sobre os Estudos Artísticos é relevante pelas «recomendações para o desenvolvimento e para uma maior coordenação da educação artística e a nível europeu». Foram realizados diversos simpósios, conferências e outras iniciativas sobre esta temática tão atual e imprescindível na formação das crianças e jovens.

A Comissão Nacional da UNESCO, em colaboração com o governo português, organizou e realizou, em março de 2006, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, a

¹ Comissário Europeu Responsável pela Educação, Formação, Cultura e Juventude.

² Publicado pela Rede Eurydice, em 2009 e com a edição em português que utilizámos de 2010.

1ª Conferência Mundial de Educação Artística, onde foram discutidas as vastas finalidades da educação artística, demonstrada a sua importância e a necessidade de desenvolver as capacidades criativas e a consciência cultural nas novas gerações do século XXI.

Todavia, sabemos que em Portugal o lugar reservado à Educação Artística e às Artes em geral e sua inserção nos currículos do Ensino Básico e no Ensino Secundário não segue as recomendações atrás referidas. Se as respeitasse, não só o 1º CEB teria a disciplina de Expressão Musical com carácter obrigatório (e não tem), como o 3º CEB teria mantido, pelo menos, o que havia sido conquistado nas últimas décadas, isto é, o carácter obrigatório da disciplina de Música, ainda que reduzido na componente horária. Porém, o que as políticas educativas nacionais fizeram foi tão só, torná-la uma disciplina que é de oferta de escola, ao sabor arbitrário das direcções das escolas, e não tendo em conta a formação integral do aluno, do cidadão.

Relativamente ao 1º CEB, o ensino de Expressão Musical existe mas não é lecionado pelos professores titulares (monodocência), profissionais que não possuem formação especializada para cumprirem competentemente aquela função. Assim, numa tentativa de mascarar/ultrapassar o problema, o Ministério da Educação, através do Despacho nº 12591/2006 de 16 de junho em 2006, criou as designadas *Actividades de Enriquecimento Curricular* (AEC), lecionadas por uma diversidade de profissionais, alguns dos quais com mestrados e doutoramentos na área de Música, mas assalariados mal remunerados, muitas vezes não reconhecidos pelos seus pares, trabalhando em instituições públicas, maioritariamente, sem os equipamentos mínimos, ou mal equipadas e até sem condições. Acresce que, este desempenho ocorre habitualmente em horários no final do dia, sendo estes docentes depreciativamente designados “técnicos” e obrigados à utilização do seu próprio material didático, informático e organológico.

Em 21 países da União Europeia, as artes visuais e a música são disciplinas obrigatórias nos currículos escolares até aos 16 anos (Taggart *et al.*, 2004). Nos restantes estados da UE a obrigatoriedade de estudar artes é feita até aos 14 anos, passando a disciplinas opcionais a partir daí (Eurydice, a Rede de Informação sobre Educação na Comunidade Europeia, 2010: p. 13).

A música, como todas as artes, pode ser uma expressão da liberdade e da capacidade criadora, devendo, por isso, ser considerada um direito humano inalienável. Mais do que um direito e sem esquecer a sua importância no desenvolvimento infantil e juvenil, deve voltar-se à ideia de “música como atividade desejável, indispensável à sociedade”, sendo uma prática que também permite aos cidadãos uma interação e solidariedade inquestionáveis. Assim, é necessário que numa sociedade democrática, o ensino da Expressão/Educação Musical/Música seja, não apenas uma parte integrada nos currículos do EB, mas uma componente essencial e com carácter obrigatório em todo o ensino básico público.

O trabalho que ora se apresenta é também o resultado final da investigação realizada e o reflexo da atividade desenvolvida na Prática de Ensino Supervisionada.

A Prática Pedagógica está inserida no plano de estudos do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. A sua efetiva concretização decorreu na Região Autónoma da Madeira, como referimos, e abrangeu os três ciclos de escolaridade, na Escola EB1/PE do Areeiro e na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, nos anos letivos de 2014/2015 (1º Ciclo), e 2015/2016 (2º e 3º Ciclos).

Por isso, o presente trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte foi feito o enquadramento teórico. Na segunda parte, apresentámos a fundamentação da metodologia, justificando o tema investigativo escolhido. A terceira parte contém um relatório das práticas realizadas no estágio, a caracterização das escolas, das turmas intervencionadas e dos alunos, planificações, descrição de algumas aulas e reflexões. O trabalho encerra com as considerações finais, seguidas de bibliografia, webgrafia, legislação e anexos.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Educação e o Ensino da Música no Ensino Básico

Educar é viajar pelo mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para nos transformarmos no que somos.

(Augusto Cury)

A educação é um «instrumento político e, embora condicionado pela sociedade, potencialmente é importante instrumento no processo de transformação do homem e da sociedade» (Freire, 2010: p. 23), sendo que o progresso social alterou significativamente o seu âmbito. Tal é evidente nas mudanças da sociedade e das famílias, tendo contribuído para a alteração do papel educativo, resultando na atribuição de novas responsabilidades aos professores.

Teodoro & Aníbal (2008: p. 80) dizem expressamente que «assumida a integração [de Portugal] na Europa comunitária como motor exógeno de desenvolvimento do país, o discurso sobre a prioridade educativa passou a privilegiar a questão do papel do sistema escolar [...]», pelo que estava subjacente a exigência da realização de «uma reforma educativa global que desse coerência ao sistema de ensino e respondesse às necessidades que o sistema económico, nesta fase de integração europeia, atribuía à educação».

Delors (2005: p. 77) recomenda, então, a organização da educação em torno de quatro pilares:

- «aprender a conhecer, isto é, adquirir instrumentos de compreensão;
- aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente;
- aprender a viver [em conjunto], a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas;
- aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes».

Em 1987, o então Ministro da Educação, Roberto Carneiro, insiste na conceção de uma educação com «”investimento decisivo de desenvolvimento”, “vistas as coisas por um ângulo económico e de progresso material”», defendendo uma acção desafiante mas assente com “cinco vectores”:

(i) democratização do ensino, (ii) qualidade para a promoção da excelência, (iii) educação para o sucesso a favor de «uma educação para a confiança e autonomia, para a criação de homens competentes, empreendedores, inovadores e capazes de correr riscos», (iv) educação para a vida activa, (v) valorização da pátria, da língua e da cultura portuguesas (Teodoro & Aníbal, 2008: p. 84).

Esta política educativa discursiva foi evoluindo, centrando-se sempre na «eficácia do sistema» e adequada «às exigências do mercado de emprego» (p. 85).

A educação deverá transmitir, de forma clara e eficaz, competências na área do saber e do saber-fazer, em constante evolução, mas adaptados em termos cognitivos, com vista às competências do indivíduo no futuro.

O direito à educação e à cultura está bem explícito na *Constituição da República Portuguesa*, nos ponto 1 e 2 do artigo 73º, devendo a educação ser proporcionada pelo Estado, conforme se transcreve:

Todos têm direito à educação e à cultura.

O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva (CR).

Em 1986, foi aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de outubro, já alterada por diplomas posteriores), na qual a educação escolar se divide nos ensinos básico, secundário e superior, assente na ideia de abertura da escola ao meio, com maior autonomia e participação de todos os agentes educativos (Carvas Monteiro, 2014: p. 185). Acrescenta esta autora que, com esta lei, «o ensino da música passa a ser verdadeiramente reconhecido como material curricular com necessidade de formação específica [...], exigindo formação científica e pedagógicas adequadas» (*Ibidem*).

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) diz, nos artigos 2º e 3º, que

o sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a

formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho» bem como «contribuir para a realização do educando através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania preparando-o para uma reflexão consciente dos valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico.

O artigo 7º da LBSE dá a conhecer os objetivos do Ensino Básico, que devem «proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios».

A importância da Educação Musical é afirmada na LBSE que determina que a educação artística deve ser promovida nos três ciclos do EB (alíneas b) e c) do nº 3 do artigo 8º, capítulo II) e que, para a prática musical, devem existir recursos e materiais educativos específicos (alínea e) do nº 2 do artigo 44º, capítulo V). Mais detalhadamente são-nos apresentados os objetivos da educação artística no artigo 2º do Decreto-Lei nº 344/90:

- a) estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afetivo equilibrado;
- b) Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;
- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com atividades de natureza artística.

O *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais* (CNEB-CB), publicado em 2001, é o documento que autoriza a inserção da Educação Artística nos currículos do Ensino Básico, isto é, do ensino da Expressão/Educação Musical e da Música do 1º ao 9º anos de escolaridade. As Artes são referidas no CNAEF-CB como elemento imprescindível no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do indivíduo.

Relativamente ao EB, a educação artística situa-se em quatro áreas, a saber: Expressão e Educação Musical, Expressão Plástica e Educação Visual, Expressão

Dramática/Teatro e Expressão Físico-Motora/Dança, estando estas mesmas áreas sob a alçada direta do professor titular de turma no 1º CEB, podendo, é certo, ser coadjuvado por um profissional especialista, o que não é efetivamente feito, a não ser de forma pontual. Vejamos o que Carvas Monteiro (2014) nos diz quando indica quais são as disciplinas obrigatórias do EB e refere a implementação das *Actividades de Enriquecimento Curricular* (AEC), pelo Despacho nº 12591/2006 de 16 de junho (e outros posteriores), criadas desde o seu início com carácter facultativo e o que na verdade isso significa ou traduz e que tem sido efetivamente feito no país. Afirma, então a autora que, o carácter facultativo das AEC

leva à indiferença pelas mesmas e a tutela desvincula-se da sua responsabilidade ao transferir para as autarquias locais o recrutamento e a remuneração dos profissionais, que já nem são designados professores [mas monitores, técnicos], embora muitos deles sejam detentores da profissionalização nos três ciclos do EB, [com] licenciatura e com mestrado e alguns deles, com doutoramento na área da música. (p. 186).

Para além do exposto, deve dizer-se também que com esta criação das AEC houve sinais positivos para os profissionais desta área, uma vez que a oferta de trabalho parece ter aumentado, mas também deve ser dito que o ME, ao ter permitido atirar com o ensino da música para horários que ocorrem no período da tarde e com carácter facultativo, fez com que as AEC tenham surgido como

[...] suplemento recreativo ao currículo [...] [permitindo ou contribuindo] por desresponsabilizar os professores do 1º CEB, que embora tenham o dever de abordar a música no currículo, não estão e não se sentem, a maior parte das vezes preparados para o fazer (Encarnação, 2016: p. 2-3).

Com efeito, cabe referir novamente a monodocência no 1º CEB e ter em conta a formação insuficiente e lacunar que estes docentes detêm na área de Música, seja em termos científicos, pedagógicos ou metodológicos. Deverá, igualmente, chamar a atenção a (quase) inexistência generalizada de equipamentos nas escolas do 1º CEB, o que condiciona o trabalho do profissional de Música contratado para trabalhar nas AEC, para além do tempo insuficiente proporcionado para que possa haver um ‘currículo amplo e equilibrado’. Estes últimos factos, prejudicam a aprendizagem e a aquisição de competências por parte dos discentes, mas também refletem a atribuição de um estatuto de menor importância a esta formação, em detrimento de outras, e que

são fatores utilizados por alguns investigadores para justificar a menor atenção quer na avaliação da educação artística quer à supervisão das normas no ensino das artes (Taggart *et al.*, 2004).

Citando de novo, Carvas Monteiro (2014: pp. 185-186), verifica-se que na atualidade existe um retrocesso no que diz respeito à lecionação da Educação Musical/Música

sobretudo no 3º Ciclo do Ensino Básico (CEB), refletindo a importância (ou a diminuição da mesma) que os responsáveis pelas reformas legislativas conferem à música, ao seu ensino e ao valor que a mesma reveste na educação das crianças e jovens e na realização profissional dos seus docentes. A atual reforma operada pelo DL nº 139/2012, de 5 de julho, suprimiu a música no 9º ano de escolaridade e reduziu significativamente o tempo de lecionação que antes lhe estava atribuído nos 7º e 8º anos [e presentemente facultativa, dependendo da opção da escola].

Acrescenta, ainda e num plano não menos importante, ter esta reforma gerado “forte desemprego”, para além da “desorganização na respetiva classe profissional”.

Na sequência de tantas mudanças no país e na sociedade, como já referimos anteriormente, levou a que aos professores fosse atribuída uma diversidade de funções, como resultado da complexidade do sistema social, educativo e escolar.

A escola é um sistema de interações sociais e, nos dias de hoje, transpõe o seu espaço físico e envolve-se com a comunidade, sujeita a múltiplas influências de carácter ideológico, científico, tecnológico e outras. Desta forma, procura dar resposta aos novos desafios formativos, quer em relação à educação dos alunos do EB e às metodologias para os fazer aprender, quer em relação à formação dos professores e instituições que os formam.

Vemos, pois, que a música integra os currículos escolares e, por isso, temos de falar na motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, em contexto de sala de aula. Importa conhecer que os objetivos motivacionais são valorizados como constructos centrais para a compreensão da motivação e da acção e enfatizar o estudo contextualizado da motivação dos alunos (Lemos, 1993, p. 2).

2. Da Música e sua importância

A música sempre fez parte da vida do Homem e do seu quotidiano e sempre teve um papel fundamental na sociedade. A música é, não apenas uma forma de arte, mas também uma identidade cultural. Apesar de ser muito versátil, dependendo da sua origem, é muitas vezes utilizada como meio de comunicação.

A música serve a humanidade para comunicar e exerce na criança um grande impacto que se converte em fonte de energia, movimento, atividade, alegria e jogo (Cunha, 2010: p. 27).

Mas pode perguntar-se: não sendo indispensável à sobrevivência humana, porque motivo será, então, a música “tão central” na experiência humana?

Após a análise de diferentes teorias sobre a origem da musicalidade, Cross (2006) considera-a enquanto um excelente entretenimento, por não ser necessária à sobrevivência, mas, por outro lado, também a aponta como essencial em termos comportamentais visando a adaptação, com um papel preponderante nessa evolução.

Salienta Mithen (2005) que ao dedicar-se tanto tempo e esforço (motivação) a atividades musicais, é de si a resposta, para além dos fatores históricos e sociais.

A motivação, em psicologia «é concebida como o aspecto dinâmico do comportamento através do qual se procura compreender o processo de orientação do comportamento [humano] para situações e objectos preferidos [no caso, o gosto, a preferência e a necessidade de música]» (Lemos, 1993: p. 8). Boal-Palheiros (2014: p. 209), com base em Peretz (2006) diz que a «capacidade musical é moldada pelas interações entre fatores biológicos e socioculturais». Com efeito, segundo Trehuh (2003) os seres humanos nascem predispostos para a assimilação de qualquer cultura musical, bem como são também possuidores de meios para receber estímulos acústicos desde a fase pré-natal. A dificuldade está em cientificamente comprovar que «a experiência musical pré-natal contribui para formar as capacidades auditivas e desenvolver preferências por certos tipos de sons já ouvidos» (Lecanuet, 1996, *apud* Boal-Palheiros, 2014: p. 209).

Sabe-se que, quanto maior for a exposição das crianças à música, mais rapidamente se desenvolvem musicalmente, usufruindo dos seus benefícios, pois as

crianças possuem uma capacidade extraordinária para a percepção de emoções em música, e que se intensifica com a idade (p. 211).

Sabendo que a música tem, entre outras, a capacidade de promover a interação social, deve usar-se a favor das crianças, incluindo aquelas que de si têm com Necessidades Educativas Especiais (NEE), de modo a integrá-las no contexto que as envolve. A integração pode ser com o professor, os colegas de turma, a comunidade escolar, a família e todos os membros que fazem parte sua da vida.

Como refere (Bertoluchi, 2011: p. 2)

A musicalização, além de transformar as crianças em indivíduos que usam os sons musicais, fazem e criam música, apreciam música, e finalmente se expandem por meio da música, ainda auxilia no desenvolvimento e aperfeiçoamento da socialização, alfabetização, capacidade inventiva, expressividade, coordenação motora e motricidade fina, percepção sonora, percepção espacial, raciocínio lógico e matemático e estética.

É difícil encontrarmos alguém que não goste de música, qualquer que seja a sua forma. Seja a fazer música ou apenas a ouvi-la e apreciá-la, a música faz parte da vida de todos nós. Até aqueles que dizem não gostar de música, certamente, em algum momento da sua vida, já foram influenciados por ela.

A música está nos mais diversos lugares, em casa, na escola, no trabalho, na rua, nos recintos de diversão, etc. Ela está acessível à maioria das crianças, adolescentes e jovens, em diversos contextos. Através dos meios de comunicação social (televisão, rádio, internet) e outros meios. Todos estamos expostos à música, mesmo que ela não faça parte da nossa vida profissional, o que é demonstrativo não só da sua importância como da sua necessidade na vida do quotidiano dos seres humanos.

3. As Funções da Música

Vanda Freire (2010: p. 24), diz-nos que a «função social da música não tem sido suficientemente explorada». Acrescenta esta autora que as funções sociais da música foram ordenadas segundo a categorização proposta por Allan Merriam (1964), da qual resultam dez categorias, a saber:

1) função de expressão emocional; 2) função de prazer estético; 3) função de divertimento; 4) função de comunicação; 5) função de representação simbólica; 6) função de reação física; 7) função de impor conformidade às normas sociais; 8) função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; 9) função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; 10) função de contribuição para a integração da sociedade. (Freire, 2010: p. 30).

Embora Merriam considere as dez categorias como definitivas, admite que as mesmas possam vir a ser “condensadas ou expandidas”, embora seja perentório em afirmar que elas sintetizam o papel da música na(s) cultura(s), promovendo estudos com vista à compreensão do comportamento humano no círculo social e cultural. O autor reconhece, pois, imprecisões e a necessidade de mais reflexão e análise sobre as diversas categorias. Transcrevemos de seguida e de forma resumida a descrição feita pelo autor, mas tratada por Freire (2010: pp. 31-35), relativamente a cada categoria:

1) Função de expressão emocional refere-se ao papel da música como veículo para a expressão de ideias e emoções não reveladas no discurso comum. Seriam expressões emocionais extravasáveis através da música: a liberação de ideias e pensamentos não mencionáveis de outro modo; o extravasamento de uma grande variedade de emoções em correlação com a música realizada; o desabafo de conflitos sociais e talvez sua resolução; a explosão da criatividade em si mesma; a expressão das hostilidades de um grupo; etc.

Alguns exemplos que Merriam apresenta e que se encaixam, todos, nos grupos acima mencionados são: evocação de estados de tranquilidade, nostalgia, sentimento, relações grupais, sentimento religioso, solidariedade partidária e patriotismo; liberação emocional individual (sobretudo ligada ao processo criativo em si mesmo) e coletiva; excitação sexual; exaltação do ego (em demonstração de virtuosismo ou em cantos de glória); estímulo, expressão e divisão de emoção; diminuição de frustrações (através do desabafo), conduzindo ao ajuste ou à mudança social, e, em ambos os casos, à redução do desequilíbrio social e à integração da sociedade; etc.

2) Função de prazer estético - refere-se à estética, tanto do ponto de vista do criador quanto do contemplador. Merriam considera que música e estética estão claramente associadas na cultura ocidental, assim como em diversas culturas orientais. Ele assinala, contudo, que essa associação é discutível nas culturas ágrafas, sendo também problemático definir exatamente o que é uma estética, bem como estabelecer se ela é um conceito de cultura.

3) Função de divertimento - segundo Merriam, a música exerce uma função de diversão em todas as sociedades. Ele ressalta, contudo, que deve ser feita uma distinção entre diversão “pura” (que seria uma característica particular da música na sociedade ocidental) e diversão combinada com outras funções (que seria prevaiente nas sociedades ágrafas). Cabe observar que o próprio entendimento do que seja diversão varia de uma cultura para outra.

4) Função de comunicação - refere-se, segundo o autor, ao fato de que a música comunica alguma coisa, não estejamos certos quanto ao “quê”, “como” e “para quem”.

“A música não é uma linguagem universal, mas sim é formada de acordo com a cultura da qual é parte. [...] Ela transmite emoção ou algo similar à emoção, para aqueles que compreendem seu idioma. O fato de que a música é compartilhada como uma atividade humana por todos os povos pode significar que ela comunica uma determinada compreensão, simplesmente por sua existência “. (MERRIAM, 1964, p.223)

Merriam afirma que o som musical não pode ser produzido senão a partir de pessoas para outras pessoas, e, embora se possa separar conceitualmente esses dois aspectos, um não é realmente completo sem o outro, o que pressupõe a função de comunicação. O autor considera que, num nível simples, pode-se dizer, talvez, que a música comunica em uma dada comunidade, embora se compreenda pouco como essa comunicação se processa. O mais óbvio, possivelmente, é que a comunicação é efetuada através da investitura da música com significados simbólicos que são tacitamente aceites pela comunidade.

5) Função de representação simbólica - Merriam assinala que quase não há dúvida de que a música funciona em todas as sociedades como uma representação simbólica de outras coisas, ideias e comportamentos.

“Simbolismo em música pode ser considerado nestes quatro níveis: significação ou simbolização, existente nos textos de canções; representação simbólica de significados afetivos ou culturais ; representação de outros comportamentos e valores culturais; simbolismo profundo de princípios universais. É evidente que a abordagem que visualiza música essencialmente como simbólica de outras coisas e processos é proveitosa: e pressiona também a uma espécie de estudo que objetiva compreender a música não simplesmente como uma constelação de sons, mas como comportamento humano”. (MERRIAM, 1964, p.258).

Merriam afirma, ainda, que a música é simbólica de muitas maneiras e reflete a

organização da sociedade.

- 6) Função de reação física - Merriam considera discutível a inclusão desta categoria entre as funções sociais. “No entanto, o fato de que a música provoca reação física é claramente notado pelo seu uso na sociedade humana, embora as reações possam ser motivadas por convenções culturais” (p. 224).

É o caso, segundo o autor, de emoções despertadas por determinadas músicas ocidentais (emoções envolvem, sem dúvida, reação física) e que nada estimulam indivíduos de outras culturas, uma vez que não receberam determinado “treinamento” cultural para terem tais emoções. Alguns exemplos que ele cita, no âmbito da reação física, são: a possessão (sem a qual são [...] frustrados determinados rituais religiosos); excitação e canalização de comportamento da multidão; encorajamento de reações físicas do guerreiro e do caçador; estímulo à reação da dança.

Merriam considera que a questão relativa a se a função de reação física é principalmente uma reação biológica provavelmente é superada pelo fato de que ela é formada culturalmente.

- 7) Função de impor conformidade a normas sociais - Merriam exemplifica esta função com canções que chamam a atenção para comportamentos convenientes ou não (canções de protesto) e canções que instruem os jovens membros da comunidade sobre os comportamentos próprios e impróprios (canções usadas em cerimônias de iniciação), canções cujos textos refletem mecanismos psicológicos individuais e coletivos e atitudes e valores prevalentes na cultura, assim como transmitem mitos, lendas e história.

Merriam considera que a música e a linguagem exercem influências mútuas, sendo que os textos das canções constituem um suporte para uma linguagem permissiva.

- 8) Função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos - Merriam considera que há pouca informação para se saber até onde a música realmente valida instituições sociais e rituais religiosos, devendo esta função ser melhor estudada.

Apresenta, contudo, alguns exemplos cabíveis de serem aqui relatados: preservação da ordem e coordenação de símbolos cerimoniais através de canções (REICHARD, 1950); transmissão de potência mágica através de encantamentos por meio de canções (BURROWS, 1933); desgaste de um conflito ou frustração de longo prazo, através de canções com versos estabilizadores que sugerem uma solução permitida, segundo os costumes (FREEMAN, 1957); validação de sistemas religiosos, como no folclore, através da recitação do mito e da lenda em canções, assim como através da música que expresse preceitos religiosos.

- 9) Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura – para Merriam, esta função seria uma decorrência ou talvez um somatório das funções anteriores, pois

“[...] se a música permite expressão emocional, dá prazer estético, diverte, comunica, provoca reação física, impõe conformidade às normas sociais e valida instituições sociais e religiosas, é claro que ela contribui para a continuidade e estabilidade da cultura”. (MERRIAM, 1964, p.225)

Alguns exemplos seriam: a música como veículo de história, mito e lenda, apontando para a continuidade da cultura; a música, através da transmissão pela educação, contribuindo para o controle de membros desviantes da sociedade e para o sublinhamento do que é certo, o que contribui para a estabilidade da cultura; a participação da música na enculturação de indivíduos, instruindo-os sobre o seu ambiente natural e sua utilização, transmitindo a visão de mundo do grupo, funcionando como emblema das condições de membro do grupo, etc.

Merriam considera que o som musical é o resultado de processos de comportamento humano que são modelados por valores, atitudes e crenças das pessoas de uma cultura particular, contribuindo, assim, para a continuidade e estabilidade dessa cultura.

- 10) Função de contribuição para a integração da sociedade** – “É claro que, promovendo um ponto de união em torno do qual os membros de uma sociedade se congregam, a música realmente realiza a função de integrar a sociedade” (MERRIAM, 1964, p.226).

Alguns exemplos que Merriam apresenta são: execuções da música de um grupo, contribuindo para a satisfação de participar de algo familiar e para a certeza de tomar parte de um grupo que partilha os mesmos valores, os mesmos modos de vida e as mesmas formas de arte (NKETIA, 1958); canções de protesto social, permitindo ao indivíduo desabafar e ajustar-se às condições ou promovendo a mudança através da mobilização do sentimento do grupo (FREEMAN, 1957); danças com canções de acompanhamento, contribuindo, em virtude do ritmo e da melodia, para a cooperação harmoniosa entre os indivíduos, para o agir em unidade, para o compartilhamento de um sentimento de prazer (RADCLIFFE-BROWN, 1948).

O autor considera, ainda, que a música constitui um ponto de união em torno do qual os membros da sociedade se reúnem para se dedicarem a atividades que requerem cooperação e coordenação do grupo, e, que embora nem toda música seja executada assim, há, em toda sociedade, ocasiões marcadas pela reunião das pessoas, lembrando-lhes sua unidade. (Freire, 2010: pp. 31-35).

A classificação proposta por Merriam, enquanto instrumento de análise, é suscetível de conter limitações, imprecisões ou distorções da realidade, podendo não abranger a totalidade do objeto de estudo. Desde logo, a conceção da função social da música, contém uma abordagem funcionalista que visualiza a organização social como resultado da interação dos indivíduos e grupos, visão incompleta e suscetível

de outras interpretações.

Outras funções, além das tipificadas por Merriam foram sugeridas por Vanda Freire (2010: pp. 38-142), através das sistematizações e dos exemplos expostos na sua obra. Salientou Adorno (1975), ao apontar «a música como ruído de fundo para nossas atividades cotidianas», e também Berio (1981), por sugerir «uma função consolatória para a música», achando que esta poderia tornar-se «“símbolo de uma possibilidade de leitura consolatória e até utópica do mundo”» (p. 143).

Tal como Merriam, Freire não encerra o tema, pois uma «análise funcional não é definitiva», apesar dos méritos e contributos dados, e também «não é um fim, em si, nem pode dar conta de todos os aspectos do objeto estudado - aliás, nenhum método científico consegue realizar tal proeza» (Freire, 2010: p. 36).

4. A Música e o cérebro humano

O fazer musical encerra e integra funções do sentir, do processar, do perceber em estruturas ou em uma estética de comunicação que é, por si só, forma e conteúdo, corpo e espírito, mensageiro e mensagem.

(Muszkat; Correia & Campos, 2000, p. 71)

No entendimento de Muszkat; Correia & Campos (2000: p. 70), a música abrange todo o processo relacionado com a organização e a estruturação de unidades sonoras, nos seus aspectos temporais (ritmo), na sucessão de alturas (melodia) e na organização vertical harmónica e tímbrica dos sons.

Mais do que qualquer outra arte, a música contém uma representação neuropsicológica aperfeiçoada e como música absoluta tem acesso direto às emoções e à motivação, por não carecer de codificação linguística.

Para o compositor e maestro Koellreutter, a música é uma arte que usa uma linguagem constituída por «um sistema de signos estabelecidos naturalmente ou por convenção, que transmite informações ou mensagens de um sistema (orgânico, social, sociológico) a outro» (Muszkat; Correia & Campos, 2000: p. 73).

Souza (2003), refere competir ao professor na sua ação pedagógica a utilização de músicas, estratégias e atividades diferenciadas, privilegiando as atividades que contribuam para a musicalização das crianças e favoreçam «o bom desenvolvimento do cérebro da criança como cantar canções em aula, dançar, movimentar-se, balançar partes do corpo ao som de música, reconhecer canções, participar em jogos musicais, encenar cenas musicais, compor canções, entre outras» (p. 6).

Kotulak (1997), *apud* Ilari (2003: p. 8), aponta quatro fases principais do cérebro. A primeira fase ocorre durante a formação fetal, a segunda logo após o nascimento, a terceira dos quatro aos dez anos e a quarta após os dez anos de idade.

Segundo este autor, existem oito sistemas de neurodesenvolvimento que estão combinados entre si, e vão contribuir para o desenvolvimento do cérebro: sistema de

controlo da atenção; sistema da memória; sistema da linguagem; sistema da orientação espacial; sistema da ordenação sequencial; sistema motor; sistema do pensamento superior; e o sistema do pensamento social.

No entanto, há outros factores que influenciam o desenvolvimento do cérebro infantil. De entre os mais importantes temos a genética, a vida familiar, as condições socioeconómicas, a cultura, o meio social, a saúde, as emoções e a experiência educacional, como a imagem seguinte nos evidencia.

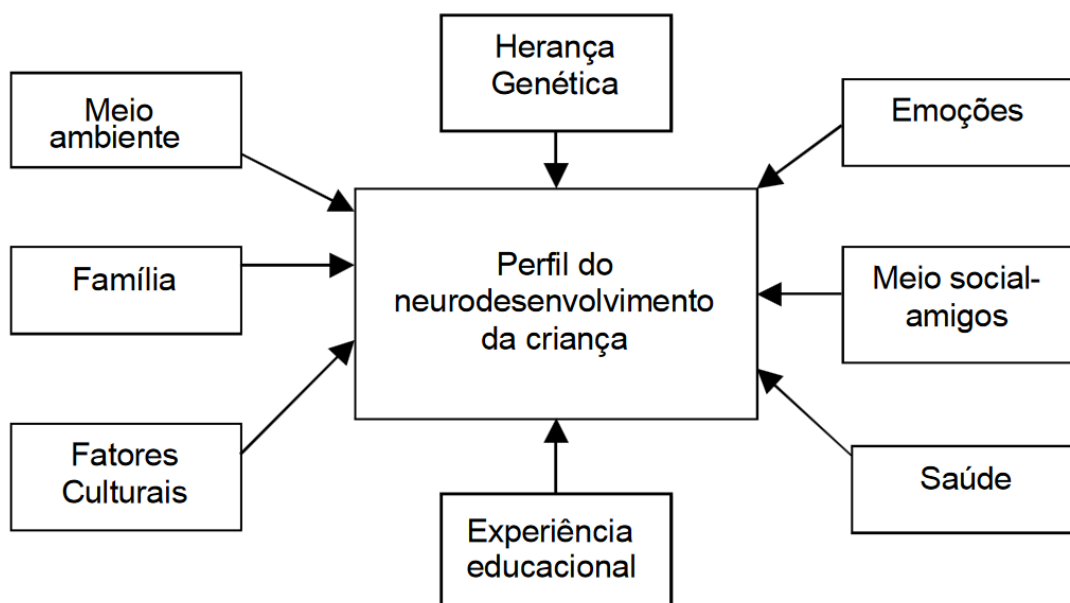


Figura 1 – Perfil do neurodesenvolvimento da criança

Fonte: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf

4.1. Da Inteligência Musical

A *Teoria das Inteligências Múltiplas*, de Howard Gardner (1983) *apud* Luís (2013: p. 40 - nota 2.1), abrange sete diferentes formas de inteligência: inteligência musical, inteligência corporal-quinestésica, inteligência lógico-matemática, inteligência linguística, inteligência espacial, inteligência interpessoal e inteligência intrapessoal.

Gardner afirma que todos têm capacidade para desenvolver todas estas inteligências mas, normalmente, cada pessoa desenvolve umas mais que outras.

O sistema educativo em que estamos inseridos também nos influencia, levando-nos a desenvolver mais as inteligências lógico/matemática e verbal/linguística.



Figura 2 – Teoria das Inteligências Múltiplas

Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-aMSm-](http://1.bp.blogspot.com/-aMSm-Ib2Y3c/VWUNv8xAcrI/AAAAAAAAALcM/trgVgEiHH1c/s640/Imagem1.gif)

[Ib2Y3c/VWUNv8xAcrI/AAAAAAAAALcM/trgVgEiHH1c/s640/Imagem1.gif](http://1.bp.blogspot.com/-aMSm-Ib2Y3c/VWUNv8xAcrI/AAAAAAAAALcM/trgVgEiHH1c/s640/Imagem1.gif)

Ilari (2003: p.12) fala-nos em concreto da inteligência musical, citando Antunes (2002), que afirma que «a inteligência musical é provavelmente a mais discutida de todas». Ilari também refere algumas expressões utilizadas em várias

culturas do mundo, como crianças com “maiores aptidões”, “com bom ouvido para música” ou “com talento musical”, e por outro lado, “crianças que não têm jeito para música”. A este propósito, diz-nos existir alguma confusão entre a inteligência musical e o talento musical e que ambos não serem sinónimos.

Antunes (2002), *apud* Ilari (2003: p. 13), define a inteligência musical como «a capacidade de percepção, identificação, classificação de sons diferentes, de *nuances* de intensidades, direcção, andamento, tons e melodias, ritmo, frequência, agrupamentos sonoros, timbres e estilos, entre outros».

4.2. As Janelas de Oportunidade

Parece estar comprovado que o cérebro humano se desenvolve essencialmente na infância, sendo este o período classificado como o ‘propício’, segundo estudos da neurociência. Os períodos em que as crianças parecem ter maiores facilidades para desenvolverem cada tipo de inteligência é conhecido por “Janelas de oportunidades” (Ilari, 2003, p. 13), conforme tabela abaixo (Figura 4). Trata-se de um conceito associado à *Teoria das Inteligências Múltiplas*, e representam o período em que as crianças têm mais facilidade de desenvolverem cada tipo de inteligência, sendo nesse período que o desenvolvimento é mais eficiente, sem que isso impeça que o desenvolvimento continue ao longo da vida, embora de forma menos acentuada.

Tipo de Inteligência	Hemisfério	Períodos de abertura da janela	Desenvolvimento cerebral/cognitivo	Como estimular
Espacial	Direito	Dos 5 aos 10 anos de idade	Aperfeiçoamento da coordenação motora: percepção do corpo no espaço.	Exercícios físicos, jogos, movimentos, mapas e representações de sons e melodias.
Linguística ou verbal	Esquerdo	Do nascimento aos 10 anos de idade	Conexões que transformam sons em palavras com sentido.	Jogos vocais, conversas, histórias, lendas, rimas, parlendas, histórias musicadas.
Musical	Direito	Do nascimento aos 10 anos de idade*	A partir dos 3 anos, as áreas do cérebro que dominam a coordenação motora são muito sensíveis e já permitem a execução musical.	Canto, audição, movimento, dança, jogos musicais, identificação de sons, e outras atividades que desenvolvam o ouvido interno.
Cinestésica corporal	Esquerdo	Do nascimento aos 6 anos	O cérebro desenvolve a capacidade de associação entre a visualização e o ato de agarrar um objecto.	Brincadeiras que estimulam o tato, paladar e olfato mímica, interpretação de movimentos, jogos e atividades motoras diversas com ou sem objectos.
Interpessoal e Intrapessoal	Lobo frontal	Do nascimento à puberdade	As conexões entre os circuitos do sistema límbico aumentam e tornam-se bastante sensíveis aos estímulos provocados por outros seres	Brincadeiras, demonstrações de afeto e de limites, estímulo às descobertas pessoais e também ao compartilhamento de objectos e ideias.
Naturalista	Lado direito	Do nascimento aos 14 anos*	A conexão de circuitos cerebrais transforma os sons em sensações.	Estimular a percepção do ar, da água, da temperatura através de jogos.
Lógico-matemática	Lobos parietais esquerdos	Do nascimento aos 10 anos	A cognição é desenvolvida através das acções da criança com os objectos do mundo e suas expectativas em relação aos mesmos.	Desenhos, representações, jogos, atividades musicais, resolução de problemas simples em diversas áreas e que estimulem o raciocínio lógico.

*Idades diferentes são apresentadas por Antunes (2002). Alteração da autora [Ilari, 2003].

Figura 3 – Janelas de oportunidades

Fonte: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf

Segundo Cardoso e Sabbatini (2000) citados por Beatriz Ilari (2003: p.14),

A educação de crianças num ambiente sensorialmente enriquecedor desde a mais tenra idade pode ter um impacto sobre as suas capacidades cognitivas e de memória futuras. A presença de cor, música, sensações, variedade de interacção com colegas e parentes das mais variadas idades, exercícios corporais e mentais podem ser benéficos desde que não sejam excessivos.

Ainda de acordo com Ilari, estes mesmos autores realçam a importância da música no desenvolvimento do cérebro da criança, dizendo:

O hábito de cantar e dançar com bebés e crianças [...] auxilia no aprendizado musical, no desenvolvimento da afectividade e socialização, e também no progresso da aquisição da linguagem [...]. Quando a criança está em idade escolar, o aprendizado musical, além de ter valor em si mesmo, também exerce uma segunda função, que é o ensino e o aprendizado de conceitos, ideias, formas de socialização e cultura, sempre através das actividades musicais (p. 14).

Ainda segundo esta autora, muitos investigadores procuram conhecer as formas de estimular o desenvolvimento do cérebro e da inteligência musical da criança, apelando para o bom senso, tendo em conta a multiplicidade de propostas e que “o cérebro saudável é o cérebro ativo” e que, por vezes, para conseguir tal objetivo basta “fazer música”, criando instrumentos pedagógicos de acordo com as metas a alcançar.

4.3. Da Aprendizagem Musical

“Conte-me e eu esqueço. Mostre-me e eu apenas me lembro. Envolve-me e eu compreendo”.
(Confúcio)

Continuando a ideia anterior, verificamos que no contexto de sala de aula, o professor deve utilizar uma diversidade de atividades e diferentes estilos de música. Beatriz Ilari realça essa importância e afirma:

Cantar canções em aula, bater ritmos, movimentar-se, dançar, balançar partes do corpo ao som de música, ouvir vários tipos de melodias e ritmos, manusear objectos sonoros e instrumentos musicais, reconhecer canções, desenvolver notações espontâneas antes mesmo do aprendizado da leitura musical, participar de jogos musicais, acompanhar rimas e parlendas com gestos, encenar cenas musicais, participar de jogos de mímica de instrumentos e sons, aprender e criar histórias musicais, compor canções, inventar músicas, cantar espontaneamente, construir instrumentos musicais; essas são algumas das atividades que devem necessariamente fazer parte da musicalização das crianças [...]. (Ilari, 2003: p. 14).

Segundo esta autora, todas estas atividades podem contribuir para o desenvolvimento do cérebro da criança, conduzindo-nos a uma reflexão sobre a música e o jogo.

Brito (2003: p. 36) diz-nos que «um educador francês, François Delalande, relacionou as formas de actividade lúdica infantil propostas por Jean Piaget a três dimensões presentes na música»: o jogo sensório-motor (exploração do som e do gesto), o jogo simbólico (valor expressivo e significado do discurso musical) e o jogo com regras (organização e estruturação da linguagem musical).

A aprendizagem musical, tal como o conhecimento em geral, está relacionada com os cinco sentidos do ser humano. Sabe-se que, de um modo geral, o ser humano adquire a maior parte do conhecimento através da visão e da audição, e que quantos mais sentidos estiverem envolvidos no processo de aprendizagem, maior será a possibilidade de aquisição de conhecimentos e da sua retenção.

Através da figura seguinte, podemos visualizar a importância de cada um dos sentidos na aprendizagem em geral, com predomínio do sentido da visão, seguido do sentido da audição.

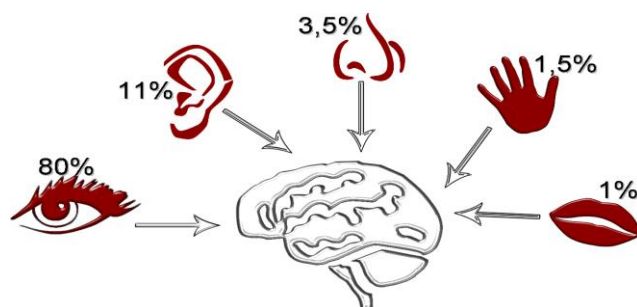


Figura 4 – Os sentidos na aprendizagem

Fonte: <http://historiatic.yolasite.com/resources/imagensmultimedia/sentidosaprendizagem.gif>

A aprendizagem musical engloba vários sentidos mas, nesta, a audição é o sentido mais privilegiado. No entanto, por exemplo, ao tocar um instrumento musical, usamos não só a audição, mas também o tacto e a visão.

Como podemos ver na imagem seguinte (Fig. 5), a *Pirâmide da Aprendizagem* de William Glasser (1925-2013), mostra a percentagem da informação que retemos, passadas cerca de duas semanas da receção dessa mesma informação.



Figura 5 – A Pirâmide da Aprendizagem

Fonte: <http://www.abntouvancouver.com.br/2016/11/a-piramide-de-aprendizagem-de-william.html>

Assim, numa aula comum, apenas retemos cerca de 5% da informação. É notório que, quanto mais práticos são os exercícios da aula, maior é a percentagem de retenção da informação. Enquanto retemos 10% daquilo que lemos numa aula, se assistirmos a um audiovisual, vamos reter 20%, ou seja, o dobro. Se for feita uma demonstração, retemos 30%, e com uma discussão, 50%.

As atividades que nos ajudam a reter melhor a informação são aquelas em que estamos mais envolvidos, não só mentalmente, mas também fisicamente. Quando fazemos uma coisa, por exemplo, um trabalho manual, retemos 75% da informação. Por último, a pirâmide mostra-nos que a forma mais eficaz de nos lembrarmos de algo, é através de ensinar os outros. Assim sendo, podemos concluir que é mais fácil aprender através de métodos participativos, ao invés de métodos passivos.

Existem várias formas de aprender, entre as quais a repetição, a memorização, a imitação, a observação, a experimentação e a criação. Cada pessoa tem formas diferentes de aprender, o que também está relacionado com os vários tipos de inteligência. Brito (2003: p.35), diz-nos que,

O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intra-uterina os bebés já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afectiva para eles.

É elucidativo o pensamento deste autor no que respeita à musicalização das crianças:

Os bebés e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são actividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebés e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contacto com toda a variedade de sons do quotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de embalar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância [...]; os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afectivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música (Brito, 2003: p. 35)

A música contribui ainda para desenvolver várias áreas no processo de aprendizagem, especialmente no desenvolvimento psicomotor, motor, cognitivo,

socioafetivo e linguístico. Para Del Bem e Hentschke *apud* Hummes (2004: p. 22), «a música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...]». Neste contexto, a música pode favorecer, ainda, nas crianças, áreas tão importantes como a “sensibilidade”, a “motricidade”, o “raciocínio” e a “transmissão e resgate” de uma série de elementos da cultura.

Em suma, existe hoje o entendimento de que o ensino-aprendizagem da música contribui eficazmente para a melhoria do desenvolvimento da criança e, neste contexto, para uma interação importante nos vários domínios do saber e do saber-fazer.

5. A Música como Instrumento de Inclusão

No que respeita à música como instrumento de inclusão, afirmam Sanches & Teodoro (2006: p. 73):

Educação inclusiva não significa educação com representações e baixas expectativas em relação aos alunos, mas sim a compreensão do papel importante das situações estimulantes, com graus de dificuldade e de complexidade que confrontem os professores e os alunos com aprendizagens significativas, autênticos desafios à criatividade e à ruptura das ideias feitas [...].

Por sua vez, Wilson (2010) *apud* Sanches & Teodoro, afirma que “inclusão é a palavra que hoje pretende definir igualdade, fraternidade, direitos humanos ou democracia”. Se consultarmos a Declaração de Salamanca³, pode ler-se: «O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem».

Sanches & Teodoro (2006: p.63) referem que foi a partir dos anos 60 do século XX, que novos conceitos e práticas começaram a ser introduzidos no âmbito das respostas educativas a dar às crianças e jovens em situação de deficiência.

A verdade é que, cada vez mais ouvimos o termo “inclusão” no âmbito da aprendizagem escolar. Esta inclusão não tem que estar necessariamente ligada a alunos com NEE. A inclusão pode também ser feita, por exemplo, com alunos de diferentes culturas. Se há um aluno novo numa turma, que acabou de chegar de um país estrangeiro e que não fala a língua local, esse aluno também precisa de ser incluído e, no fundo, apresenta também uma necessidade educativa especial por não saber falar a língua.

Segundo Soder (1981), *apud* Sanches & Teodoro (2006, p.65), existem quatro graus de integração: física (compartilham espaços), funcional (utilizam os mesmos espaços e recursos), social (integram a classe regular) e comunitária (continuam a integração na juventude e vida adulta).

³ **Declaração de Salamanca** – Conferência que decorreu na cidade de Salamanca, em Espanha, no ano de 1994, em cooperação com a UNESCO, a fim de promover o objectivo da educação para todos. Fonte: http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_9.pdf

Ferreira (2012, p.24) apoiando-se em Jiménez, defende que a integração de crianças com NEE nas escolas de ensino genérico oferece várias vantagens para todos os implicados, designadamente:

- Possibilita um maior desenvolvimento intelectual e melhora a aprendizagem da criança com NEE. O contacto com outras crianças é benéfico ao nível da socialização e da integração social, sendo a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com NEE e os pares.
- Contribui para que as crianças sejam mais tolerantes e sensíveis à diferença, criando atitudes positivas de convivências, beneficiando também dos recursos e serviços colocados ao dispor de toda a escola.
- Proporciona aos professores uma mudança e renovação na actualização e renovação das práticas.
- Possibilita que os pais participem ativamente no processo educativo, tornando-se mais tolerantes, informados e colaborantes.
- Constitui ajuda para maior abertura da comunidade, viabilizando a convivência e participação de todos na resolução de problemas.

Deste modo, a escola torna-se uma escola para todos, adaptando-se aos estilos e ritmos de aprendizagem, reconhecendo e satisfazendo as necessidades diversas dos seus alunos. A resposta é dada através de currículos adequados, boa organização escolar, estratégias pedagógicas, utilização de recursos e cooperação com a comunidade, sendo necessário, portanto, um conjunto de apoios e serviços para satisfazer as necessidades especiais da escola.

Ferreira (2012, p. 25) refere outro benefício da inclusão que é o facto de esta potenciar a colaboração. A autora cita Hammeken (1996), afirmando ser esta colaboração benéfica, uma vez que: a comunicação e colaboração aumentam quando uma equipa é formada; os professores individualmente não detêm as competências necessárias para responder a todas as necessidades educativas do grupo; quando os elementos de uma equipa educativa com especialistas em diversas áreas trabalham juntos na resolução de problemas, os resultados são alcançados mais rapidamente; a inclusão melhora a qualidade do atendimento às crianças porque os elementos da

equipa educativa aprendem uns com os outros; e a inclusão traz benefícios para todas as crianças, na medida em que quando os professores trabalham juntos na sala em colaboração, as crianças recebem, uma atenção mais individualizada.

De acordo com Marilyn Friend & William Bursuck (2006: p. 148), existe uma estratégia designada “INCLUDE”, que visa, como o próprio nome sugere, a inclusão de alunos com NEE, em contexto de sala de aula. Esta estratégia está dividida em sete passos, referidos na imagem seguinte:

1. Identificação das várias necessidades da sala de aula, entre as quais, o ambiente e o currículo.
2. Conhecimento das necessidades e os pontos fortes de aprendizagem do aluno.
3. Verificação das potenciais áreas de sucesso do aluno.
4. Conhecimento das áreas problemáticas.
5. Utilização da informação reunida para pensar em formas de adaptação do método de ensino.
6. Decisão sobre as adaptações curriculares a implementar.
7. Avaliação dos progressos evidenciados pelo aluno.

The INCLUDE strategy for accommodating students with special needs in the general education classroom follows seven steps:








- Step 1  Identify environmental, curricular, and instructional classroom demands.
- Step 2  Note student learning strengths and needs.
- Step 3  Check for potential areas of student success.
- Step 4  Look for potential problem areas.
- Step 5  Use information gathered to brainstorm instructional adaptations.
- Step 6  Decide which adaptations to implement.
- Step 7  Evaluate student progress.

Figura 6 – Diferentes passos da estratégia “Include”

Fonte: http://www.ablongman.com/html/productinfo/friend4e/contents/0321317742_ch05.pdf

A inclusão na sala de aula pode dar-se de diversas formas, nomeadamente através da própria organização da sala e do seu espaço, das rotinas, do ambiente, das regras, da monitorização e gestão de tempo.

É fundamental que os alunos se sintam integrados, para uma melhor aprendizagem e a música é uma das melhores ferramentas para promover essa mesma inclusão. Embora não exista plena concordância quanto à qualidade da música como uma linguagem universal, a verdade é que ela está muito próxima disso, pois, mesmo que a letra de uma música esteja numa língua que não conhecemos, a melodia, a harmonia e o ritmo continuam a transmitir-nos emoções.

A música promove também a interacção entre as pessoas, pelo que, por vezes surgem situações de empatia e mesmo de amizade através da música. Quanto mais coisas em comum tivermos, mais nos identificamos com outra pessoa.

Segundo Alves (2013: p. 123), a inclusão, entendida como educação inclusiva, pressupõe considerar a escola como um lugar privilegiado de interacção de políticas, culturas e práticas de aprendizagens significativas, de modo a que o sucesso de, para e com todos os alunos respeitando a sua diversidade, possa ser uma realidade.

Segundo Nunes & Madureira (2015: p. 28), «a educação inclusiva enquanto meta a atingir na sociedade actual constitui assim um movimento político, social e educacional que preconiza o direito de todos os indivíduos a acederem, participarem e contribuírem de forma ativa na sociedade, bem como o direito de serem aceites e respeitados, independentemente das diferenças que revelem». As autoras dizem ainda que «Tal meta implica uma educação de qualidade, na qual para além de se valorizarem e respeitarem as características, interesses e necessidade individuais, se procura contribuir para o desenvolvimento de competências facilitadoras da participação e da cidadania».

Em síntese, vimos que a música existe no nosso quotidiano. Dependendo do nosso estado de espírito, concedemos uma função à música que estamos a ouvir, ou então por vezes ouvimos uma música de que resulta a alteração do nosso estado de espírito.

Esse mesmo estado de espírito em que nos encontramos foi outrora incentivado neurologicamente através da cultura musical que desenvolvemos enquanto crianças.

Também verificámos que o facto de sermos influenciados por uma certa música tem a ver com a nossa educação musical e que isso se reflete na nossa “maneira de ser”, ou seja, nas nossas crenças e comportamentos não-verbais.

O facto de aprendermos música na escola faz com que nos tornemos mais sensíveis, mais criativos, mais inclusivos, mais imaginativos e, afinal, mais felizes.

Finalmente, embora o aspeto terapêutico da música não esteja nos objetivos deste trabalho, não deixamos de o referir, ainda que sumariamente, uma vez que durante o estágio (apesar da sua limitação temporal) tivemos oportunidade de verificar que a música contribuiu de forma decisiva, para a melhoria de atitude e comportamento de alunos portadores de NEE, problemáticos dentro da sala de aula e no relacionamento com os outros alunos. Com efeito, está comprovado que também se pode utilizar a música com intuito terapêutico para alcançar objetivos no campo físico e emocional, melhorando a qualidade de vida dos portadores daquelas especiais necessidades, o que efetivamente aconteceu ao longo do referido estágio.

Neste contexto, através da aplicação terapêutica da música — também ela voltada para possibilitar a inclusão —, é possível ajudar a suavizar ou, por vezes, sanar alguns sintomas de perturbações ou doenças.

Segundo a *Associação Portuguesa de Musicoterapia*, citando a *Federação Mundial de Musicoterapia*, a musicoterapia consiste na

[...] utilização da música e/ou dos seus elementos (som, ritmo, melodia, e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo de facilitação e promoção da comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objectivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objectiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, através da prevenção, reabilitação ou tratamento. (<http://www.apmtmusicoterapia.com/#!o-que---a-musicoterapia/gwvmm>) .

Com esta definição de musicoterapia, podemos constatar que esta forma de terapia pode ajudar um indivíduo (por exemplo um autista) em vários aspectos que lhe são característicos, designadamente, na comunicação e na socialização. Aqui, a música,

ou a disciplina de educação musical, tem um papel primordial e insubstituível. Como já referimos, a música é muito importante no processo de inclusão e socialização, não só das crianças, mas também dos adultos e pode ser aplicada em várias áreas, nomeadamente: Síndrome de Autismo, Síndrome de Asperger, Hiperactividade, Depressão e Ansiedade, Demência, Isolamento Social e Crianças e Adolescentes Institucionalizados.

Ainda a título de exemplo, verificamos que crianças com autismo, expressam melhor as suas emoções e socializam mais durante sessões curriculares adaptadas, do que em aulas de música formais, constituindo a música uma ponte entre o autista e o outro, com quem tenta relacionar-se.

Como já foi referido, a música pode quebrar o isolamento social e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento sócio-emocional. A maior parte dos autistas têm grandes dificuldades na comunicação, e a música pode facilitar a comunicação verbal e não-verbal. Para tal, algumas das actividades que poderão ajudar a desenvolver estes fatores são a prática progressiva do canto, da prática instrumental e da dança.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, as perturbações do espectro do autismo são «um síndrome neuro-comportamental com origem em perturbações do sistema nervoso central que afeta o normal desenvolvimento da criança. Os sintomas ocorrem nos primeiros três anos de vida e incluem três domínios de perturbação: social, comportamental e comunicacional». (<http://www.fpda.pt/autismo>).

Durante a prática da estagiária na PES, podemos apresentar como exemplo o aluno que era portador deste síndrome, e que se destacou, sendo muito sensível ao som, quando era aumentado o volume deste. Por este motivo, quando estava a tocar em grupo com os seus colegas, ficava alterado e nervoso. No entanto, quando sozinho tocava piano, ficava muito calmo. Verificou-se que a sonoridade deste instrumento o tornava mais sereno e sociável e, porque tinha (tem) mesmo talento para tocar piano, evidenciou felicidade e facilidade em tocar neste instrumento o que, dentro das suas aptidões, que lhe era pedido.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA

1. Fundamentação da Metodologia

A fundamentação e a metodologia da investigação para o tema “Educação e do Ensino da Música no Ensino Básico: sua importância e funções” a que nos propusemos, combina essencialmente investigação histórica e análise qualitativa dos dados obtidos (estes dados são designados qualitativos por conterem pontos descritivos acerca de locais, pessoas, acontecimentos/eventos e outros). Segundo Rainbow (1995), a investigação histórica “contribui para o conhecimento” e, deste modo, investigar historicamente em educação musical vai desencadear a investigação em cenários diversos do passado, na perspetiva da (re)criação e reintrodução de disciplinas de música no currículo escolar. Este procedimento implica a descrição do ‘como’ e o ‘porquê’ os comportamentos do passado evoluíram e contribuíram para a estruturação do atual currículo musical. Utilizamos também métodos de observação direta e interpretação. Assim, a autora deste trabalho procura «identificar os seus próprios valores e a possível influência destes sobre a orientação da investigação» (Lessard-Hébert et al., 2008, p.131), com o objetivo do presente trabalho não ser (e não parecer) um simples texto narrativo ou descritivo.

1.1. Desenho e caracterização do estudo

Definido o tema e os objetivos, passamos à aplicação efetiva dos mesmos. Nesse sentido, a Prática de Ensino Supervisionada foi realizada na Escola EB1/PE do Areeiro localizada na freguesia de São Martinho, e na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva situada na freguesia de Santa Luzia, ambas da RAM, respetivamente no 1º CEB no letivo de 2014/15, e nos 2º e 3º CEB, em 2015-16.

1.2. Escolha do tema

A motivação para a realização deste estudo apoiou-se nos seguintes objetivos: enquanto futura docente de Educação Musical no EB, procurar alargar o conhecimento sobre a importância da educação na formação de crianças e adolescentes no século XX e XXI, em Portugal; neste contexto e de modo mais específico, conhecer de que modo a inserção da educação artística prevista para o EB, é materializada na prática no currículo escolar das disciplinas Expressão/Educação Musical e Música, respetivamente do 1º, do 2º e do 3º ciclos do Ensino Básico, em suma, de que modo são lecionadas e valorizadas e/ou discriminadas pelas políticas educativas nacionais, em detrimento de outras disciplinas.

Para a escolha do tema contribuiu também o facto de, no conjunto dos alunos das referidas turmas, existirem sete alunos com NEE, reforçando o empenho por aprofundar saberes e competências no domínio da música inclusiva.

1.3. Intervenientes no estudo

Os intervenientes em todo o processo foram os alunos das turmas intervencionadas das escolas cooperantes, onde a PES se efetuou, bem como os professores cooperantes, a orientadora, a professora estagiária, e ainda algumas entidades que participaram nas atividades extra-curriculares integradas na *Semana Regional das Artes*, em 2015.

Os instrumentos de recolha de informação foram a observação direta, o registo áudio e vídeo. A primeira ocorreu em todos os momentos de preparação e leção de aulas e ensaios para os concertos agendados. Os áudios e os vídeos tiveram em conta a necessidade de poder fazer o estudo e a prova das ações concretizadas, uma vez constituírem documentos comprovativos e comparativos sobre conteúdos integrantes do trabalho realizado, ficando como suporte audiovisual anexo ao relatório final destes três estágios concretizados no ensino básico (1º, 2º e 3º Ciclos do EB).

CAPÍTULO III

DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

1. Caracterização do meio

A Prática Pedagógica teve lugar na Região Autónoma da Madeira (RAM), mais precisamente no concelho do Funchal. A Escola EB1/PE do Areeiro localiza-se na freguesia de São Martinho, enquanto a Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva se situa na freguesia de Santa Luzia.



Figura 7 – Mapa de Portugal Continental e Regiões Autónomas

Fonte: http://www.opss.pt/sites/opss.pt/files/images/mapa_portugal.gif



Figura 8 – Mapa com os concelhos da R.A.M

Fonte: <http://portugaldaycontest.rep.pt/images/madeira.png>



©ghiapereira

Figura 9 – Mapa com as freguesias do concelho do Funchal

Fonte: <http://www.dholmes.com/master-list/madeira/funchal.gif>

O concelho do Funchal situa-se na parte Sul da Ilha da Madeira, sendo esta cidade a capital da RAM. Está dividido em 10 (dez) freguesias e, segundo os últimos censos de 2011, conta com 111,892 habitantes, distribuídos numa área de 76,15km². É o concelho mais habitado da RAM, apesar de não ser o maior em área.

As características geográficas da cidade do Funchal são as principais responsáveis pela sua beleza. A cidade está localizada num anfiteatro natural, tendo montanhas na parte Norte e o oceano Atlântico a banhar o Sul. Isto faz com que, quem esteja nas zonas mais altas da cidade, tenha uma vista privilegiada sobre toda a baía da cidade, contemplando o verde da natureza e o azul do mar.

É uma urbe que vive maioritariamente do turismo, graças ao seu clima mediterrânico e às suas paisagens graciosas. Ao longo de todo o ano, existe animação que atrai milhares de turistas à cidade, nomeadamente, o *Fim-de-Ano*, a *Festa da Flor*, o *Carnaval* e a *Festa do Vinho*.

Grande parte dos turistas chegam através de avião, mas o porto do Funchal tem tido maior afluência, ao longo dos últimos anos. Na última noite do ano, em média, 10 (dez) navios cruzeiros atracam neste ancoradouro, para assistir ao que já foi considerado pelo *Guinness Book of Records*, o melhor espectáculo pirotécnico de fim-de-ano (vd. <http://www.madeira-web.com/PagesP/funchal-p.html>).

2. Contextualização das escolas

2.1. Escola do 1º Ciclo: EB1/PE do Areeiro



Figura 10 – Escola EB1/PE do Areeiro

Fonte: http://www.cm-funchal.pt/educacao/images/stories/Equipamentos/Escolas/Areeiro_2010_09_13_Snia_Dria_064.jpg

A Escola EB1/PE do Areeiro localiza-se num espaço suburbano da cidade do Funchal. O horário de funcionamento é entre as 8h15 e as 18h15, havendo um intervalo de manhã, entre as 9h45 e as 10h15, e outro no período da tarde, entre as 15h15 e as 15h45.

É uma escola constituída por um bloco único, com dois andares, remodelada e ampliada há poucos anos, encontrando-se atualmente em bom estado de conservação. No primeiro piso tem duas salas para o ensino Pré-escolar, três arrecadações, cantina, cozinha, gabinete dos funcionários, casas de banho e um espaço que serve para acomodação de material desportivo. No segundo piso situam-se o gabinete da direcção, uma sala de apoio, a secretaria, duas salas de aulas normais, uma sala de expressão plástica e uma sala de informática.

Há, ainda, uma sala específica para algumas das disciplinas, entre as quais, a de Inglês. As disciplinas de Música e de TIC partilham o mesmo espaço. Contudo, todas as salas contêm um nível satisfatório de equipamento didático para cada disciplina. Existe equipamento para a prática desportiva, nomeadamente um polidesportivo, onde se realizam as aulas de Educação Física.

A escola não tem equipamento para práticas performativas, motivo pelo qual as apresentações são feitas no pavilhão polidesportivo, ou então no salão paroquial da Igreja local, localizado na proximidade da escola.

Da direcção da escola fazem parte uma diretora, o conselho escolar e o substituto legal. No ano letivo de 2014/15, a escola contou com 21 (vinte e um) docentes e com 13 (treze) funcionários não docentes. A escola possui poucas turmas e, talvez por isso, só tem um docente de Educação Musical.

Natureza dos Recursos Humanos

Apresentamos, seguidamente duas tabelas: uma com a indicação do pessoal docente e outra com o pessoal não docente da Escola EB1/PE do Areeiro.

PESSOAL DOCENTE	
Diretora	Ana Maria Ferreira
Sala Azul	Elisa Ferreira
	Lígia Gonçalves
Sala Verde	Carmo Pinto
	Ivone Gonçalves
	Lília Arsénio
1º ano	Sofia Afonso
2º ano	Idalina Lemos
3º ano - A	Idalina Silva
3º ano - B	Ana Teresa Silva
4º ano	Isabel Santos
TIC	Sandra Pestana
Inglês	Pedro Teles
	Neusa Costa
Educação Físico Motora	Teresa Teixeira
Educação Musical e Dramática	Leónia Sousa
Educação Especial	Silvia Tavares
	Lígia Fernandes
Expressão Plástica	Ana Freitas
Apoio e substituição	Ana Luisa Pena
	Zélia Pereira

Quadro 1 – Pessoal docente da Escola EB1/PE do Areeiro

PESSOAL NÃO DOCENTE	
Técnicas Superiores	Brígida Ferreira
	Gladys Catarata
Assistente Técnica	Débora Reis
Ajudantes de acção sócio educativa do pré-escolar	Belina Freitas
	Conceição Reis
	Maria João Vargem
	Perpétua Pimenta
Ajudantes de acção sócio educativa do pré-escolar: Assistentes operacionais	Ana Paula Castro
	Irene Faria
	Emília Malho
	Maria José Mendonça
	Miguel Freitas
	Sandra Alves

Quadro 2 – Pessoal não docente da Escola EB1/PE do Areeiro

2.2. Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva



Figura 11 – Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

A Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva está localizada na Rua do Combóio, Freguesia de Santa Luzia, Concelho do Funchal. Curiosamente, a escola é mais conhecida como Escola da Levada. Esta escola foi construída na década de 70 do século XX, para o 3º ciclo e, alargou o seu âmbito, pois passou a ter alunos do 5º ano ao 12º ano de escolaridade.

A escola tem vários espaços de ensino, nomeadamente, salas de aulas, espaços laboratoriais, bem como espaços reservados para trabalho de alunos e docentes. Tem também: espaços de educação física, entre os quais, um pavilhão, um ginásio e uma piscina; espaços administrativos de receção e de atendimento; espaços sociais e de convívio, como a sala dos professores, bar e cantina; espaços multifuncionais como a biblioteca e a sala de sessões; centros de recurso, como a reprografia, papelaria e audiovisuais; uma horta pedagógica e uma sala para a associação de estudantes.

O horário de funcionamento escolar tem início às 8h00 e termina às 18h15.

Natureza dos recursos humanos

A semelhança da escola anterior, damos conta, igualmente, dos recursos humanos existentes na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Pessoal docente

Fazem parte do *Quadro de Escola* 125 (cento e vinte e cinco) professores, sendo considerado um corpo docente estável. O *Quadro de Zona Pedagógica* é constituído por 55 (cinquenta e cinco) professores, tendo o *Quadro de Vinculação da RAM* mais 17 (dezassete). A escola tem ainda um docente com *Contrato a termo resolutivo* e dois professores de *Educação Especial*. Relativamente aos docentes do ensino da Música, possui 4 (quatro).

Pessoal Não Docente

Existem na escola um total são 67 (sessenta e sete) funcionários não docentes: um Chefe de Departamento, uma Coordenadora Técnica, 19 (dezanove) Assistentes Técnicos, um Técnico de Informática, 32 (trinta e dois) Assistentes Operacionais, 2 (dois) Encarregados Operacionais, 4 (quatro) no designado “Programa de Ocupação Temporária”, um no “Programa de Ocupação Sénior” e 4 (quatro) Assistentes Técnicos (TEACH).

Serviços disponíveis na escola

Relativamente a outros serviços disponíveis na instituição, indicamos os da ação social, os audiovisuais, biblioteca, papelaria, reprografia, serviços administrativos e serviço de psicologia e orientação, cantina e bares (de alunos e de professores),

Acção Social Escolar

O SASE presta apoio socioeconómico aos alunos de acordo com a lei. Este serviço está aberto ao público das 9h30 às 16h45 durante o período letivo.

Audiovisuais

Este tipo de serviço prestado pela escola tem por finalidade a operacionalidade letiva, para a qual sendo necessário, o docente deve proceder à requisição de material audiovisual para as suas aulas, através do preenchimento de impresso próprio e com a antecedência de 48 horas. O horário de funcionamento é das 7h30 às 18h30.

Biblioteca

A escola possui uma biblioteca destinada a toda a comunidade educativa. O horário de funcionamento é das 7h45 às 18h00.

Papelaria

A instituição possui também uma papelaria, através da qual podem ser adquiridos materiais necessários quer por professores quer por alunos da escola. Pode também ser efetuada a impressão de documentos para os alunos e, ainda,

proceder ao carregamento dos cartões da escola (com dinheiro, claro). O horário de funcionamento da papelaria é das 9h00 às 13h15 e das 14h15 às 17h00.

Reprografia

A reprografia funciona das 7h45 às 17h00 e o material a fotocopiar deverá ser entregue com uma antecedência mínima de 48 horas, antes das aulas.

Serviços Administrativos

A escola tem serviços administrativos, os quais têm um horário de abertura e fecho, mas apenas durante o período letivo e que é o seguinte: das 9h30 às 16h45.

Serviço de Psicologia e Orientação

O Serviço de Psicologia e Orientação da escola possui também um horário de atendimento, mas apenas durante o tempo de aulas: das 9h às 13h e das 14h às 16h.

Cantina

Como em qualquer instituição escolar, esta possui uma cantina que oferece os seus serviços à comunidade discente, docente e não docente. A diferença existente está, apenas, no custo das refeições, sendo menor para os alunos. O acesso é feito através da aquisição de senhas, as quais devem ser adquiridas de véspera no SASE ou no próprio dia, até às 10h00, mas, neste último caso, acrescidas de uma multa. As ementas são semanais e afixadas até à sexta-feira anterior. A afixação é feita em três locais: na porta da cantina, no SASE e na sala de professores.

Bar dos Alunos

O bar destinado aos alunos está aberto das 7h45 às 17h30, com um período de encerramento entre as 14h00 e as 14h30, para limpezas. O acesso aos produtos disponíveis no bar é realizado através de pré-pagamento.

Bar dos Professores

O bar está aberto das 7h45 às 15h00, com um período de fecho, entre as 15h00 e as 15h30, para limpezas. O acesso aos produtos existentes no bar é feito através de pré-pagamento.

2.2.1 Atividades do Grupo de Educação Musical

A escola possui um grupo de Educação Musical que projeta, prepara e ensaia, com os seus alunos, atividades distintas, para apresentação pública em diferentes fases do ano letivo, conforme se descreve abaixo. Realiza também uma visita de estudo ao Conservatório de Música da Madeira, em data agendada anualmente.

- Comemoração do *Dia Mundial da Música*
- Participação nas festividades de *Natal da Escola*
- *Cantar dos Reis*
- Concurso de Vozes “Ídolos da Levada”
- *Comemoração do dia 25 de Abril*
- *Concerto Musical no Castelo de São Jorge*
- *Concerto de Encerramento de Ano Letivo*

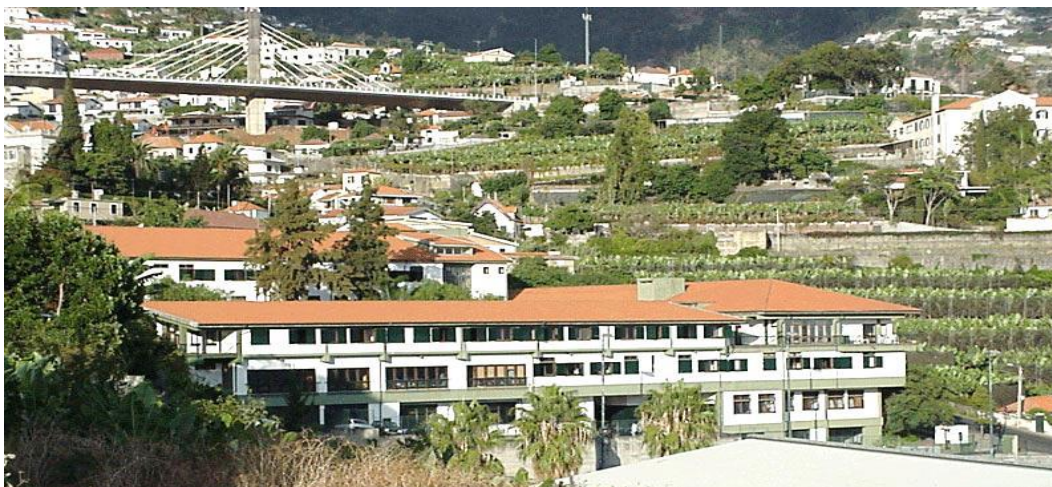


Figura 12 – Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva



Figura 13 – Campos de Futebol da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva



Figura 14 – Piscina da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva



Figura 15 – Pavilhão polidesportivo da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Fonte: <http://www.esaas.com/grupos/matematica/estagios/Paginas/Escola.html>

3. A sala de aula da Prática Pedagógica

3.1. Caracterização da sala onde decorreu a PES

A sala de aula onde foi realizada a PES da EB1/PE do Areeiro é ampla e está equipada com o material necessário para lecionar as disciplinas que nela decorrem, que são Educação Musical e TIC.



Figura 16 – Sala de aula da Prática Pedagógica Supervisionada da EB1/PE do Areeiro

Como podemos observar na Figura 16, a sala de aula onde se realizou a PES é ampla. Serve também para realização das aulas da disciplina de TIC, daí ter as mesas à volta da sala com os computadores. No entanto, a sua disposição permite que nada tenha que ser alterada para a realização de qualquer uma das disciplinas.



Figura 17 – Sala de aula da PES, com equipamento para a disciplina de Educação Musical

Na Figura 17, podemos ver algum do equipamento e material relevante, como o teclado; os braguinhas que se encontram arrumados nas caixas em cima do armário; o leitor de CD's, que conta também com uma vasta colecção de CD's e livros dentro do armário; e o quadro pautado. No dia em que esta fotografia foi tirada, a guitarra não estava na sala. Porém, ainda podemos observar o tripé da guitarra que se encontra no soalho da sala, por baixo do quadro.

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Sala da Prática Pedagógica



Figura 18 – Sala de aula de música. Os armários contêm os instrumentos neles guardados, fechados à chave.



Figura 19 – Sala de aula de música vista de outro ângulo

3.2. Inventário do equipamento utilizável

De acordo com as informações prestadas pela direção bem como pelo que consta no PE da instituição, apresentamos o inventário do equipamento existente, realizado pela docente responsável, conforme consta no quadro que segue.

DSEAM	DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA					FR-60
	DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - COORDENAÇÃO REGIONAL ÁREAS ARTÍSTICAS					Rev. 5
	Inventário de material instrumental					08/2012
DADOS GERAIS						
Ano letivo: 2014-2015		Professor de Apoio (PAAA): MARIA LEÓNIA F. C. SOUSA				
Escola: EBI/PE do AREIRO		Município: FUNCHAL OESTE				
INVENTÁRIO						
(Indicar com um x o estado de conservação dos instrumentos)						
N.º ordem	Quantidade	Designação	Estado de conservação			Observações
			Bom	Razoável	Mau	
1	2	Tamborim	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2	2	Pandeiretas com pele	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3	1	Pandeireta sem pele	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4	2	caixa chinesa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
5	1	par de maracas de madeira	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
6	1	reco-reco	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
7	1	coroa de guisos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
8	1	par de pratos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
9	1	bloco de 2 sons	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
10	3	triângulos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	falta 1 vareta
11	1	rela	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
12	1	Pau de chuva	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
13	2	guiseiras	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
14	3	pares de clavas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
15	1	castanhola	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
16	1	shaker (ovo)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
17	1	par de címbalos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
18	2	Xilofones contralto	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
19	2	Xilofones soprano	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
20	2	Metalofones contralto	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
21	2	Metalofones soprano	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
22	1	Jogo de sinos Contralto	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	oxidado
23	1	Jogo de sinos soprano	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	oxidado
24	1	sintetizador	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	J. F. S. M.
25	1	aparelhagem de som ONKIO	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
26	2	microfones com fio	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	fraca
Observações: foram solicitadas através de empréstimo, 5 braguinhas à EBI/PE de São Gonçalo e 8 braguinhas à EBI/PE do Tanque Santo António.						
PAAA: Maria Leónia F. C. Sousa			Data: 10-09-14			
Coordenador Concelhio (CCAA): Leónia Sousa			Data: 10-09-2014			

Quadro 3 – Inventário do material instrumental (2014-2015)

Apresentamos também, em tabela, o inventário contendo materiais como vestuário e adereços, e utilizados em atividades na PES, no ano letivo 2014-15.

INVENTÁRIO DE MATERIAL: Vestuário e adereços			
Ano letivo: 2014-2015		PAAA: Maria Leónia Freitas Caíres de Sousa	
Número	Designação	Número	Designação
30	Camisolas pretas, manga curta	Várias	Espiguihas de natal
9	Coletes vermelho brilhante	4	Saias rosa choque
9	Gravatas vermelho brilhante	5	Saias azuis
11	Calças pretas	2	Saia lilás
6p	Sabrinhas pretas	1	Saia rosa bebé
8	Lenços de tule amarelo	1	Saia azul em tule
9	Cabeleiras de trapilho	5	Saias em tule amarelo
2	Túnica preta	13	Saias em plástico amarelo (tipo havaiano)
1	Túnica azul	14	Saias brancas de saca (tipo africano)
12	Top's azul brilhante	12	Guarda-chuva bordeaux
4	Gravatas azul brilhante	10	Guarda-chuva bordeaux (avariados)
4	Fitas azul brilhante	5	Vestidos (1 rosa, 1 azul, 1 branco, 1 riscado, 1 estampado)
2p	Luvas compridas azul brilhante	5	Balões verdes gigantes
1	t-shirt branca	5	Coberturas para os balões tipo árvore
17	Túnicas brancas	3	Saias pretas em tule com rabo de gato
1	Tira de tecido azul	4	Fitas pretas com orelhas pretas de gato
8	Calções pretos rapariga (boxer)	12	Vestidos vermelhos translúcidos
9	Collants pretas	12	Camisolas pretas de alça
1	Lenço enramado	12	Xailes pretos com aplicações vermelhas * * 1 dos xailes não tem aplicações

Quadro 4 – Inventário de material de vestuário e adereços da Escola EB1/PE do Areeiro

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva: Inventário Organológico

Esta escola possui um significativo número de instrumentos musicais, de que se apresenta tabela, tendo em conta a classificação de Hornbostel e Sachs.

Inventário Organológico				
AEROFONES	CORDOFONES	ELETROFONES	IDIOFONES	MEMBRANOFONES
	2 Bandolins	2 Sintetizadores	2 Pares de clavas	1 Bombo
	5 Guitarras		1 Metalofone soprano	2 Pandeiretas
	6 Rajões		2 Xilofone Baixo	
	10 Braguinhas		2 Xilofone Contralto	
			1 Xilofone soprano	
			2 Caixinhas	
			1 Congas	
			1 Bongós	
			2 Triangulos	
			1 Windschime	

Quadro 5 – Inventário de instrumentos musicais da Escola EB1/PE do Areeiro

Equipamento: propriedade externa à instituição escolar

Por não ser menos importante, deve também ser feita referência ao equipamento, entre o qual consta material informático e instrumentos musicais que o professor cooperante tem de trazer sempre, para utilização na leção das suas aulas, e para que os próprios alunos para nelas participarem ativamente. Passamos, então, a clarificar começando pela Escola EB1/PE do Areeiro.

Escola EB1/PE do Areeiro

Nesta escola, inicialmente, a docente utilizava a sua guitarra. Relativamente a instrumentos como os braguinhas que se encontram na sala de aula, um é pertença da docente e os outros treze são de várias escolas do concelho, embora emprestados à Escola EB1/PE do Areeiro. Presentemente, já não é necessário transportar nenhum material organológico para a escola, por esta o ter adquirido.

Relativamente a esta escola, o único equipamento de que carece, para a disciplina de Educação Musical, são alguns instrumentos *orff*, nomeadamente, um xilofone baixo e um metalofone baixo.

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Para esta instituição a docente tem de se fazer acompanhar sempre do seu computador portátil, bem como do projetor e de uma coluna de boa qualidade, pois a escola não possui na sala tal equipamento. Existem colunas, mas sem qualidade.

Também deve ser dito que muitos dos alunos não têm possibilidades económicas para prover estas carências ou faltas institucionais.

Esta instituição necessita de metalofones, jogos de sinos e mais instrumentos percussivos, como maracas, reco-reco, temple-block, entre outros.

4. OS ALUNOS

A EB1/PE do Areeiro conta com um total de 152 (cento e cinquenta e dois) alunos, ministrando o 1º CEB e o Pré-Escolar. O 1º, o 3º e o 4º anos de escolaridade têm apenas uma turma cada um. O 2º ano de escolaridade e o ensino Pré-escolar possuem duas turmas, cada um deles, o que dá um total de sete turmas, sendo que apenas cinco fazem parte do 1º CEB. O número médio aproximado de alunos por turma é de 20 (vinte).

EB1/PE DO AREEIRO					
Nº total de alunos	Anos / Ciclos	Nº turmas / ano		Nº turmas / Pré Escolar e 1º CEB	Nº médio aproximado de alunos por turma no 1º CEB
152	Pré Escolar	2 turmas		2	-
	1º CEB	1	1º ano	5	20
		2	2º ano		
		1	3º ano		
		1	4º ano		

Quadro 6 – Alunos da Escola EB1/PE do Areeiro

Alunos com Necessidades Educativas Especiais

A escola contava com 7 (sete) casos de alunos com NEE. No 4º ano, tinha uma aluna diagnosticada com hiperactividade e síndrome de oposição e uma outra discente com dislexia. Ambas eram acompanhadas pelos psicólogos da escola.

Na turma do 3º ano, havia 4 (quatro) alunos com NEE: 2 (dois) com dislexia; 1 (um) com perturbação da linguagem falada e 1 (um) com dificuldade de funcionamento intelectual. Todos eram, igualmente, acompanhados pelos técnicos acima referidos.

No ensino do Pré-escolar, havia apenas 1 (um) aluno com NEE, mais especificamente com atraso global de desenvolvimento.

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

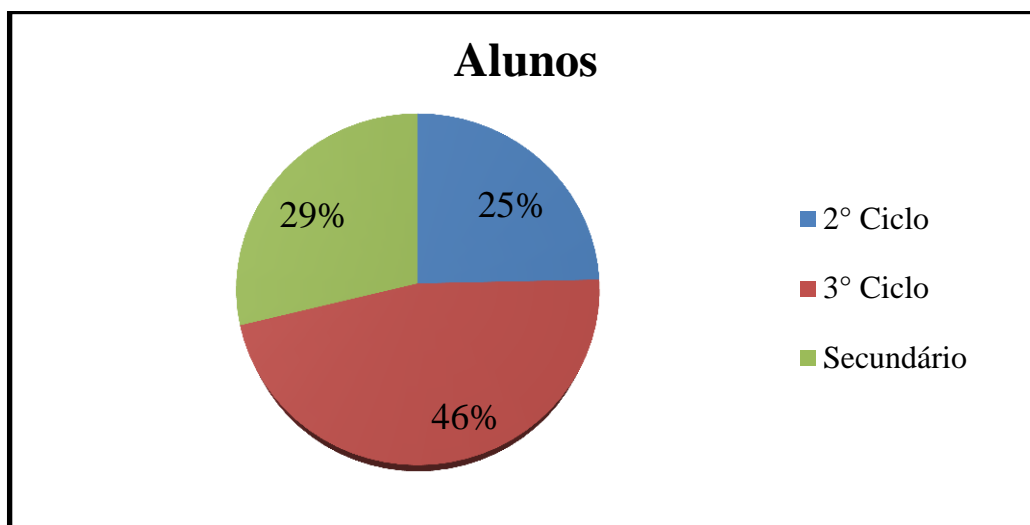
A Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva tem um total de 1.083 (mil e oitenta e três) alunos, distribuídos pelos três níveis de ensino.

O 2º Ciclo possui 267 (duzentos e sessenta e sete) alunos e o 3º ciclo 504 (quinhentos e quatro). O Secundário tem um total de 312 (trezentos e doze). Para além do ensino regular, existem também cursos profissionais, bem como os Cursos de Educação e Formação (CEF).

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA							
Nº total de alunos	Anos / ciclos	Nº turmas / ano		Nº turmas /			Nº médio de alunos
				2ºC	3º C	Secundº	/ turma / ciclo / ano
267	2º CEB	6 turmas	5º ano	12	——	——	23
		6 turmas	6º ano				22
504	3º CEB	7 turmas	7º ano	——	18	——	20
		6 turmas	8º ano				24
		5 turmas	9º ano				21
312	Secundário	3 turmas	10º ano	——	——	7	25
		2 turmas	11º ano				21
		2 turmas	12º ano				20
TOTAL: 1.083							

Quadro 7 – Alunos da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Segue-se, o um gráfico com a distribuição percentual dos alunos por ciclo



4.1. Alunos da turma de estágio

Alunos da EB1/PE do Areeiro

4.1.1. Caracterização da turma do 1º ano

Nº Total de Alunos	
Género Feminino	10
Género Masculino	12
Total	22

A turma é constituída por 22 (vinte e dois alunos), 12 (doze) rapazes e 10 (dez) meninas, todos a frequentar o primeiro ano, pela primeira vez. Um dos alunos, apesar de ter nacionalidade portuguesa, veio do Brasil neste ano e uma outra aluna possui nacionalidade venezuelana. Ambos integraram a turma em meados do 1º período. Ambos tiveram alguma dificuldade de adaptação, em particular a aluna da Venezuela, por não compreender o português e por ser mais introvertida. A grande maioria frequentou o ensino pré escolar desta escola, sendo fácil a sua adaptação no aspeto social e físico. Os restantes seis alunos provenientes de outras escolas adaptaram-se gradualmente à turma e à escola.

No que se refere às aprendizagens, é uma turma heterogénea, com ritmos de aprendizagem e de trabalho diferentes, mas na generalidade aprende com facilidade.

Onze alunos destacam-se pelo trabalho satisfatório realizado ao longo do ano letivo. Outros sete alunos, embora com algumas dificuldades, foram adquirindo os conhecimentos predefinidos para este ano escolar. Devido a várias condicionantes, quatro alunos demonstraram, durante todo o ano letivo, muitas dificuldades de aprendizagem. Devido às dificuldades destes alunos foi solicitado apoio acrescido, mas apenas usufruiu deste a aluna com mais dificuldades, pela impossibilidade que a escola teve em disponibilizar os recursos humanos necessários.

A nível comportamental, a turma, em geral, manifesta um bom comportamento, salvo alguns casos pontuais que, à medida que o ano foi decorrendo, se foram atenuando. De referir que oito alunos se destacam pelo excelente comportamento.

4.1.2. Caracterização da turma do 4º ano

Nº Total de Alunos	
Género Feminino	13
Género Masculino	9
Total	22

A turma é constituída por 22 (vinte e dois) alunos, sendo 9 (nove) rapazes e 13 (treze) meninas a frequentar o 4º ano de escolaridade, sendo formada por alunos com as idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos.

Este grupo transitou na íntegra do 3º ano. Contudo, no início do ano, integraram a turma mais três alunos transferidos de outros dois estabelecimentos de ensino. A primeira é uma aluna que revela grandes dificuldades em todas as áreas, muita imaturidade, desmotivação e apatia dentro da sala de aula. Outro é um aluno cujo processo o designa como sendo aluno de “nível Bom”, porém não é o que a professora titular constatou no 1º período. Este aluno por ser muito introvertido, pouco participou na sala, não revelando as suas dificuldades. A professora foi-se apercebendo destas, através das fichas de avaliação e das solicitações que fazia para participar. A partir desse momento, a aluna revelou outra atitude dentro da sala de aula, mais atenta, participativa e dedicada, o que se refletiu nos resultados das fichas de avaliação, havendo uma melhoria significativa.

São crianças que, na sua generalidade, revelam boas aptidões aprendendo com relativa facilidade. No entanto, são muito distraídos e faladores e com poucos hábitos de estudo.

A turma tem diferentes ritmos de trabalho, sendo que cinco alunos têm grande facilidade na aquisição dos conhecimentos em todas as áreas curriculares. Porém, uma das alunas continua a revelar alguma desmotivação na realização das suas tarefas. Outros três alunos também têm facilidade na aquisição de novos conhecimentos, porém a distração constante prejudica-os na realização das tarefas e aplicação dos seus conhecimentos.

É de salientar a evolução revelada por um dos alunos relativamente ao ano anterior: demonstrou mais interesse, participou com assertividade e destacou-se na ambição de dissipar as suas dúvidas para assim obter melhores resultados.

Sete alunos desta turma demonstraram algumas dificuldades de aprendizagem. No ano anterior, tinham sido propostos para avaliação pela equipa do ensino especial alguns alunos. Dois alunos que revelaram pouca facilidade de aprendizagem tiveram apoio do ensino especial e currículos adaptados, apoiados por uma professora de apoio acrescido.

Em síntese, para este tipo de alunos existem apoios pedagógicos personalizados, adequações curriculares individuais e adequações no processo de avaliação. Pela escola e através de apoios da Secretaria Regional de Educação, serviços ou apoios são disponibilizados gratuitamente. Cada caso é um caso, pelo que a cada um deles é conferido um tratamento individual.

Alunos da Escola Básica e Secundário Dr. Ângelo Augusto da Silva

4.1.3. Caracterização da turma do 5º ano

Nº Total de Alunos	
Género Feminino	11
Género Masculino	13
Total	24

A turma do 5º ano com a qual realizei o estágio foi a designada 5º - 2 da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva. No geral, era uma turma com a qual se trabalhava bem. No entanto, os alunos eram na maioria muito inquietos e faladores causando frequentes interrupções durante as aulas. A melhor forma de eles se aquietarem era a professora cooperante exigir a colocação das cadernetas em cima das mesas, para enviar informações aos encarregados de educação. Desta forma, os alunos melhoravam o comportamento.

Havia vários alunos com conhecimentos musicais nesta turma, que frequentavam escolas de música e estavam a aprender um instrumento. Duas alunas, irmãs gémeas, tocavam bandolim, um aluno tocava violino, e outro tocava clarinete. Numa das aulas o aluno que tocava clarinete levou o instrumento para a aula para substituir a sua flauta doce que ele não encontrava. Alguns dos alunos esqueciam-se constantemente de levar a flauta doce que era utilizada em quase todas as aulas, mas quando isso acontecia, tocavam outro instrumento.

Nesta mesma turma, havia um aluno que não frequentava a aula de Educação Musical, porque estava com o currículo articulado com o Conservatório, o que lhe dava equivalência desta disciplina.

Havia dois alunos com NEE nesta turma, mas que, no geral, conseguiam acompanhar os colegas nas atividades, embora com algumas dificuldades.

4.1.4. Caracterização da turma do 7º ano

Nº Total de Alunos	
Género Feminino	12
Género Masculino	12
Total	24

A turma do 7º ano com a qual estagiei foi a turma designada 7º - 2. A grande particularidade do estágio nesta turma foi o facto de ela estar dividida em dois grupos, isto é, enquanto uns estavam a ter a aula de Música, os outros tinham TIC. Metade da turma teve Música desde o início do ano letivo até ao Carnaval e a outra

metade iniciou as aulas de Música logo após a interrupção letiva do Carnaval e continuaram até o final do ano letivo. Isto foi uma grande vantagem, pois permitiu trabalhar com grupos mais pequenos, facilitou imenso o trabalho da professora estagiária e conseguiu-se um maior interesse e resultados por parte dos alunos.

Esta turma tinha dois alunos com NEE: um aluno tinha síndrome de Asperger (mas muito ligeiro) e o outro era autista. No entanto, ambos eram capazes de realizar todas as atividades com normalidade. O aluno autista, por vezes, tinha alguns comportamentos típicos do seu síndrome, mas tinha um bom ouvido e boa memória musical, sendo capaz de decorar melodias com uma facilidade extraordinária. O facto de a maior parte dos alunos da turma se conhecerem desde o 1º CEB contribuiu para a integração do aluno autista, pois os colegas conheciam-no bem e ajudavam-no sempre que necessário, respeitando o seu comportamento que, por vezes, se alterava. É caso para citar Morin quando diz que «a aprendizagem não tem apenas que ver com o saber, com as técnicas, os modos produtivos: deve também interessar-se pelas relações entre os outros e nós próprios» (Morin, 2000: p. 290). Para estes alunos com NEE houve apoios pedagógicos personalizados, adequações curriculares individuais e adequações no processo de avaliação. Pela escola e através de apoios da Secretaria Regional de Educação, foram disponibilizados gratuitamente serviços ou apoios, tendo sido cada caso tratado individualmente.

Em termos de comportamento, esta turma era muito boa.

A meio do ano chegou da Venezuela, uma nova aluna. Todos os colegas foram muito receptivos e acolhedores, fazendo com que esta aluna se sentisse bem acolhida, contribuindo para a sua rápida integração.

Relativamente aos conhecimentos, vários alunos nesta turma tinham atividades extracurriculares ligadas às artes: duas alunas tinham aulas de dança, um aluno tocava acordeão, outro aluno tinha aulas de piano, e ainda um outro aluno tocava bândolim. Este facto foi útil e estimulante no decorrer das aulas.

5. Da Prática Pedagógica

A Prática Pedagógica foi desenvolvida no decorrer do 1º ano e do 2º anos do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação de Coimbra, nos anos letivos 2014-2015 e 2015-16, respetivamente, no 1º CEB e nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, de acordo com as determinações do plano de estudos do curso.

O Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro (e diplomas legais posteriores) veio definir as «condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência num determinado domínio» e também determinar «que a posse deste título [de Mestre] constitui condição indispensável para o desempenho docente, nos ensinos público, particular e cooperativo e nas áreas curriculares ou disciplinas abrangidas por esse domínio».

Com efeito, no preâmbulo do referido Decreto-Lei nº 43/2007, está expresso:

«Valoriza-se ainda a área de iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade».

E, de acordo com os números 1 e 2 do art.18º do referido Decreto-Lei, o estabelecimento do ensino superior, neste caso a ESEC, procedeu à celebração de protocolos de cooperação «com estabelecimentos de educação [...] de ensino básico e secundário, adiante denominados escolas cooperantes, com vista ao desenvolvimento de atividades de iniciação à prática profissional, incluindo a prática de ensino supervisionada, e de investigação e desenvolvimento no domínio da educação».

No preâmbulo do mesmo decreto-lei consta também que a «definição de habilitação profissional nos domínios de docência abrangidos por este decreto-lei» continua a «albergar o mesmo nível de qualificação profissional para todos os docentes, mantendo-se [...] o princípio já adoptado na alteração feita, em 1997, à Lei de Bases do Sistema Educativo». É ainda feita a chamada de atenção para o facto de que com a transformação «da estrutura dos ciclos do ensino superior, no contexto do

Processo de Bolonha, este nível será agora o Mestrado», demonstrando «o esforço de elevação do nível de qualificação do corpo docente com vista a reforçar a qualidade da sua preparação e a valorização do respectivo estatuto sócio-profissional».

Tudo isto a estagiária fez meticulosamente, ao realizar os estágios no 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, pretendendo através deste trabalho espelhar o que efetivamente foi feito nas diferentes escolas cooperantes, com a colaboração dos professores cooperantes e da sua orientadora.

Previamente, foram estabelecidos procedimentos e calendarizadas sessões de trabalho para planificação de aulas e orientação. Entre os professores cooperantes e a estagiária foram realizadas reuniões após o final de cada aula, com o intuito de refletir e avaliar a aula concluída e proceder ao planeamento e preparação das aulas seguintes dos 1º e 4º anos do 1º CEB e do 5º e 7º anos de escolaridade, pois cada planificação exigiu pesquisas e construção de materiais pedagógicos específicos. Foi também assente entre os intervenientes que as aulas e respetivas planificações obedeceriam ao PE da instituição, bem como às diretivas do ME, e ainda ao plano traçado pelo(s) professor(es) cooperante(s) já previsto e em curso no Plano Anual de Atividades para a disciplina de Educação Musical e Música.

A planificação é um guia do professor, onde têm de constar itens como os objetivos, os conteúdos, as atividades e estratégias, bem como a indicação dos critérios/instrumentos de avaliação. Em cada aula procedeu-se à utilização e aplicação de estratégias e recursos tecnológicos diversos, para estimular as capacidades de aprendizagem dos alunos. A planificação anual e as metodologias de aprendizagem implementadas foram as de Kodály, Orff, Gordon e Dalcroze.

5.1. Da Avaliação

Para a avaliação das aprendizagens, é necessário conhecer as aptidões cognitivas, sócio-afectivas e motoras dos discentes, constituindo estas capacidades parte essencial da avaliação. Esta está diretamente relacionada com os objetivos propostos e planificados para as aulas. Por isso, devem ser previamente definidos o objeto e os métodos de avaliação. Deve ainda ser tido em conta, o apoio dado ao aluno durante a sua aprendizagem e tornar acessível a informação a todos os intervenientes no processo educativo. Em suma, o método de avaliação deve ser traçado após reflexão sobre as finalidades a que se destina, adequando-se à atividade a avaliar. Para o efeito, todas as observações feitas no decorrer das aulas foram registadas e tidas em conta no processo de avaliação. Em ambas as escolas cooperantes onde se concretizou a PES, a avaliação processou-se de modo formativo e sumativo e em momentos específicos para esse efeito.

A avaliação formativa teve por objetivo a monitorização para a aquisição das competências. Este tipo de avaliação contribui para melhorar e clarificar os conteúdos programáticos, tornando-os mais explícitos para os alunos. Esta é a modalidade de avaliação que acompanha permanentemente o processo de ensino-aprendizagem (Lemos, 1993). O maior valor da avaliação formativa é, segundo Bloom, Hastings e Madaus (1973: p. 142), «a ajuda que ela pode dar ao aluno em relação à aprendizagem da matéria e dos comportamentos, em cada unidade de aprendizagem». Por sua vez, a avaliação sumativa tem por objetivo avaliar qualitativa e quantitativamente os alunos. Esta avaliação concretizou-se numa escala numérica de 1 a 5.

De acordo com as *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico* (2006: p. 12-13), a avaliação constitui um processo a realizar com base nos objetivos propostos para a disciplina, sendo uma forma de regular as aprendizagens dos discentes relativamente às atividades concretizadas no âmbito da audição, interpretação e criação.

A avaliação realizada no 1º CEB (dos 1º e 3º anos de escolaridade, com os quais a estagiária trabalhou durante o estágio) foi feita de acordo com a prestação desses alunos nos momentos performativos, nomeadamente na apresentação feita na

Semana Regional das Artes e na festa de final de ano letivo na escola. Os alunos foram também avaliados noutros parâmetros, nomeadamente no comportamento e na participação nas aulas.

A avaliação no 2º CEB foi efetuada através da utilização de diversos instrumentos pedagógicos e ainda do desempenho performativo, vocal e instrumental, dos alunos da turma intervencionada, durante as aulas. Para este nível de ensino, o *Programa de Educação Musical do 2º ciclo do Ensino Básico* (2001: p. 227-228) diz que a avaliação deve resultar do processo de observação contínua, sobre três domínios: atitudes e valores; capacidades e conhecimentos. Para tal é necessário utilizar vários recursos, tais como grelhas de observação, trabalhos individuais e de grupo e os designados ‘testes’.

O 3º CEB foi avaliado tendo em conta o previsto nas *Orientações Curriculares de Música no 3º ciclo do Ensino Básico* (2001: p. 1, 40-44), tanto mais que a aprendizagem musical assenta, igualmente, em três domínios: a composição, a audição e a interpretação, mas trabalhados de forma integrada e interligada, contribuindo para o desenvolvimento da literacia musical e da prática artística. Neste contexto, a avaliação é um processo resultante da interação entre docente e discente, permitindo a verificação da evolução das aprendizagens e as reais possibilidades de trabalho de cada aluno.

5.2. Da Prática Pedagógica do 1º Ciclo

No dia 6 de março de 2015, teve início a PES na EB1/PE do Areeiro, no âmbito do 1º CEB. As aulas decorreram até julho de 2015. Cada aula teve a duração de 60 minutos. Ficou estabelecido, previamente, o número de aulas assistidas/observadas pela estagiária, e as que deveria lecionar, tendo em conta além do PE e determinações do ME, a planificação anual prevista e aprovada pelo Conselho Pedagógico e outros órgãos competentes, da instituição. A estagiária teve a seu cargo duas turmas do 1º CEB, uma turma de 1º ano e uma do 4º ano. Tal foi solicitado pela estagiária e aceite pela orientadora e pela professora cooperante.

Segundo as *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico* (2006 p. 4), o processo de ensino e aprendizagem da música resulta da vivência de atividades onde se privilegia a audição, interpretação e composição, entendendo-se estes como processos que conduzem a uma experiência musical direta e um dos princípios anunciados é o de «aprender-fazendo» (p. 5), o que vai ao encontro das concepções de Dalcroze, Kodály, Orff, Wuytack e Swanwick.

A diversidade de atividades a realizar no 1º CEB devem assentar em 3 itens: ouvir, cantar e improvisar, mas trabalhadas de forma lúdica.

O homem primitivo já usava o canto para alegrar, exprimir pesar, avisar os outros de um perigo e acalmar os poderes superiores (Behlau & Rehder, 1997). Diz-nos Welch (2003: p. 8) que «o canto é parte integrante das culturas musicais mundiais e, por inferência, um dos meios mais comuns na Educação Musical», e «cantar é um acto natural (Giga, 2004: p. 69). Também o canto em conjunto, contribui para o desenvolvimento físico, intelectual e moral do indivíduo aperfeiçoando-lhe assim o sentido auditivo, a utilização apropriada da voz, despertando-lhe a inteligência, o raciocínio e a sensibilidade.

O pedagogo inglês Swanwick (1988, p. 10), refere que

os alunos são herdeiros de um conjunto de valores e práticas culturais, e devem aprender informações e habilidades relevantes que permitam a sua participação em atividades musicais quotidianas. As escolas são agentes importantes nesse processo de transmissão e a função do educador musical é a de introduzir os alunos em reconhecidas tradições musicais».

Para cada aula foi sempre feita a respetiva planificação, onde a voz e o canto tiveram um papel relevante. Também no final de cada aula foi realizado um resumo/reflexão, com a finalidade de avaliar e refletir sobre alguma dificuldade ocorrida, ou não, e modos de aperfeiçoar algo que pudesse ainda estimular mais a criatividade e o aperfeiçoamento de aptidões específicas da música demonstradas por cada aluno.

A lecionação de uma aula impele o professor à investigação, sendo esta também uma das funções do docente, tal como os normativos legais o preconizam (Calvão, 2015: p. 52). Devem ficar também evidenciados os objetivos subjacentes em qualquer planificação, para além dos outros campos.

As aulas foram sempre dinâmicas, com os alunos interessados e motivados, além de disciplinados e sempre com atenção particular à componente técnica e científica. As metodologias utilizadas foram as já referidas e adotadas, de Dalcroze, Edwin Gordon, Edgar Willems, Kodály e Orff.

Faz-se ainda a referência às atividades que se realizaram para a Semana das Artes, desde logo, por exemplo, da dança trabalhada e apresentada publicamente, como pode ver-se no anexo 5. A dança, como refere Teixeira (2008: p. 3), é um meio de aprendizagem praticamente ilimitado, está ligada à estética e à expressão plástica por ser processo performativo e trabalha com sensações e sentimentos.

Gouveia (2015: p. 77), citando Gaspari (2002), refere ser «[...] a educação pelo movimento [...] que empregada na escola tem por finalidade a regulação entre o aprendente e seu meio, dispondo, assim, do grau de plasticidade do sistema nervoso, relacionada com as possibilidades de adaptação motora frente a novas situações».

Com efeito, Vianna (2005) sobre a dança na educação, entre outros, destaca Jacques Dalcroze (1865-1950) e Carl Orff (1895-1982). Dalcroze foi o criador do método denominado “Eurritmia”, que estudou a reprodução de sons e ritmos corporais, proporcionando ao aluno maior criatividade e influenciando-o. Gouveia acrescenta que embora se refira aos alunos do 1º CEB, considera a dança escolar ou movimento expressivo alargado a todo o EB, e que os alunos «precisam de uma educação através do corpo, que embalados por música desenvolvam a formação necessária para o aperfeiçoamento dos processos cognitivos, motor e sócio-afetivo,

musical e estético, contribuindo assim para despertar o interesse destes no processo educacional».

Para Dalcroze, a aprendizagem musical deve fazer-se pelo movimento (estimulação da inteligência cinestésica). Da mesma forma deve aprender-se o primeiro instrumento que é o corpo. O método de *Euritmia* caracteriza-se pela utilização do movimento corporal associado ao ritmo, mas não se trata de uma dança, mas de um meio de aprender música através do movimento expressivo. Este processo⁴ tem em vista o aperfeiçoamento de três áreas distintas:

- o ritmo, através do qual se pretende desenvolver a capacidade de interação entre a mente, as emoções e o corpo na vivência do som;
- o solfejo e a musicalidade, que tendem a desenvolver a audição interna e melhorar a afinação (através da utilização do sistema do dó fixo);
- e a improvisação, com movimentos criados pelos próprios alunos, estimulando a criatividade.

A avaliação atendeu aos parâmetros previamente determinados, na presunção do desenvolvimento dos alunos e decorreu nos momentos a ela reservados, através de vários instrumentos pedagógicos.

Passamos, então, a apresentar de entre as aulas planificadas e lecionadas, apenas duas planificações para o 1º CEB (sendo uma do 1º ano e outra do 4º, pelo facto da estagiária ter trabalhado com duas turmas de dois anos diferentes ao longo de toda a PES), especificamente preparadas, respeitando as determinações institucionais e o seu PE⁵. É feita ainda uma breve explanação do que de mais importante foi trabalhado para a Semana Regional das Artes.

⁴ Informação sem identificação de autor, *vd. site* L'Institut Jaques-Dalcroze, *in* <http://www.dalcroze.org.au/eurythmics1.html>

⁵ Ver **anexo 3 do DVD**, onde constam os sumários das aulas lecionadas no 1º CEB com breves reflexões.

Planificação da aula de 24 de junho de 2015**Aula de 24/06/2015 – 1º ano - (anexo 1, cf. planificação)**

EB1/PE do Areeiro				
Expressão Musical e Dramática - 1º ano				24.06.2015
Conceitos/ Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Ritmo - pulsação	Rever coreografia para apresentar na festa final	- Revisão da coreografia da música “Deixa o mundo girar”. - Os alunos realizam a coreografia com o suporte áudio. - Refletem sobre os aspetos a melhorar. - Repetem a coreografia tentando melhorá-la	- Leitor de música	Desempenho na coreografia
Timbre - sons vocais - instrumentos de altura indefinida - reproduzir pequenas melodias	Reconhecer sons longos e sons curtos	- Adição de 2 instrumentos de altura indefinida: clavas e triângulo. - Exploração da duração do som. - Representação gráfica do som longo e curto. - Deslocação pelo espaço ao som de cada instrumento, imitando um ratinho (curto) e um gato preguiçoso (longo).	- Quadro e giz - Clavas - Triângulos	Avaliação da perceção auditiva Capacidade de reconhecer e distinguir sons curtos e longos
Duração - breve (curto) - longo - linhas sonoras ascendentes e descendentes				
Dinâmica - piano/forte - lento/rápido	Dramatizar histórias e situações	- Dramatização da história. - Dramatização da peça, após a identificação e distribuição das personagens, e da determinação dos locais da ação. Solicitação aleatória de improvisação de pequenos diálogos ou falas. Possibilidade de um pequeno grupo sonorizar	- Aparelheagem áudio - Suporte áudio da música “A carochinha”	Criatividade e improvisação na exploração de movimentos corporais
Forma - imitação	Representação gráfica do Som: Inventar simbologia vocal para representar intensidades diferentes Sonorizar a história	Audição da história. “A carochinha” Narração da história pela Professora - Repetição pelos alunos, com identificação das personagens e - improvisação de alguns gestos em determinadas situações. - Sonorização da história recorrendo a sons corporais e instrumentais. - Aprendizagem da parte melódica alusiva à canção “A carochinha”.		Capacidade de interpretação e expressão vocal Capacidade de reflexão, através da exposição de ideias e debate
	Refletir acerca do que aprendeu na aula	Reflexão do que foi feito na aula, para melhorar na seguinte.		

Aula de 24/06/2015 – 1º ano - (anexo 2, cf. planificação)

HISTÓRIA A CAROCHINHA

Tradicional



I
Diz-se que uma vez
Uma Carochinha
Achou cinco reis
Varrendo a casinha.

II
Julgando-se rica
Toda se enfeitou
E p'ra haver marido
P'ra janela foi.

III
"Quem se quer casar
Com a Carochinha
Que já não é pobre
E é tão bonitinha?"

IV
O porco que passa
Enleiado está
"Que comes tu, porco?"
"Do que Deus me dá!"

V
"Passa fora, porco
Que a ti não te quero
Pois melhor marido
Do que tu espero!"

VI
E o cão que passa
Enleiado está
"Que comes tu, cão?"
"Do que Deus me dá!"

VII
"Passa fora, cão
Que a ti não te quero.
Pois melhor marido
Do que tu espero!"

VIII
O Gato que passa
Enleiado está
"Que comes tu, gato?"
"Do que Deus me dá!"

IX
"Passa fora gato
Que a ti não te quero.
Pois melhor marido
Do que tu, espero!"

X
E o rato que passa
Enleiado está
"Que comes tu rato?"
"Do melhor que há!"

XI
"Vem cá, meu ratinho,
Que eu mais ninguém
quero.
Que esposo melhor
Do que tu não espero!"

XII
Dona Carochinha
E o João Ratão,
Ambos à missinha
No Domingo vão.

XIII
Mas, já na igreja,
Mulher e marido,
Dão p'la falta enorme
Do leque esquecido.

XIV
"Que dirá de nós
Este Zé-Povinho?
Vai p'lo leque a casa
Qu'rido maridinho".

XVI
E tanto o glutão
Do jantar provou,
Que, dentro do tacho,
Cozido ficou!

XVII
Uma vez, em casa
Dona Carochinha
Soube o que ao marido
Sucedido tinha.

XVIII
Viu-se então que a triste
Tinha coração,
Pois morreu, chorando
P'lo seu João Ratão!

Resumo/Reflexão:

No dia 24 de junho de 2015 decorreu a última aula de Expressão Musical do 1º ciclo do Ensino Básico, da Escola Básica1/PE do Areeiro.

A aula começou com uma saudação entre todos e foi feita a revisão da coreografia da música “Deixa o mundo girar”, para apresentar na festa de final de ano letivo.

Os alunos realizam a coreografia com o suporte áudio, após o que foi feita uma reflexão sobre o que poderia ser melhor conseguido, voltando a repetir-se tudo novamente.

Para introduzir os conceitos de som longo e curto, foi feita a exploração da duração do som, através da adição de dois instrumentos de altura indefinida: clavas e triângulo.

Foi efetuada uma representação gráfica do som longo e curto, no quadro preto, de modo a que os alunos pudessem associar a parte visual ao som. De seguida, foi feita uma deslocação espacial (na sala) ao som de cada instrumento, imitando um ratinho (som curto) e um gato preguiçoso (som longo).

Fez-se a dramatização de uma história improvisada que, após a identificação e distribuição das personagens, foram determinados os locais de acção. Passou-se, então à dramatização da peça, cada um representando o seu papel. A professora estagiária foi solicitando, de forma aleatória, pequenos diálogos improvisados (pequenos diálogos ou falas). Foi feita a repetição (frase a frase), memorizando a letra, com ajuda dos movimentos executados.

A narração da história da “A Carochinha” foi feita pela professora estagiária. Os alunos repetiram, imitando-a.

Papalia (2001), fala-nos da aprendizagem por imitação na sua teoria de aprendizagem social, através da qual as crianças aprendem os comportamentos sociais pela observação e pela imitação:

As crianças adquirem novas capacidades através da *aprendizagem por observação* – olhando os outros. Demonstram a sua aprendizagem através da imitação de um modelo [...]. De acordo com a teoria da aprendizagem social, a imitação de modelos é o elemento mais importante no modo como a criança aprende uma língua, lida com a agressão, desenvolve um sentido moral e

aprende comportamentos adequados ao género. Contudo, a aprendizagem por observação pode ocorrer mesmo se a criança não imita o comportamento observado (Papalia *et al*, 2001: pp. 29-30)

A aprendizagem por imitação, além de natural e simples, pode tornar o ensino-aprendizagem mais fácil e produtivo. Mas, convém lembrar a existência de muitos modos de imitação, como a imitação motora, a imitação com reforço, a imitação empática, a imitação compreensiva e a imitação diferida (Cabral, 2001: pp. 10-12). Musicalmente falando, a imitação é uma estratégia de ensino bem sucedida, vocal e instrumentalmente. Ter um exemplo auditivo e/ou visual facilita a aprendizagem e os resultados revelam-se como refere Dubois (1994: p. 123): «[...] no homem, as crianças imitando os adultos, têm acesso rápido a um *modus vivendi* semelhante ao dos adultos».

Com efeito, as crianças procederam à identificação das personagens e improvisaram alguns gestos em determinadas situações. A voz foi trabalhada com alguns vocalizos simples com vogais (a-e-i-o-u), bem como com exercícios de respiração e relaxamento. A exploração vocal, essencial para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e musical, teve uma atenção particular nesta e outras aulas e respetivas atividades. Nesta aula e na atividade a que nos temos estado a referir, a professora cantava um verso e os alunos repetiam. Também os movimentos corporais estiveram sempre presentes conjuntamente com exercícios de aquecimento vocal. Os alunos executaram alongamentos de pernas e braços para ficarem mais relaxados e preparados para o início da prática vocal.

A utilização da linguagem vocal e corporal para comunicar e expressar sentimentos proporcionou uma aproximação na turma.

Foi ainda realizada, por um pequeno grupo, a sonorização da história, recorrendo a sons corporais e instrumentais. Seguiu-se a aprendizagem da parte melódica alusiva à Canção da Carochinha. A história da Carochinha foi um sucesso entre os alunos, que gostaram de a dramatizar. Ao cantarem, dramatizavam seguindo a letra da canção.

Planificação da aula de 03 de junho de 2015**Aula de 03/06/2015 – Turma: 4º ano – (anexo 1, cf. planificação)**

EB1/PE do Areeiro				
Expressão Musical e Dramática			Turma: 4º ano	Data: 03.06.2015
Conceitos/ Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Timbre - sons vocais - sons corporais - Flauta doce Dinâmica - forte - piano Altura - agudo ('fino') - grave ('grosso') - linhas sonoras ascendentes e descendentes Ritmo - pulsação - som - silêncio (pausa) Forma - elementos repetitivos - imitação Repertório Tradicional Madeirense Brinquedo Tradicional Cantado	Dominar sons corporais	Consolidação da canção: <i>"Sorrisos de sol"</i> (alusiva ao Dia da Criança)		Capacidade de interpretação e expressão vocal
	Explorar as potencialidades da voz	Audição da música <i>"Baile do Paspalhão"</i>		
	Desenvolver e aprofundar a prática vocal	Diálogo sobre tradições		
	Aprender a letra da canção	Aprendizagem da letra da canção e sua entoação		Capacidade de improvisação da percussão corporal
	Cantar a solo	Junção da letra com a música	Suporte áudio	
	Canto colectivo	Execução de ostinatos rítmicos com recurso à percussão corporal	Aparelhagem áudio	Capacidade de concentração e de afinação
	Conhecer músicas de repertório variado	Entoação da letra alternada com frases rítmicas	Flauta doce	
	Desenvolver a prática instrumental	Canto da canção com o suporte áudio.		Grau de conhecimento de tradições musicais da Madeira
	Aprender a interpretar a melodia na flauta doce	Aprendizagem da parte melódica correspondente à flauta doce		
	Executar toda a peça musical	Execução do ritmo final		
	Interpretar na flauta as peças estudadas	Execução integral da peça na flauta doce		Qualidade da execução das peças cantadas e tocadas

Aula de 03/06/2015 – 4º ano - (anexo 2, cf. planificação)

Faixa 29
Track 29

BAILE DO PASPALHÃO
THE SCARECROW'S BALL

Popular da Madeira *Madeiran traditional music*
Arranjo *Arrangement:* Carlos Gonçalves

Introdução Introduction

JS

XS

XC XB

Lá vai o pas-pa-lhão pró mei - o pa - ra - ro - da não an - dar Lá an - da que de - san - da a

Que

ro - da sem a - char com quem ca - sar. que sar. *D.C. al Fine* *Fine*

Acompanhamento corporal Body accompaniment

Met

dir.

Pn Mad

esq.

Pés PL

2. Casadinhos há três dias } bis
Olha os noivos a dançar }
Quem tiver filhas no mundo } bis
Que as trate de casar }

3. Lá no céu vai uma estrela } bis
Logo atrás vai uma facha } bis
Que dizia "viva os noivos" } bis
Que casaram na Camacha }

4. Viva o cravo viva a rosa } bis
Viva a flor da laranjeira } bis
Viva o noivo deste dia } bis
Mais a sua companheira }

Gonçalves, Carlos (2009). OrffEu – Prática Instrumental. *Foco Musical*, Lisboa, pp. 50-51.

Resumo/Reflexão:

No dia 03 de junho de 2015 decorreu a aula começou com a revisão e consolidação da canção “Sorrisos de Sol”, alusiva ao Dia da Criança. Seguidamente, ocorreu a apresentação de uma nova peça musical, o brinquedo tradicional cantado: “Baile do Paspalhão”, que é uma música popular madeirense, com arranjo de Carlos Gonçalves.

Para que os alunos pudessem identificar melhor o género de música, a professora colocou a respetiva gravação em CD no computador, para que estes a ouvissem antes de se passar ao seu estudo e execução.

O tema desde logo reconhecido pelos alunos, por fazer parte do folclore madeirense. Foi feito então um diálogo sobre as tradições em que os alunos partilharam os seus conhecimentos e experiências acerca do tema.

Foi feita a aprendizagem da letra da canção e sua entoação, por frases. A professora cantava uma frase e os alunos repetiam. A exploração vocal é essencial para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e musical. Seguidamente, ocorreu a junção da letra com a música, a execução de ostinatos rítmicos com recurso à percussão corporal e ainda a entoação da letra alternada com frases rítmicas.

Depois de estar já bem trabalhada a parte vocal e a rítmica, passou-se à aprendizagem da parte melódica correspondente à flauta doce. Quando os alunos já estavam mais à vontade com a execução da peça, foi o momento para o acompanhamento instrumental, de forma a juntar todas as partes. Como refere Silva (2008: p. 26), «o trabalho colaborativo em torno de tarefas de aprendizagem específicas tem como objetivo permitir que os estudantes trabalhem em conjunto para maximizar o seu conhecimento e o dos pares», e tal foi efetivamente concretizado nas aulas e com bons resultados.

Finalmente, foram tocadas e cantadas na totalidade as peças trabalhadas, com destaque para a peça “Baile do Paspalhão”.

As atividades realizadas nesta aula e as aprendizagens conseguidas pelos alunos, contribuíram para o seu desenvolvimento da audição, dos movimentos corporais, do ritmo, da pulsação, da criatividade, da expressão vocal/canto e da execução instrumental na flauta doce. As atividades preparadas foram realizadas com

sucesso e os alunos mostraram motivação e empenho, participando ativamente durante toda a aula.

A Semana Regional das Artes e o projeto *ESCOL'Artes*

Durante o estágio no 1º ciclo de escolaridade, a estagiária para além das suas funções letivas já referidas, realizou atividades extracurriculares, nas quais trabalhou ativamente, com os seus alunos e outros de outros professores, para a Semana das Artes e o projeto *ESCOL'Artes*. Como nos diz Filipa Carvalho (2016: p. III), o *ESCOL'Artes* «é um espetáculo que congrega cerca de 500 crianças das várias escolas da RAM numa verdadeira simbiose das várias modalidades artísticas, a saber, Expressão Dramática, Canto Coral, Instrumental Orff, Dança e Cordofones Madeirenses».

Na dissertação de mestrado intitulada “*Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'Artes*” (2016), aquela autora diz-nos que a Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia foi criada na RAM, em 1980, a partir de um projeto de implementação da Expressão Musical e Dramática no 1.º CEB, sendo uma dependência da Secretaria Regional de Educação da RAM, então com 35 anos de trabalho no processo de introdução das artes no ensino geral (*Ibidem*). Foi neste contexto que surgiu o projeto *ESCOL'Artes*, cujo mentor foi Carlos Gonçalves,⁶ envolvendo alunos de 1º Ciclo, professores, encarregados de Educação, escolas da RAM e outras entidades oficiais, em estreita colaboração numa perspetiva de abertura da escola ao meio (pp. 34-66).



⁶ Para maior desenvolvimento, ver a entrevista feita por Filipa Carvalho ao Professor Doutor Carlos Gonçalves, no anexo 1 da referida dissertação (pp. 145-151), defendida em provas públicas no dia 18 de julho de 2016. Veja-se também, o artigo *Modalidades Artísticas na Região Autónoma da Madeira (Portugal): Das primeiras atividades de enriquecimento curricular à definição do atual modelo de política educativa (1985-2016)*, de Carlos Gonçalves, Natalina Cristóvão e Paulo Esteireiro, publicado em dezembro de 2016, pela Revista ABEM e disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/download>.

Neste âmbito, na PES do 1º ciclo trabalhámos com as turmas 4º e 3º ano, dando apoio às turmas nos ensaios e no dia das apresentações públicas. Relativamente à turma do 4º ano, esta participou na modalidade artística de Cordofones Tradicionais Madeirenses que decorreu no Jardim Municipal do Funchal, no dia 16 de junho às 14h30 (ver programa do evento no anexo 5).

Os ensaios desta modalidade decorreram noutra escola, na EB1/PE Cruz de Carvalho, também no concelho do Funchal, pois o tema apresentado “Entertainer” de Scott Joplin, foi trabalhado por três escolas em conjunto: as duas já anteriormente referidas e também a Escola Dona Olga de Brito.

Inicialmente, os ensaios foram realizados individualmente, por escola. Posteriormente os ensaios, incluindo os finais, decorreram na forma de ensaios gerais com os 3 grupos, os quais no seu conjunto passaram a constituir um só (com os alunos das três escolas/grupos), tendo decorrido na EB1/PE Cruz de Carvalho.

Em relação à outra turma com a qual também colaborámos, a turma do 3º ano, teve a sua intervenção na Semana das Artes, na modalidade de dança. Os ensaios desta, decorreram na EB1/PE do Areeiro, durante as aulas. O tema trabalhado e apresentado foi “Chuva” de Mariza. A apresentação decorreu no dia 15 de junho de 2015 entre as 14h30 e as 16h30, conforme consta do programa que está anexado no final deste trabalho.

5.3. Da Prática Pedagógica do 2º Ciclo

A Prática de Ensino Supervisionada teve início no 1º período e realizou-se na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, no âmbito do 2º CEB. As aulas decorreram desde o 1º período até ao final do 2º do ano letivo 2015-16, tendo o 3º período sido dedicado maioritariamente à preparação da *Festa das Flores* que decorre todos os anos no mês de junho, na cidade do Funchal, sendo os meses de maio e junho de grande esforço de trabalho com ensaios diários, gravações e concertos.

Entre a Orientadora e a Professora Cooperante foi acordado o número de aulas a assistir/observar e a lecionar pela professora estagiária. As aulas foram planificadas de acordo com o PE e as determinações do ME. A planificação anual já tinha sido aprovada pelo Conselho Pedagógico da instituição. Foi também indicada a turma atribuída à professora estagiária.

As diversas aulas lecionadas foram organizadas e preparadas de acordo com o PE da escola cooperante, respeitando o programa organizativo do ensino-aprendizagem do Ministério da Educação para o 2º CEB. Para além de ter havido algumas aulas a que a estagiária assistiu, a partir ainda do 1º período do ano letivo 2015-16, teve início o estágio neste ciclo do ensino básico. As sessões foram todas de 90 minutos cada uma.

Para todas as aulas foram elaboradas planificações, para as quais foi necessário proceder primeiro a uma pesquisa para melhor preparar não apenas as aulas, mas principalmente produzir os materiais didáticos. A planificação é uma espécie de guia do professor e uma previsão do que pode acontecer durante a aula. Nela devem constar os seguintes campos: conteúdos, objetivos, organização das atividades e critérios/instrumentos de avaliação (Encarnação, s. d., pp.1-2). Efetivamente, as planificações que elaborámos possuem todos os itens referidos. Cada planificação apresenta, pois, uma parte descritiva, ao que se segue um resumo/reflexão sobre a aula lecionada, com destaque para colher informação sobre a validação dos objetivos e das estratégias e aspetos metodológicos.

Neste nível de ensino, a organização de conteúdos encontra-se sob a forma de espiral, baseada na teoria de Piaget sobre o desenvolvimento da criança por estádios.

A cada nível corresponde a aquisição de conhecimentos de maior complexidade. Com efeito, a continuidade do processo de aprendizagem exige que todas as aprendizagens anteriores sejam sólidas, com importância na integração e interligação entre os sucessivos níveis, conforme estabelece o Programa de Educação Musical do 2º CEB.

As aulas foram dinâmicas, com recurso às novas tecnologias, tendo sido dada atenção particular à componente técnica e científica e às metodologias adoptadas baseadas em Dalcroze, Willems, Kodály e Orff.

Na comunidade educativa onde nos integramos, qualquer docente tem entre outras funções decorrentes da profissão (que ao estagiário competem de igual forma), práticas investigativas relacionadas com o estatuto atribuído pelos programas e normativos legais. Por isso, é indispensável e obrigatório proceder a pesquisas antes de planificar uma aula. A lecionação de uma aula conduz, portanto, o professor à investigação, sendo esta também uma das atividades do docente, tal como os normativos legais o preconizam.

O Despacho nº 17169/2011, que diz claramente que o desenvolvimento do ensino em cada disciplina curricular deve ser referenciado pelos objetivos curriculares e conteúdos de cada programa oficial e pelas metas de aprendizagem de cada disciplina.

As aulas foram dinâmicas, com os alunos motivados e disciplinados. No conjunto, e de acordo com as estratégias e metodologias utilizadas, tiveram como objetivo contribuir para o desenvolvimento da literacia musical e para a prática artística, promovendo a prática vocal e instrumental.

A avaliação esteve diretamente relacionada com os objetivos propostos para a aula e obedeceu aos parâmetros previamente estabelecidos, no pressuposto do desenvolvimento musical dos discentes. Foi realizada nos momentos previstos e através da utilização de vários instrumentos pedagógicos.

Apresentamos, seguidamente, de entre as diversas aulas planificadas e lecionadas, uma planificação do 5ºano do 2º ciclo, preparada tendo em conta o contexto da instituição escolar e o PE da mesma⁷.

⁷ Ver **anexo 2 do DVD** com as planificações das aulas; e **anexo 4 do DVD** com os sumários das aulas.

Planificação da aula de 23 de fevereiro de 2016

Aula de 23/02/2016 – Turma: 5º 2 – (anexo 1, cf. planificação)

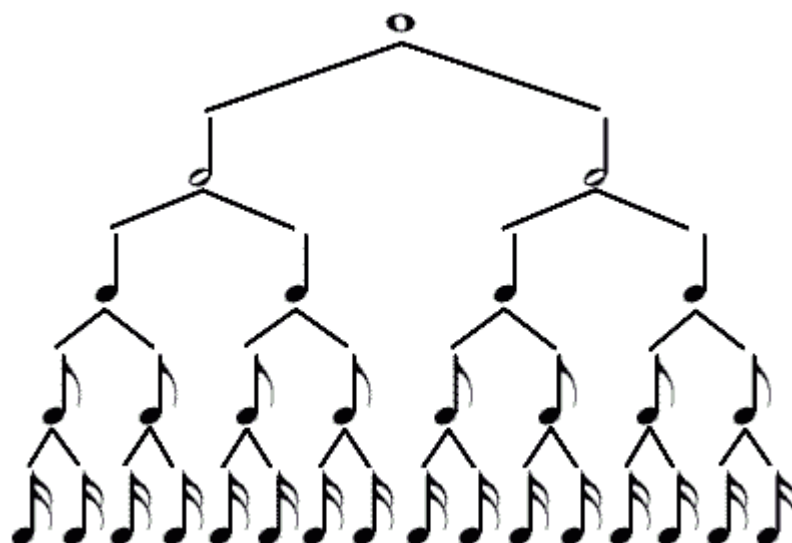
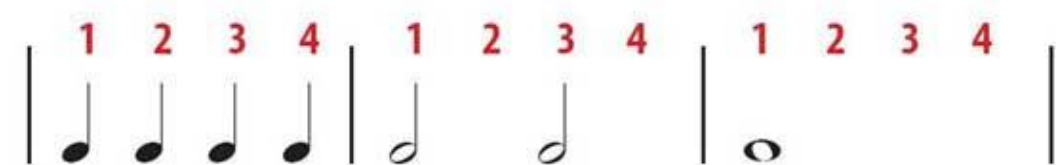
Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva				
<u>Sumário</u> Revisão das figuras musicais: colcheia, semínima e mínima. Introdução à figura semibreve. Execução da música “Go West”.		Horário: 08h00 – 09h30 Duração: 90min	Turma: 5º 2	Data: 23.02.2016
Conceitos/ Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Timbre - Expressão Vocal - Flauta doce Dinâmica (organização das dinâmicas: ff, f, mf, p, pp) Altura - agudo e grave - notas musicais - frases melódicas - textura fina e densa - melodia e harmonia Forma - elementos repetitivos; - imitação - repetição Ritmo - Pulsação - Figuras - Semibreve - Mínima - Semínima - Colcheia - Semicolcheia - compasso quaternário	Rever conteúdos já aprendidos Perceção sonora e musical (ouvir, analisar e descrever características rítmicas, melódicas e formais da música, utilizando o vocabulário musical) Conhecer uma nova figura musical Desenvolver e aprofundar a prática vocal Explorar as potencialidades da voz Desenvolver a prática instrumental Aprender a interpretar a melodia na flauta doce Executar toda a peça musical	- Revisão das figuras musicais já aprendidas - Introdução à figura semibreve - Explicação teórica e representação gráfica - Aprendizagem da melodia correspondente à flauta doce, por partes Execução integral da peça Reflexão do que foi feito na aula, novos conceitos e novo tema musical	Quadro e giz Projetor Computador CD do manual com partitura e acompanhamento musical <i>Manual “100% música – 5º ano”</i> Flauta doce	Grau de conhecimento Capacidade de leitura das figuras Capacidade de leitura das notas Capacidade de reflexão, através de exposição de ideias e debates.

Aula de 23/02/2016 – Turma: 5º 2 – (anexo 2, cf. planificação)

Go West Forma: **INTRODUÇÃO 8** **A** **B** CD3 · 07 e 08 25 K · 25

A

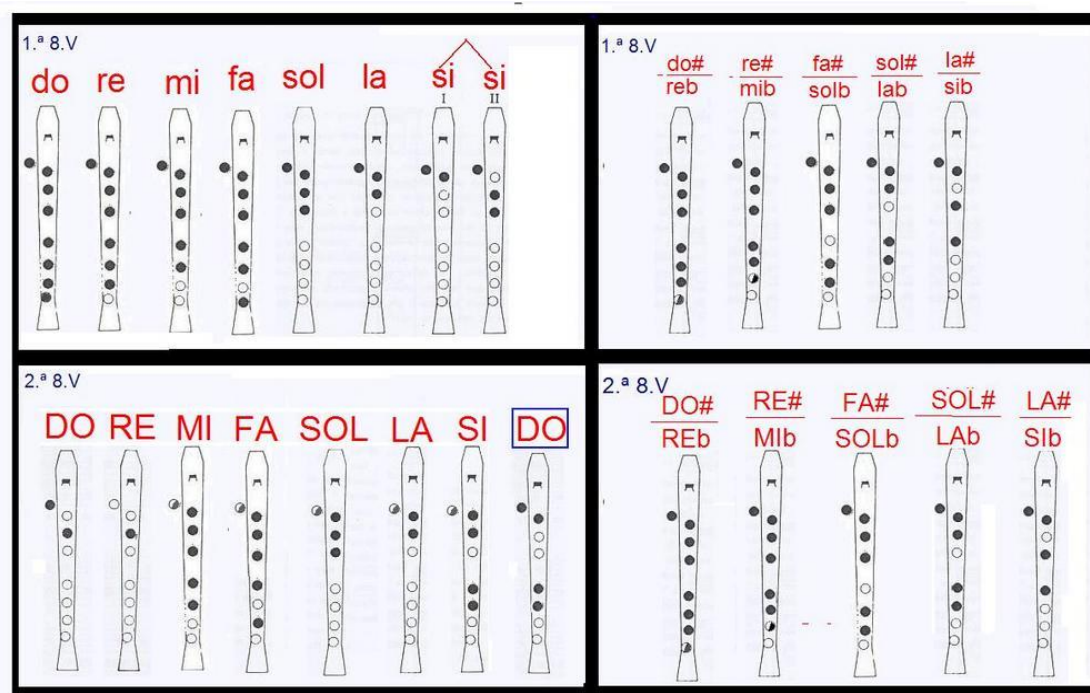
Aula de 23/02/2016 – Turma: 5º 2 – (anexo 4, cf. planificação)



Aula de 23/02/2016 – Turma: 5º 2 – (anexo 5, cf. planificação)

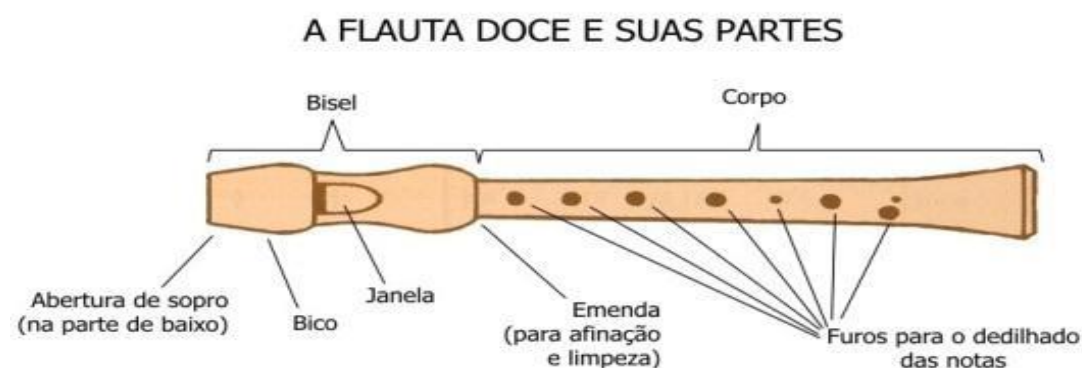
Apresentamos, seguidamente, a dedilhação da flauta doce

A flauta doce alemã



Aula de 23/02/2016 – Turma: 5º 2 – (anexo 6, cf. planificação)

A Flauta doce é um aerofone de aresta de apito (Henrique, 2006, p.19). O mesmo autor refere serem do século XV os primeiros exemplares de flautas de bisel (p. 265) e afirma ter sido este instrumento (re)descoberto do século XIX para o século XX (p. 268), sendo o seu ensino vantajoso nas escolas.



Resumo/Reflexão:

A aula teve início com a saudação entre todos. Logo após, a professora estagiária fez uma abordagem introdutória sobre o tema escolhido, a peça musical “Go West”, para a qual se ia introduzir uma nova figura musical. Para a leitura, análise e interpretação da peça, inicialmente ficaram todos os alunos sentados nos seus lugares, sendo a partitura projectada numa tela, para melhor visibilidade e leitura.

Seguidamente, a professora estagiária realizou uns exercícios/vocalizos a solo. Depois, em conjunto com os alunos, efetuou o aquecimento vocal, para o qual utilizou diferentes combinações de vogais, juntando-lhe consoantes (t e m). Para o efeito, foram apresentados *powerpoints*, com um padrão rítmico e tecidas as explicações necessárias.

Os alunos reproduziram em conjunto, imitando a professora estagiária. Foram também experienciados padrões rítmicos através de exercícios de reconhecimento auditivo, de forma a que os alunos pudessem recordar leituras rítmicas já executadas e relembrar as outras figuras musicais e pausas, igualmente, já estudadas. Com esta estratégia os discentes desenvolveram e/ou melhoraram as suas competências musicais, coordenação rítmica e motora, para seguidamente passarem à execução na flauta doce da peça musical apresentada no início da aula, pois os padrões rítmicos eram os mesmos.

Estava, pois, a turma preparada quer em termos de acuidade auditiva, quer na identificação dos padrões rítmicos e também na capacidade revelada na reprodução vocálica (boa afinação e controlo vocal) da peça referida. Demos então início à aprendizagem e execução instrumental com a flauta doce da referida peça “Go West”.

Refere-se que, inicialmente, os alunos ouviram o tema, ao mesmo tempo que visualizavam a partitura projetada, que já lhes era familiar. Depois foi posto o acompanhamento instrumental do tema a tocar, num andamento mais lento, para os alunos efetivamente começarem a tocar.

No princípio os alunos ainda evidenciavam alguma dificuldade em respeitar os 4 (quatro) tempos da semibreve na flauta. Por vezes tocavam dois tempos e depois

faziam pausa. Mas, após alguma prática e repetição, todos interpretaram o tema na íntegra, tocando todas as figuras correctamente. O uso da flauta é sustentada neste nível de ensino pelos metodólogos Carl Orff e Wuytack, sendo a sua aprendizagem deste instrumento muito vantajoso pelo domínio melódico, que exige um esforço técnico superior ao do restante material *orff*, facilidade na produção sonora e com um preço acessível. De entre outras vantagens, a flauta desenvolve a psicomotricidade das crianças, fomenta a noção de lateralidade, estimula a criatividade e melhora a capacidade de memorização e concentração do aluno, isto é, de quem tocar este instrumento (Paoliello, 2007, p. 32).

O instrumentarium *orff* não requer um domínio técnico e científico tão exigente como, por exemplo, o violino ou o piano. O papel do professor é criar um clima estimulante para a aprendizagem musical da criança, sem esta recetar ser criativa, pois a criatividade está relacionada com a improvisação, caracterizando-se por ser a capacidade de criar uma música para a expressão do pensamento, como refere (Wuytack, 1994: p. 48-49)

Não esqueçamos que os principais objetivos da metodologia Orff são exatamente estimular a criatividade das crianças e adolescentes, o sentido de improvisação e a composição, proporcionando o movimento, isto é, aprender de forma natural, tal como se aprende a língua materna, através da observação/imitação. Esta pedagogia interliga a dança, a língua falada, o ritmo e a canção, através de jogos lúdicos e atividades de improvisação onde a imaginação e a criatividade fazem da criança num criador.

A planificação efetuada e as estratégias utilizadas tiveram por finalidade aprofundar o desenvolvimento da interpretação vocal e instrumental e da perpeção sonora, com crescente autonomia, resultando num bom desempenho individual e coletivo. A aula decorreu como planeado, tendo sido cumprida na sua totalidade a planificação previamente concebida.

5.4. Da Prática Pedagógica do 3º Ciclo

A PES teve início no 1º período e realizou-se na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, no Funchal, Madeira. Foram realizadas 12 sessões, tendo cada uma a duração de 90 minutos, onde a componente teórica foi abordada na parte inicial, seguindo-se a componente prática. Nesta instituição, o 3º ciclo funciona em dois semestres divididos, pelo ano letivo anual. A turma atribuída gozou de uma prerrogativa especial, pois, tendo sido dividida em duas, ambas as metades da turma usufruíram de aulas de Música, apesar da repartição efetuada.

A PES decorreu desde o início do ano letivo até ao Carnaval (para a primeira metade da turma), e do Carnaval até ao final (para a segunda metade da turma). Entre a Orientadora e a Professora Cooperante foi acordado o número de aulas a assistir/observar e a lecionar pela professora estagiária. As aulas foram planificadas de acordo com o PE e as determinações do ME. A planificação anual já tinha sido aprovada pelo Conselho Pedagógico da instituição. Foi também indicada a turma atribuída à professora estagiária.

Para cada aula foi feita a respetiva planificação e, no final da mesma, feito um resumo/reflexão, com a finalidade de avaliar e refletir sobre a dinâmica da aula e possíveis dificuldades ocorridas (ou não) e formas de as resolver.

De acordo com as *Orientações Curriculares de Música no 3º CEB* (2001) procurámos proporcionar a vivência e a experimentação artística e estética aos discentes. A aprendizagem musical organizada em três domínios: composição, audição e interpretação, trabalhados de forma interligada.

Estas orientações estão organizadas num conjunto de onze módulos, tendo sido o módulo “Músicas no Mundo” o escolhido pela professora cooperante da disciplina. Neste contexto, as aulas respeitaram o PE da escola e foram complementadas com conteúdos e conceitos referentes ao módulo a tratar. As atividades musicais propostas, os recursos utilizados e os parâmetros de avaliação específicos constam de todas as planificações apresentadas e lecionadas. As planificações contêm os conceitos/conteúdos, os objetivos a atingir pelos alunos, as atividades propostas e a realizar, os recursos utilizados e a súmula de avaliação.

No conjunto, e de acordo com as estratégias e metodologias utilizadas, tiveram como objetivo contribuir para o desenvolvimento da literacia musical e para a prática artística, promovendo a prática vocal e instrumental. Numa interpretação na flauta de bisel, pode avaliar-se o sentido rítmico e melódico, a qualidade sonora e a fluidez, através da observação. As aulas decorreram com uma dinâmica própria, com os alunos motivados e disciplinados.

A avaliação obedeceu aos parâmetros previamente estabelecidos, no pressuposto do desenvolvimento musical dos discentes. Foi realizada nos momentos previstos e através da utilização de vários instrumentos pedagógicos. Apresentamos, seguidamente, de entre as diversas aulas planificadas e lecionadas, uma planificação do 7º ano do 3º ciclo do EB⁸.

⁸ Ver **anexo 2 do DVD** com as planificações das aulas; e **anexo 4 do DVD** com os sumários das aulas.

Planificação da aula de 11 de fevereiro de 2016

Aula de 11/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo 1, cf. planificação)

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva				
Sumário Módulo: <i>Músicas do Mundo</i> – Música Africana; Aprendizagem da música “Si ma ma ka” com percussão corporal.		Horário: 13h00 – 14h45 Duração: 90min	Turma: 7º 2	Data: 11.02.2016
Conceitos/Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Músicas no Mundo Figuras - Mínima - Semínima - Semínima com um ponto de aumentação - Colcheia Timbre (voz e percussão corporal) Dinâmica (forte e piano) Altura (grave e agudo) Ritmo (pulsção) Forma (elementos repetitivos na música)	Rever conteúdos já aprendidos Perceção sonora e musical (ouvir, analisar e descrever o vocabulário musical através da audição e da prática vocal e instrumental) Conhecer o ponto de aumentação Desenvolver e aprofundar a prática vocal Explorar as potencialidades da voz Desenvolver a prática instrumental Executar toda a peça musical	A professora faz uma breve introdução ao tema em estudo, com apresentação de <i>Power Point</i> , dando continuidade à atividade iniciada na aula anterior Breve explicação aos alunos sobre algumas regras a ter em conta durante o trabalho na aula Revisão das figuras musicais já aprendidas Aprendizagem da letra da música Aprendizagem do canto individual e em conjunto Execução de percussão corporal Execução integral da peça.	Quadro e giz Projetor Computador Powerpoint Instrumental da canção (Disponível em: https://soundcloud.com/user-528571403/sima-maka)	Grau de conhecimento Capacidade de leitura da pauta musical Capacidade de leitura das notas musicais Avaliação individual do aluno, na interpretação/ desempenho na parte vocal e instrumental, incluindo a percussão corporal, da peça musical <i>Si ma ma ka</i> .

Aula de 11/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo 2, cf. planificação)

SI MA MA KA

Tradicional do Gana
Transcrição: Sandra Jardim



Aula de 11/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo 3, cf. planificação)

Seguiu-se a contextualização da peça musical a ser trabalhada “Si ma ma ka”, tradicional do Gana. Foi, então, apresentado um mapa do Continente Africano, para os alunos situarem geograficamente este país.



Aula de 11/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo 4, cf. planificação)

Posteriormente, foram apresentados os instrumentos mais utilizados na música africana, através de um *powerpoint*, conforme figura abaixo. Recorreu-se ainda a um vídeo para que os alunos ouvissem o som dos instrumentos e visualizassem a sua execução.



Aula de 11/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo 5, cf. planificação)

A avaliação ds alunos é feita utilizando a grelha que se apresenta:

Grelha de Auto avaliação					
Nome: _____					
Ano: 2015-16 Turma: _____					
Exercício: _____					
Data: ____/____/____					
Critérios	1	2	3	4	5
Domínio Rítmico					
Domínio Auditivo					
Domínio de Altura					
Domínio da Forma					
Domínio da Dinâmica					
Entoação					
Iniciativa					
Trabalho individual					
Trabalho em grupo					
Participação					
Assiduidade					
Postura na sala de aula					

Legenda	1	2	3	4	5
	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom	Excelente

Resumo/Reflexão da aula:

A aula do dia 11 de fevereiro de 2016, do 7º ano, da turma 2, teve início no horário previsto, conforme consta na planificação. A aula (e outras que a antecederam e outras que se seguiram) de que apresentamos uma planificação⁹, está integrada no módulo “Músicas no Mundo”.

Começámos com a revisão da matéria lecionada na aula anterior, passando imediatamente à contextualização história do tema *Músicas do Mundo*. Para a realização das diversas aulas, foi necessário proceder a algumas investigações, para se poderem preparar os materiais didáticos que gradualmente se foram apresentando aula após aula.

De seguida, para que geograficamente todos os alunos conhecessem o país de onde a música era proveniente, apresentou-se um mapa em *power point* e dadas informações pertinentes e esclarecedoras. Assim, foi feita uma introdução à música africana, fazendo referência ao facto de esta ser uma atividade comunitária que acompanha as tarefas do dia a dia e está presente nos rituais religiosos. Acompanha também os vários os ciclos da vida, nomeadamente: o nascimento, a passagem pela adolescência, a entrada na idade adulta, o casamento, e a morte. Foi também dito que, relativamente à música instrumental, esta é à base da execução rítmica, efetuada também com a realização de ostinatos utilizando sons corporais e com instrumentos convencionais, mantendo a pulsação. Já na música vocal, a voz é acompanhada por instrumentos de percussão, sendo as interpretações improvisadas. A música vocal é também muito rica em termos polifónicos.

Os alunos seguiram atentamente as explicações da professora. O módulo trabalhado na presente aula permitiu aos alunos explorarem as potencialidades da voz, o que contribuiu para as relações interpessoais e uma melhor interação no grupo, gerando um aprazível ambiente durante a aula. Foram exploradas na aula a perceção auditiva, a coordenação rítmica entre os instrumentos musicais (flauta doce), a percussão corporal e a prática vocal. As estratégias utilizadas proporcionaram uma resposta rápida e uma boa participação dos alunos, sempre motivados.

⁹ Exemplos de planificações da turma do 7º ano (vd. Anexo 2 – DVD).

Como atividade final da aula, os alunos interpretaram a canção tradicional do Gana (África) “*Si ma ma ka*”, a qual foi cantada individualmente e em grupo e, depois, executada com acompanhamento de flauta doce e percussão corporal.

Os alunos evidenciaram uma boa coordenação motora e, por isso, a percussão foi de fácil aprendizagem. Os alunos já possuíam conhecimentos prévios sobre este instrumento, o que também facilitou o trabalho. O mais difícil foi trabalhar a melodia a duas vozes, que melhorou com a prática.

Neste grupo de alunos, havia um menino com autismo. No início estava expectante relativamente ao que poderia vir a ser o seu comportamento na aula de Educação Musical, por ter sido alertada para a possibilidade de ele ficar um pouco perturbado. No entanto, tal não aconteceu, mostrando-se receptivo e colaborante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre avanços e recuos, curtos períodos de liberdade que se foram alternando com outros mais longos de autoritarismo, o quadro educacional nacional foi mudando ao longo do século XX até ao presente. No pós 25 de Abril de 1974, houve uma expansão de oportunidades escolares bem como um acréscimo seletivo do grau de escolaridade e também um apontar para a “formação técnica e ético-política das classes trabalhadoras”, que se poderia definir como uma “cultura empresarial”, já recomendada na LBSE e posteriores políticas educativas.

As mudanças tecnológicas colocaram também novas questões à educação e estabeleceram patamares de maior exigência formativa mas, por outro lado, também contribuíram para crescente desemprego (este como fenómeno que de conjuntural, temporário passou a estrutural, com fortes implicações na profissão docente).

Estamos cientes de que uma discussão sobre o papel educativo da música tem de estar na mesa quando o ME proceder a nova, séria e justa reforma, que se espera realizada num tempo próximo. Com efeito, a visão de “arte como divertimento” e um sistema de avaliação do EB com tantas deficiências e dificuldades para os alunos (e a comunicação social, a alertar constantemente para tal, apontando o Português e a Matemática como focos de destacada exigência em detrimentos de outras disciplinas), são por si, indício de que algo não está bem e tem de ser mudado, na educação em geral.

A música, como todas as artes, pode ser uma expressão da liberdade e da capacidade criadora, devendo, por isso, ser considerada um direito humano inalienável. Mais do que um direito e sem esquecer a sua importância no desenvolvimento infantil e juvenil, deve voltar-se à ideia de “música como atividade desejável, indispensável à sociedade”, sendo uma prática que também permite aos cidadãos uma interação e solidariedade inquestionáveis. Assim, é necessário que numa sociedade democrática como é a nossa, o ensino da Expressão/Educação Musical/Música seja, não apenas uma parte integrada nos currículos do EB, mas uma componente essencial e com carácter obrigatório em todo o ensino básico público.

A Prática de Ensino Supervisionada que a estagiária realizou nos três ciclos do EB, na RAM, foi bem-sucedida, e contribuiu para um quadro mais abrangente de

saberes e competências, preparando-a e apetrechando-a de ferramentas pedagógicas, metodológicas e organizativas, que permitem vislumbrar um futuro profissional promissor.

A Prática Pedagógica no 1º CEB foi uma experiência muito gratificante, tendo como única dificuldade o facto da estagiária ser trabalhadora-estudante e, por isso, ter sido obrigada a um esforço suplementar na rigorosa organização do tempo: na tripartição trabalho, estudo/estágio e vida pessoal e familiar.

A realização do estágio no 1º CEB decorreu no segundo semestre do ano letivo 2014-15, durante o qual ocorreu também a *Semana Regional das Artes*, que é um dos maiores eventos artísticos da RAM, tendo nela trabalhado com grande afinco, colaborando diretamente num evento de grande dimensão artística que atrai àquela região autónoma não apenas milhares de residentes, mas também de turistas nacionais e estrangeiros.

O envolvimento na preparação dos alunos para o evento referido foi uma experiência única, no que respeita ao conhecimento de tudo o que envolve a preparação e organização de espetáculos (dentro e fora da escola), com a participação de várias escolas, num mesmo tema musical.

Colhendo inspiração no tema da festa final da escola onde o estágio ocorreu, podemos concluir, parafraseando Antoine de Saint-Exupéry (1943) na obra *O Príncipezinho*, quando diz: «Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que tornou a tua rosa tão importante». Por outras palavras, é o tempo que dedicamos aos nossos alunos que os torna tão importantes para nós. O professor tem que ter um papel de guia, mostrando o caminho a seguir. Se o professor dedicar o seu tempo aos alunos, estes retribuir-lho-ão.

A PES no 2º e 3º ciclo foi realizada na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, no ano letivo de 2015-16.

As turmas intervencionadas, foram, respetivamente, uma do 5º ano e uma de 7º ano de escolaridade. Esta última, teve a particularidade de ser dividida, tendo parte da turma a leção de TIC, enquanto à outra coube a leção de Música. Assim, como foi convencionado com a Orientadora e a Professora Cooperante, esta turma independentemente de ter sido dividida como se descreveu, ambas as partes acabaram por ter aulas de Música, sendo que uma durante o início do ano letivo até

ao Carnaval, e a outra parte da turma do Carnaval até ao final. A divisão acabou por ser uma grande vantagem do ponto de vista de aprendizagem. Também o facto de serem menos alunos, permitiu trabalhar com maior eficácia do que se tivéssemos uma turma com 25 alunos. O módulo seleccionado foi o designado por *Músicas do Mundo*.

Também com a turma do 5º ano, do 2º CEB, as aulas foram planeadas de acordo com o programa da disciplina, estando os conteúdos programáticos previamente definidos e aprovados em Conselho Pedagógico, mas a professora cooperante deu à estagiária a oportunidade de trabalhar também itens da sua preferência. Foi um verdadeiro trabalho de equipa, se assim o pudermos denominar.

Durante a PES do 2º e 3º CEB, a estagiária participou em várias actividades extra-curriculares, nomeadamente, um concurso de vozes. Integrou também um júri para os *castings*, para em colaboração com os outros jurados, seleccionar os candidatos à participação no concurso. Foi uma experiência muito gratificante, não só pela percepção da dificuldade da decisão sobre o mérito absoluto e relativo dos candidatos e respetiva seriação, mas também pela nova experiência e conhecimento de um outro lado que a profissão docente pode fornecer.

A maior vantagem da PES foi poder aplicar na prática, toda a teoria adquirida ao longo do percurso académico, nomeadamente da licenciatura e do mestrado. Os conhecimentos científicos teóricos e/ou teórico-práticos são excelentes ferramentas que auxiliaram no desempenho geral do estágio, bem como todo o apoio e colaboração não só da Orientadora como também dos professores cooperantes.

Foi muito vantajoso ter realizado estágio nos três ciclos do EB, tão diferenciados entre si, o que nos deu também uma noção não apenas do funcionamento de cada um deles, mas do que é na realidade trabalhar com todo o ensino básico, nesta área tão importante para a construção e o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e jovens, que é a arte dos sons, o ensino da música. Constituiu uma experiência gratificante e fundamental para a futura profissão de docente de Educação Musical. Cada aula foi repleta de aprendizagem, não só por parte dos alunos, mas também por parte da estagiária. Foi um processo de aprendizagem recíproco, com partilha de conhecimento, experiência e emoções.

Em síntese, consideramos que o melhor de toda esta experiência pedagógica (no fim dos três estágios – 1º, 2º e 3º ciclos de escolaridade), foi poder concluir que ser professora do Ensino de Educação Musical no Ensino Básico está no âmbito das suas aspirações e competências.

REFERÊNCIAS

Bibliografia e Webgrafia

Legislação

Bibliografia e Webgrafia

- Alves, M., Ribeiro, J., & Simões, F. (2013). Universal Design for Learning (UDL): contributos para uma escola de todos. *Indagatio Didactica*, 5(4). Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2570/2437>
- Armstrong, V. (2011). *Technology and the Gendering of Music Education*. Ashgate e-book, Surrey. pp. 1-18.
- Behlau, M. (2011). Respostas para perguntas frequentes na área de voz. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/campanhadavoz/FAQs2011.pdf>
- Bennett, Roy (1986). *Uma breve história da música*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- Bertoluchi, M. A. (2011). *Autismo, musicalização e musicoterapia*. Disponível em: <http://meloteca.com/pdf/musicoterapia/autismo-educacao-musical-e-musicoterapia.pdf>
- Boal-Palheiros, G. (2014). A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças. In: J. D. L. Pereira; M. F. Vieites & M. S. Lopes (Coords.) *As Artes na Educação* (207-221). Chaves: Intervenção-Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Brito, T. A. de. *Música na Educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, (2003). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dQUI4OQfk8YC&lpg=PP1&pg=PP1&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>
- Bueno, V. F., & Macedo, E. C. (2004). *Julgamento de estados emocionais em faces esquemáticas por meio da música por crianças*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Carvalho, F. D. G. (2016). Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'Artes. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14827/1/FILIPA_CARVALHO.pdf
- Carvas Monteiro, M. A. (2014). Da Música na Educação. In: J. D. L. Pereira; M. F. Vieites & M. S. Lopes (Coords.) *As Artes na Educação* (177-188). Chaves: Intervenção-Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Chiarelli, L., & Barreto, S. (s.d.). *A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser*. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: www.meloteca.com/musicoterapia2014/a-musica-como-meio-de-desenvolver-a-inteligencia.pdf

- Cross, I. (2006). Música, mente e evolução. *Cognição & Artes Musicais/Cognition & Musical Arts*. 1, pp. 22-29.
- Cunha, P. F. M. D. A. (2013). Música bem temperada na Escola. Narrativas de vida na construção da profissionalidade de um Educador Musical. Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- Dias, M. (2016). *Música e Emoção – O Ser Musical*. Disponível em: <http://clam2016.com/musica-e-emocao/>
- Encarnação, M. (2016) Que educação queremos? Preparar o lugar da Música no currículo do séc. XXI. Conferência Currículo do séc. XXI: competências, conhecimentos e valores. Lisboa: Fundação Caloste Gulbenkian.
- A Educação Artística e Cultural nas Escolas na Europa (2010). Agência de Execução relative à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA P9 Eurydice). Disponível em: http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/113PT.pdf
- Ferreira, M. I. C. (2012). A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º Ciclo e de Educação Especial. Lisboa. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2564>
- Finney, J. & Burnard, P. (eds.) (2007). *Music Education with Digital Technology* (pp. 95–106). London: Continuum International Publishing Group.
- Freire, I. (2011) *A música como promotora de bem-estar psicológico na adolescência*. WEB: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4946>
- Freire, V. B. (2010). Música e Sociedade : uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música, 2. ed. revista e ampliada. Florianópolis : Associação Brasileira de Educação Musical.
- Friend, M. & Bursuck, W. (2006). *Including Students With Special Needs: A practical guide for classroom teacher*, 4/E. Ablongman. Disponível em: http://www.ablongman.com/html/productinfo/friend4e/contents/0321317742_ch05.pdf
- Gonçalves, C. (2009). *OrffEu – Prática Instrumental. Foco musical*, Lisboa, p. 50-51.
- Goulart, D. (2000) *Dalcroze, Kodály, Orff e Suzuki: Semelhanças, diferenças, especificidades*. Rio de Janeiro: Trabalho académico para a disciplina de Movimentos Pedagógicos I. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rpEGuzDu3fQJ:scholar.google.com/+dalcroze&hl=pt-PT&lr=lang_pt&as_sdt=0,5

- Gonçalves, C.; Cristóvão, N. & Esteireiro, P. (2016). Modalidades Artísticas na Região Autónoma da Madeira (Portugal): Das primeiras atividades de enriquecimento curricular à definição do atual modelo de política educativa (1985-2016). *Revista ABEM*, v. 24, n. 37 (35-52). Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/download>
- Gouveia, A. C. V. (2015). Educação Musical e as Novas Tecnologias. Ferramentas de Apoio ao Professor de Música. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/11701>
- Henrique, Luís (2006). *Instrumentos Musicais*, 5ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hummes, J. M. (2004). *Por que é importante o ensino de música? Considerações da música na sociedade e na escola*. ABEM, Porto Alegre, n. 11, p. 17 – 25. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed11/revista11_artigo2.pdf
- Ilari, B. (2006). Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: B. Ilari (org.) *Em busca da mente musical. Ensaíods sobre os processos cognitivos em música. Da percepção à produção*, (pp. 271-302). Curitiba: Editora UFPR.
- Ilari, B. (2003). A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento param a educação musical. *ABEM*, Porto Alegre, n. 9, p. 7 – 16. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf
- Lecanuet, J. P. (1996). Prenatal auditory experience. In: I. Deliége & J. Sloboba (Eds). *Musical beginnings. Origins and developement os musicl competence* (pp. 171-190). Oxford: Oxford University Press.
- Leite, C. (2000). Paniel: Monodocência – coadjuvação. *Gestão curricular no 1º Ciclo. Monodocência – Coadjuvação. Encontro de Reflexão* (pp. 45-52). Viseu/Lisboa: DEB.
- Lemos, M. (1993). *A motivaçãoo no processo de ensino-aprendizagem em situação de aula*. Universidade do Porto. Tese de doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lessard-Hébert, M. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Levitin, D. J. (2007). *Uma Paixão Humana. O seu cérebro e a Música*. Lisboa: Bizânico.
- Levitin, D. J. (2013). *Uma Paixão Humana. O seu cérebro e a Música*, 2ª Edição. Lisboa: Bizânico.

- Luís, C. H. S. (2013). A aprendizagem musical como elemento de aprendizagem de competências matemáticas. Universidade de Aveiro. Tese de doutoramento.
- Marques, C. M. P. (2007). Aprendizagem musical e sensibilidade prosódica: estudos comportamentais e electrofisiológicos com adultos e crianças. Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/41645?locale=pt>
- Merriam, A. P. (1964). The anthropology of music. Chicago: Northwestern University Press.
- Miyara, F. (1999). La voz humana [em linha]. Disponível em: <http://www.fceia.unr.edu.ar/prodivoz/fonatorio.pdf>
- Mithen, S. (2005). The singing Neanderthals: The origins of music, language, mind and body. London: Weidenfeld and Nicholson.
- Morin, E. (2000). Reforma do pensamento e da educação no século XXI. Em Vários, As Chaves do Século XXI. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mota, G. (2014). *A Educação Musical em Portugal – Uma história plena de contradições*. CIPEM. Debates, UNIRIO, nº13, pp. 41-50. Disponível em: www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/download/4609/4120
- Muszkat, M; Correia, C. M. F. & Campos, S. M. (2000). Música e Neurociências. *Rev. Neurociências*, 8 (2) pp. 70-75.
- North, A.C.; Hargreaves, D. J. & O'Neill, S. (2000). The importance of music to adolescents. *British Journal of Educational Psychology*, 70, pp. 255-272.
- Nunes, C., & M., I., (2015) *Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas*. Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa. Disponível em: <http://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/84/pdf>
- Paoliello, N. O. (2007) - *A Flauta Doce e sua dupla função como instrumento artístico e de iniciação musical*. [Em linha] Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/noarapaoliello.pdf>.
- Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2001). O Mundo da Criança. Amadora: McGraw-Hill
- Pereira, A. L. (2009). A voz cantada infantil: pedagogia e didática. *Revista de Educação Musical, APEM*, nº 132, pp. 33-45.
- Peretz, I. (2006). The nature of music from a biological perspective. *Cognitio*, 100 (1), pp 1-32.
- Relvas, M. (2009). O lugar da música no ensino básico: música para todos [em linha]. In Congresso do 1º ciclo de Pequenino se trilha o caminho. Porto:

- Editora Gralivro. Disponível em: <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/799/1/O%20lugar%20da%20M%C3%BAtica%20no%20Ensino%20B%C3%A1sico.pdf>
- Sanches, I., & Teodoro, A. (2006). *Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos*. *Revista Lusófona de Educação*. 8, 63-83. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n8/n8a05.pdf>
- Santos, M.A. C. (2004). *Música, Educação e Democracia*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Tese de doutoramento.
- Santos, N. *et al.* (2014). *Da Escola ao Palco* (vol. 1) Livro do Professor – Expressão Musical e Dramática, 1º Ciclo do Ensino Básico, *Foco Musical e AREArtística*, p.82.
- Santos, N. *et al.* (2014). *Da Escola ao Palco* (vol. 3) Livro do Professor – Expressão Musical e Dramática, 1º Ciclo do Ensino Básico, *Foco Musical e AREArtística*, pp. 87-90.
- Silva, B., & Blanco, E. (1993). *A Tecnologia Educativa em Portugal: conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação*. *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (3), 37-55, (1993). Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/521/1/1993,6%283%29,37-56%28EliasBlanco%2526BentoDuartedaSilva%29.pdf>
- Silva, S. (2008). Aprendizagem colaborativa: uma proposta ao serviço de uma aprendizagem profunda. *Pedagogia no Ensino Superior*, n. 3, 40-41.
- Simões, A. (2012) *As Emoções ao compasso da música: um olhar sobre a influência da música na resposta emocional*. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8076/1/ulfpie043069_tm.pdf
- Sousa, M. R. (2015). *Metodologias no ensino da música para crianças*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora.
- Souza, J. A. K. S. de, & Santos, J. C. dos. (2013). *A Música Como Auxílio Inovador em Sala de Aula*. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/117/pdf>
- Taggart, G., W., K. & Sharp, C. (2004). *Curriculum and Progression in the Arts: An International Study. Final report* (International Review of Curriculum and Assessment Frameworks Project). Londres: Qualifications and Curriculum Authority.
- Teodoro, A. & Aníbal, G. (2008). “A Educação em tempos de globalização, modernização e hibridismo nas políticas educativas em Portugal”. *Revista Iberoamericana de Educación*, 48, pp. 73-91.

- Vieira, M. N. (2004). Uma introdução à acústica da voz cantada [em linha]. In *I Seminário Música Ciência Tecnologia: Acústica Musical*. São Paulo, pp. 70-79. Disponível em: http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/05_vieira.pdf
- Weigsding, J. A. & Barbosa, A. P (2014). A influência da música no comportamento humano/The influence of music on human behaviour. *Arquivos do MUDI*, v. 18, n. 2, pp. 47-62.
- Welch, G. F. (2003). Investigar o desenvolvimento da voz e do canto ao longo da vida. *Revista Música, Psicologia e Educação, ESE-CIPEM*, nº 5. Instituto Politécnico do Porto – Escola Superior de Educação do Porto, pp. 5-20.

Legislação consultada

Leis

Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro,

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro

Lei n.º 66/79 de 4 de Outubro

Lei n.º 24/99 de 22 de abril

Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro

Lei n.º 47/2006 de 28 de agosto

Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto

Lei n.º 5/73, de 25 de julho

Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto

Lei n.º. 115/1997, de 19 de Setembro,

Lei n.º. 49/2005 de 30 de agosto.

Decretos-Lei

Decreto-Lei n.º 174/77 de 2 de maio

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio

Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de julho

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho

Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de maio

Decreto-Lei n.º 176/2012 de 2 de agosto

Decreto-Lei n.º 178/71, de 30 de junho

Decreto-Lei n.º 18/2011 de 2 de fevereiro

Decreto-Lei n.º 208/2002 de 17 de outubro

Decreto-Lei n.º 212/2009 de 3 de setembro

Decreto-Lei n.º 224/2009, de 11 de setembro

Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de fevereiro

Decreto-Lei n.º 240/80 de 19 de julho

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro

Decreto-Lei n.º 319/91 de 23 de agosto

Decreto-Lei nº 35/90 de 25 de agosto
Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro
Decreto-Lei nº 43/89 de 3 de fevereiro
Decreto-Lei nº 491/77 de 23 de novembro
Decreto-Lei nº 51/2012, de 5 de setembro
Decreto-Lei nº 538/79 de 31 de outubro
Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro
Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de março
Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de abril
Decreto-Lei nº 85/2009 de 3 de abril

Despachos

Despacho n.º 3838/2008 de 14 de Fevereiro
Despacho nº 14759/2008 de 28 de maio
Despacho nº 162/91, de 23 de Outubro
Despacho nº 16872/2011 de 15 de Dezembro
Despacho nº 173/ME/91 de 23 de outubro
Despacho nº 17387/2005 de 28 de junho
Despacho nº 243/76 de 12 de agosto
Despacho nº 523/75 de 31 de dezembro
Despacho nº 54/77 de 17 de maio

Despachos Normativos

Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro
Despacho Normativo nº 98-A/92 de 20 de Junho

ANEXOS

ANEXO 1 – Planificações de aulas do 1º CEB e respectivos anexos de apoio**Planificação da aula de 27 de maio de 2015****Aula de 27/05/2015 – 1º ano – (anexo A, cf. planificação)**

EB1/PE do Areeiro				
Expressão Musical e Dramática			Turma: 1º ano	Data: 27.05.2015
Conceitos/ Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Timbre - sons vocais Dinâmica - forte - piano Altura - agudo ('fino') - grave ('grosso') - linhas sonoras ascendentes e descendentes Ritmo - pulsação - som - silêncio (pausa) Forma - elementos repetitivos - imitação Repertório Tradicional Madeirense Brinquedo Tradicional Cantado	Dominar sons corporais Explorar as potencialidades da voz Desenvolver e aprofundar a prática vocal Aprender a letra da canção Cantar em grupo Conhecer músicas de repertório variado Realizar jogos tradicionais	Audição do jogo tradicional cantado “ <i>O anel</i> ” Diálogo sobre tradições Aprendizagem da letra da canção e sua entoação Junção da letra com a música Entoação da letra alternada com frases rítmicas Canto da canção em simultâneo com o jogo: <i>uma das crianças fica no centro da roda com um anel escondido entre as mãos. As restantes mantêm as mãos unidas. As crianças iniciam a interpretação da canção enquanto a do meio, passa pelos colegas deixando ficar o anel num deles, tentando que ninguém perceba onde deixou ficar o anel. Depois de passar por todos os colegas sugere alguém para tentar adivinhar onde está o anel. Quem descobrir será o próximo a realizar o jogo.</i>	Suportes áudio Aparelhagem áudio Anel	Capacidade de interpretação e expressão vocal Capacidade de concentração e de afinação Grau de conhecimento de tradições musicais da Madeira

Anexo A – Planificação da aula da turma do 1º ano, de 27 de maio de 2015

Aula de 27/05/2015 – 1º ano – (anexo B, cf. planificação)

Co - rre, co - rre ó lin - do a - nel Co - rre, co - rre sem pa - rar On - d'es

5 tá, on - de se en - con - tra? Quem o po - de a - di - vi nhar? Quem no po - de a - di - vi

10 nhar? Sim, quem no a - di - ví - nhou? Vai co -

13 rren - do lin - do a - nel Que da mi - nha mão pa - ssou.

Anexo B – Partitura do jogo tradicional cantado “O anel”, versão do grupo musical Xarabanda

ANEXO 2 – Planificações de aulas do 2º CEB e respectivos anexos de apoio**Aula de 5 jan 2016 – Turma: 5º 2** – (anexo C, cf. planificação)

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva				
Sumário Interpretação instrumental da música “Pérola do Oriente”. A Escala Pentatónica. Improvisação sobre a escala pentatónica.		Horário: 08h00 – 09h30 Duração: 90min	Turma: 5º 2	Data: 05.01.2016
Conceitos/Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Timbre - Flauta doce - Instrumentos Orff Dinâmica (organização das dinâmicas: f, p) Altura - agudo e grave - notas musicais - melodia - escala pentatónica Forma - elementos repetitivos; - imitação - repetição Ritmo - Pulsação - Figuras (Mínima e Semínima) - compasso quaternário	Rever conteúdos já aprendidos Perceção sonora e musical (ouvir, analisar e descrever características rítmicas, melódicas e formais da música, utilizando o vocabulário musical) Desenvolver e aprofundar a prática instrumental Desenvolver a prática instrumental Aprender a interpretar a melodia na flauta doce Explorar as potencialidades dos instrumentos Orff Executar toda a peça musical	Revisão das figuras e notas musicais já aprendidas Explicação teórica e representação gráfica Aprendizagem da melodia correspondente à flauta doce, por partes Execução integral da peça Improvisação nos instrumentos Orff Reflexão do que foi feito na aula, novos conceitos e novo tema musical	Quadro e giz Projetor Computador CD do manual com partitura e acompanhamento musical <i>Manual “100% música – 5º ano”</i> Flauta doce Instrumentos Orff	Grau de conhecimento Capacidade de leitura das figuras Capacidade de leitura e execução das notas musicais na flauta doce Capacidade de reflexão, através de exposição de ideias e debates.

Anexo C – Planificação da aula de 5 jan 2016 – Turma: 5º 2

Aula de 5 jan 2016 – Turma: 5º 2 – (anexo D, cf. planificação)

Pérola do Oriente (com voz guia)

A

B

IMPROVISAÇÃO

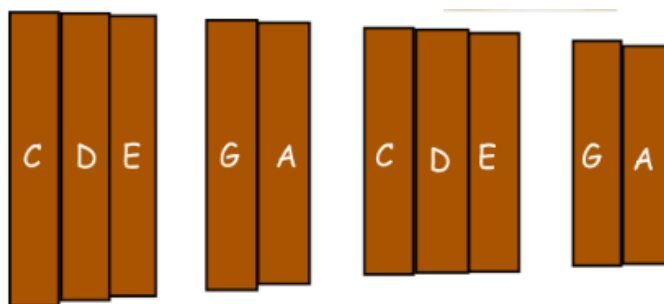
Anexo D – Partitura da peça “Pérola do Oriente”

Escala pentatónica

Escala pentatónica de dó

Escala pentatónica de dó

Anexo E – Escala pentatónica de Dó



Anexo F – Xilofone sem as notas FÁ e SI

Resumo/Reflexão:

Esta primeira aula lecionada no dia 05.01.2016 iniciou com uma introdução acerca da escala pentatónica. Foi perguntado aos alunos se sabiam o que era a escala pentatónica. Alguns deles já conheciam, visto que havia alunos nesta turma que frequentavam o Conservatório de Música. Havia também alunos que nunca tinham ouvido falar nesta escala.

Assim, foi primeiramente feita a explicação e exemplificação da construção da escala de Dó Maior, bem como da escala pentatónica, para que os alunos pudessem ouvir e aprender as diferenças.

Depois, foi-lhes apresentado em ppt o mapa do mundo, para lhes mostrar que a escala pentatónica é mais utilizada no Oriente e que a escala diatónica de Dó M é mais utilizada no Ocidente, onde o nosso país também se encontra. Foi dado o seguinte exemplo: se tocassem em todas as teclas pretas do teclado do piano, teriam a escala pentatónica. Posto isto, foram tocados pela professora estagiária 5 excertos musicais, uns com a escala de Dó M e outros com a escala pentatónica, e os alunos tiveram que escrever qual a escala que em cada momento estavam a ouvir.

Depois, os alunos improvisaram nos xilofones, sem as lâminas Fá e Si. De seguida foi trabalhada a peça “Pérola do Oriente”, do manual *100% Música*. Foram lidos os nomes das notas e vista a dedilhação de cada uma delas na flauta. Em seguida, foi tocada a parte A na flauta e posteriormente a parte B. Enquanto uns tocavam a parte B na flauta, alunos previamente seleccionados improvisavam no xilofone durante esses 8 compassos.

Observações:

1. Esta aula foi dada noutra sala onde estão guardados os instrumentos, por ser difícil transportá-los de uma sala para outra.
2. Na aula imediatamente a seguir, de 12 de jan., os consteúdos foram os mesmos, pelo que não se repete a indicação da planificação e seus anexos.

A peça foi trabalhada como seguidamente se indica.

Resumo/Reflexão (12.01.2016):

A aula iniciou-se com a revisão do tema “Pérola do Oriente”. O CD que faz parte do manual utilizado, tem o acompanhamento instrumental das várias peças num andamento mais lento e outro no andamento normal. Na aula anterior os alunos tinham tocado com o acompanhamento mais lento e, na aula de 12 de janeiro, tocaram no andamento normal.

No início revelaram alguma dificuldade pois era muito rápido para conseguirem acompanhar mas, com prática, no final da aula, todos conseguiram tocar esta música no andamento normal.

Seguiu-se a realização de um jogo chamado o “Xilofone Humano”. Neste jogo, temos que formar um xilofone, sendo que cada lâmia é representado por uma pessoa. Visto que estava a ser trabalhada a escala pentatónica, o jogo realizou-se com sete alunos, sendo que seis deles representavam as notas da escala pentatónica (DÓ, RÉ, MI, SOL, LÁ, DÓ), e o outro era o intérprete, ou melhor, o executante do instrumento. O aluno que estava a tocar o instrumento tinha que tocar na mão de um dos alunos que formava o “Xilofone Humano”, e este tinha que cantar a nota que lhe estava previamente atribuída. Assim sendo, o aluno que estava a “tocar o instrumento” tinha que criar uma melodia, em que os colegas é que a cantavam.

ANEXO 3 – Planificações de aulas do 3º CEB e respectivos anexos de apoio

Planificação da Aula de 18/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo G, cf. planificação)

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva				
Sumário Módulo: <i>Músicas do Mundo</i> – Interpretação da canção “Si ma ma ka” a duas vozes; Música Árabe – Características e instrumentos tradicionais. Interpretação do Cântico “Shalom, Chaverim!”.		Horário: 13h00 – 14h45 Duração: 90min	Turma: 7º 2	Data: 18.02.2016
Conceitos/Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Músicas no Mundo Figuras - Mínima - Semínima - Colcheia - Semicolcheia Timbre - Voz Dinâmica - Forte (f) e piano (p) Altura - Grave e agudo - Escala menor Ritmo (pulsação) Forma Cântico	Rever conteúdos já aprendidos Perceção sonora e musical (ouvir, analisar e descrever o vocabulário musical através da audição e da prática vocal) Conhecer uma nova forma musical: o Cântico Distinguir a escala natural menor e maior Desenvolver e aprofundar a prática vocal Explorar as potencialidades da voz Executar o cântico a três partes	A professora faz uma breve introdução ao tema em estudo, com apresentação de <i>Power Point</i> , dando continuidade à atividade iniciada na aula anterior Breve explicação aos alunos sobre algumas regras a ter em conta durante o trabalho na aula Revisão das figuras musicais já aprendidas Aprendizagem da letra da música Aprendizagem do canto individual e em conjunto Execução de coreografia improvisada Execução integral da peça.	Quadro e giz Projetor Computador - <i>Powerpoint</i> Colunas de som	Grau de conhecimento Capacidade de leitura da pauta musical Capacidade de manter a sua voz afinada sem distrair-se com as outras vozes do cântico Avaliação individual do aluno, na interpretação/ desempenho na parte vocal Avaliação individual do aluno, na interpretação/ desempenho na parte vocal, da peça musical <i>Shalom, Chaverim!</i>

Aula de 18/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo H, cf. planificação)

De acordo com a peça que foi trabalhada, damos conta de alguns instrumentos pedagógicos utilizados na aula.

Música Árabe

- Baseia-se nos modos **Māqam** (escalas)
- Utiliza muito a improvisação
- Explora imenso a voz humana
- É essencialmente monódica (tem uma só melodia), mas por vezes surge a polifonia



Música Árabe



[Alaúde](#)



[Darbuka](#)



[Duff](#)



Flauta uffataha



[Zurna \(Charamela\)](#)

Anexo H – Música Árabe e seus instrumentos tradicionais

Shalom, Chaverim!

Tradicional Árabe
Transcrição: Sandra Jardim

Sha lom, cha ve rim! Sha lom, cha ve rim! Sha lom, sha lom! Le hit ra__ ot le hit ra__ ot sha lom, sha lom!

Anexo I – Partitura da peça “Shalom, Chaverim”

Aula de 18/02/2016 – Turma: 7º 2 – (anexo J, *cf.* planificação)

Escala natural de Dó M. (Ascendente)



Escala natural de Ré menor (Ascendente)



Anexo J – Escala natural de Dó Maior e Ré menor (Ascendentes)

Resumo/reflexão:

A aula teve início à hora normal e começou com uma revisão da matéria da sessão anterior. Foi relembrada a implementação da escala maior e de que é a partir desta que se constituem os acordes maiores. Os esquemas estavam assimilados pelos alunos, tendo o exercício também a intenção de iniciar o aquecimento vocal, indispensável a uma boa *performance* que depois teve lugar.

Também foi importante para os alunos treinarem e, consequentemente, quando se trabalha em grupo, a afinação ser mais rapidamente alcançada.

Neste dia foi possível afinar melhor a melodia a duas vozes do que na aula anterior, na qual não ficara perfeita. Os alunos lembravam-se bem da melodia e da percussão corporal trabalhada, o que muito facilitou o trabalho, conquistando-se mais tempo para trabalhar a nova peça musical.

Desta forma, prosseguiu a viagem pelo continente africano, desta vez através da música árabe. A peça trabalhada foi um cânone intitulado “Shalom”. Inicialmente, foi trabalhada a melodia, em uníssono, depois dividiu-se a turma em dois grupos, e por último em três.

Quando os alunos se sentiram mais à vontade com o cânone, passámos a fazê-lo a três vozes, dividindo a turma em três grupos. Para tal, os alunos foram estrategicamente selecionados e posicionados, para uma boa eficácia, uma vez que trabalhar de forma colaborativa exige ajustes mútuos dos intervenientes, mas contribui para a confiança, participação mais prazerosa e segura da atividade, conforme a estética pretendida. Esta estratégia, como refere Sousa (2015: p. 88), baseia-se nos fundamentos de Carl Orff, os quais se sintetizam «no agir, reagir, integrar e colaborar, onde convergem um conjunto de elementos que presidem à orientação de todos os seus Princípios Pedagógicos: ritmo, melodia, criatividade, jogo, improvisação e instrumental».

Posteriormente, foi ainda solicitado que escolhessem um colega para criar uma pequena coreografia gestual para a canção. O ensaio correu bem, tendo sido muito gratificante para os alunos, que se empenharam no trabalho e corresponderam ao desafio lançado.

Os alunos já tinham trabalhado a forma do cânone no ano anterior, e por isso foi feita apenas uma breve revisão do mesmo, exemplificando com um dos temas musicais mais conhecidos com esta estrutura: “Frère Jacques”.

The image shows a musical score for the song "Frère Jacques" in 2/4 time, presented as a four-part canon. The score is written on four staves, each with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the staves, corresponding to the melody. The first staff begins with the melody, while the subsequent staves enter sequentially, creating a canon effect. The lyrics are: "Frère Jacques, Dormez-vous? Sonnez les matines, Ding, daing, dong!". The score ends with "etc." on each staff.

Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c6/YB4001Canon_Frere_Jacques.png/600px-YB4001Canon_Frere_Jacques.png

Planificação da Aula de 14 jan 2016 – Turma: 7º 2 – (anexo K, cf. planificação)

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva				
Sumário Módulo: <i>Músicas do Mundo</i> – Continuação do estudo da música “When the Saints go marching in”. Execução vocal e instrumental da canção. A música Latino-Americana: Influências e instrumentos musicais. Interpretação da música “La Cucaracha”.		Horário: 13h00 – 14h45 Duração: 90min	Turma: 7º 2	Data: 14.01.2016
Conceitos/Conteúdos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Músicas no Mundo Figuras - Mínima - Semínima - Colcheia Timbre - Voz - Instrumentos Dinâmica - Forte (f) e piano (p) Altura (grave e agudo) Ritmo (pulsação) Forma (elementos repetitivos na música)	Rever conteúdos já aprendidos Perceção sonora e musical (ouvir, analisar e descrever o vocabulário musical através da audição e da prática vocal e instrumental) Desenvolver e aprofundar a prática vocal Explorar as potencialidades da voz	A professora faz uma breve introdução ao tema em estudo, com apresentação de <i>Powerpoint</i> , dando continuidade à atividade iniciada na aula anterior Breve explicação aos alunos sobre algumas regras a ter em conta durante o trabalho na aula Revisão das figuras musicais já aprendidas Aprendizagem da letra e melodia da música Execução integral da peça.	Quadro e giz Projetor Computador - <i>Powerpoint</i> Colunas de som Instrumentos musicais	Grau de conhecimento Capacidade de leitura da pauta musical Capacidade de leitura das notas musicais Avaliação individual do aluno, na interpretação/ desempenho na parte vocal e instrumental, da peça musical <i>La Cucaracha</i> Avaliação individual do aluno, na interpretação/ desempenho na parte vocal, da peça musical <i>La Cucaracha</i>

La Cucaracha

Tradicional Mexicana
Transcrição: Sandra Jardim

La cu-ca ra-cha, la cu-ca - ra-cha. Ya no pue-de ca-mi-nar, Por-que no

6 tie-ne, por-que le fal-ta, Dos pa-ti-tas para an-dar. Tú te lla-mas Ca-ro - li - na,

12 Yo me lla - mo Don Er - nes - to, Mu - cho gus-to en co - no -

15 cer - te El gus-to es mí - o por su - pues - to.

Anexo L – Partitura da peça “La Cucaracha”

Resumo/reflexão:

Esta aula começou com uma revisão da aula anterior. Continuámos a trabalhar a peça “When the Saints go marching in” até esta estar mais segura. Depois seguimos para a América-Latina, onde vimos e ouvimos os vários instrumentos tradicionais daquele continente. Após a contextualização, foi a vez de interpretar o tema escolhido para representar a América-Latina: “La Cucaracha”. Visto que, por coincidência, neste dia chegou à turma uma aluna nova que tinha acabado de chegar daquele continente, mais precisamente da Venezuela, foi-lhe pedido que cantasse a peça para os colegas, ajudando assim na dicção da mesma. Isto fez com que a aluna também se integrasse melhor, visto que ainda não se sentia muito confortável na turma. Desta forma, a música serviu também de factor de inclusão desta nova aluna.

Observações: Dois alunos faltaram neste dia, e chegou uma nova aluna vinda da Venezuela.

ANEXO 4 – Planificações das disciplinas de Expressão Musical (1º e 4º ano) e Educação Musical (5º e 7º ano)

Expressão Musical 1.º Ano				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos/Competências/Descritores</i>	<i>Metas de aprendizagem</i>	<i>Avaliação</i>
Jogos de exploração	<ul style="list-style-type: none"> - Sons vocais, instrumentais e corporais - Técnicas de respiração - Modos rítmicos: pulsação, ritmo, divisão e compasso - Melodias/canções - Registos sonoros: agudo, médio e grave - Representação sonora (não convencional) 	<ul style="list-style-type: none"> - Dizer rimas e lengalengas; - Entoar rimas e lengalengas; - Cantar canções ; - Reproduzir pequenas melodias ; - Experimentar sons vocais (todos os que a criança é capaz de produzir); - Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas; - Acompanhar canções com gestos e percussão corporal. - Movimentar-se livremente a partir de: <ul style="list-style-type: none"> - sons vocais e instrumentais; melodias e canções; gravações - Associar movimentos a: <ul style="list-style-type: none"> - pulsação, andamento, dinâmica, acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica - Fazer variações bruscas de andamento (rápido, lento) e intensidade (forte, fraco) - Fazer variações graduais de andamento («acelerando», «retardando») e de intensidade; (aumentar, diminuir) - Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos; - Experimentar as potencialidades sonoras de materiais e objetos - Modificações em materiais e objectos, seguindo indicações ordenadas de construção - Utilizar instrumentos musicais 		<ul style="list-style-type: none"> - Domínio sócio afetivo : 30% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade relacional e cooperação 10% - Assiduidade e pontualidade 10% - Cumprimento e regras de disciplina 10% - Domínio cognitivo : 20% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de Noções Essenciais: 10% - Perceção sonora e musical 10% - Domínio Psicomotor: 50% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Execução das actividades: 30% - Criatividade: 10% - Performance: 10%
Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical	<ul style="list-style-type: none"> - Ambiente/texturas sonoras - Rimmas e lengalengas - Modos rítmicos: pulsação, ritmo, divisão e compasso - Melodias/canções - Criação musical - Movimentos sonoros: ascendentes, descendentes e contínuos 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar sons isolados: do meio próximo; da natureza. - Identificar ambientes/texturas sonoras: do meio próximo; da natureza. - Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de: lengalengas, canções, melodias e danças, utilizando percussão corporal, instrumentos voz, movimento. - Reproduzir com a voz ou com instrumentos: - Sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias (cantadas ou tocadas, ao vivo ou de gravação) - Dialogar sobre: <ul style="list-style-type: none"> - meio ambiente sonoro; audições musicais; produções próprias e do grupo - encontros com músicos - Utilizar diferentes maneiras de produzir sons: <ul style="list-style-type: none"> - com a voz ; - com percussão corporal; - com objetos. - Utilizar texturas/ambientes sonoros em: canções ; danças - Adaptar texto para melodias; - Participar em danças de roda, de fila, tradicionais, infantis. 		

Expressão Musical 4.º Ano				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos/Competências/Descritores</i>	<i>Metas de aprendizagem</i>	<i>Avaliação</i>
Jogos de exploração	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas de respiração - Prosódia - Instrumentos Orff: PAI e PAD - Flautas de Bisel - Instrumentos da orquestra sinfónica. - Sons isolados/ motivos/ frases/ escalas/ agregados sonoros e timbre. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dizer rimas e lengalengas. - Entoar rimas e lengalengas. - Cantar canções. - Reproduzir pequenas melodias. - Experimentar sons vocais (todos os que a criança é capaz de produzir). - Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas,... - Acompanhar canções com gestos e percussão corporal. - Movimentar-se livremente a partir de: <ul style="list-style-type: none"> • sons vocais e instrumentais; • melodias e canções; • gravações; - Associar movimentos a: <ul style="list-style-type: none"> - pulsação, andamento, dinâmica acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica. - Fazer variações bruscas de andamento (rápido,lento) e intensidade (forte, fraco) - Fazer variações graduais de andamento («acelerando», «retardando») e de intensidade (aumentar, diminuir). - Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos. - Experimentar as potencialidades sonoras de materiais e objetos. - Construir fontes sonoras elementares introduzindo - Construir instrumentos musicais elementares seguindo indicações ordenadas de construção. - Utilizar instrumentos musicais 		<ul style="list-style-type: none"> - Domínio sócio afetivo : 30% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade relacional e cooperação 10% - Assiduidade e pontualidade 10% - Cumprimento e regras de disciplina 10% - Domínio cognitivo : 20% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de Noções Essenciais: 10% - Perceção sonora e musical 10% - Domínio Psicomotor: 50% (Geral) <ul style="list-style-type: none"> - Execução das actividades: 30% - Criatividade: 10% - Performance: 10%
Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical	<ul style="list-style-type: none"> - Polifonia vocal - Criação musical - Acuidade auditiva - Registos vocais (soprano, contralto, tenor, baixo). - Estilos e géneros musicais - Texturas e ambientes sonoros - Elementos expressivos / forma / andamento / intensidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar sons isolados: do meio próximo da natureza - Identificar ambientes/texturas sonoras: do meio próximo, da natureza. - Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de: lengalengas, canções, melodias e danças, utilizando percussão corporal, instrumentos, voz, movimento. - Reconhecer ritmos e ciclos: da vida (pulsação, respiração,...) da natureza (noite-dia, estações do ano,...) de máquinas e objetos, de formas musicais (AA, AB, ABA,...) - Reproduzir com a voz ou com instrumentos: sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias 		

		<p>(cantadas ou tocadas, ao vivo ou de gravação).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organizar, relacionar e classificar conjuntos de sons segundo: <ul style="list-style-type: none"> timbre duração intensidade altura localização - Dialogar sobre: <ul style="list-style-type: none"> meio ambiente sonoro; audições musicais; produções próprias e do grupo; encontros com músicos; sonoplastia nos meios de comunicação com que tem contacto (rádio, televisão, cinema, teatro,...) - Utilizar diferentes maneiras de produzir sons: com a voz; com percussão corporal; com objetos; com instrumentos musicais; com aparelhos eletroacústicos. - Inventar texturas/ambientes sonoros. - Utilizar texturas/ambientes sonoros em: Canções; Danças; Histórias; Dramatizações; Gravações; - Adaptar: textos para melodias; melodia para textos; textos para canções; - Utilizar o gravador para registar produções próprias e do grupo; - Organizar sequências de movimentos (coreografias elementares) para sequências sonoras. - Organizar sequências sonoras para sequências de movimentos. - Participar em danças de roda, de fila, tradicionais, infantis. - Participar em danças do repertório regional e popularizadas. - Inventar/utilizar gestos, sinais e palavras para expressar/comunicar: Timbre; Intensidade; Duração; Altura; Pulsação; Andamento; Dinâmica; - Inventar/utilizar códigos para representar o som da voz, corpo e instrumentos; - Inventar/utilizar códigos para representar sequências e texturas sonoras. - Utilizar vocabulário adequado a situações sonoro/musicais vivenciadas; - Identificar e utilizar gradualmente/dois símbolos de leitura e escrita musical; - Contactar com várias formas de representação sonora/musical: em partituras adequadas ao seu nível etário; em publicações musicais; nos encontros com músicos; 		
--	--	---	--	--



Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Departamento de Expressões

Grupo Disciplinar: Educação Musical Código: 250 Ano Letivo: 2015/2016

Planificação de Educação Musical – 5º Ano – 1º Período



Unidade de Trabalho	Conteúdos	Competências Específicas	Estratégias/Atividades	Recursos	Métodos de Avaliação	Tempo
Ficheiro I	<p>Timbre – Sons do Meio Ambiente; corporal; vocal; Instrumental.</p> <p>Ritmo – Pulsação; Semínima e pausa de Semínima.</p> <p>Altura – Agudo e Grave; Pauta Musical e Clave de Sol e notas Dó (agudo) e Lá.</p> <p>Dinâmica – Piano; Meio Forte e Forte.</p> <p>Forma – Elementos Repetitivos e Contrastantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Reconhecer a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha. ➤ Conhecer as diversas famílias de instrumentos Orff ➤ Identificar auditiva e visualmente instrumentos da sala de aula. ➤ Cantar e interpretar instrumentalmente frases e melodias. ➤ Utilizar vocabulário e terminologias adequadas ao vocabulário musical. ➤ Ensaiar e apresentar, publicamente, interpretações em grupo de peças musicais; ➤ Identificar, auditivamente, melodias progressivamente mais complexas. ➤ Identificar auditivamente ritmos progressivamente mais complexos. ➤ Reproduzir frases rítmicas. ➤ Tocar sozinho ou em grupo pequenas peças musicais, respeitando o andamento e dinâmica; ➤ Improvisar ritmos, utilizando os diferentes instrumentos da sala de aula. ➤ Tocar com técnica correta nos instrumentos da sala de aula. 	<p>-Atividades lúdicas: loto sonoro, jogos musicais;</p> <p>-Prática escrita da clave e notas musicais.</p> <p>-Leitura e escrita musical das músicas em estudo.</p> <p>-Audições sobre os conteúdos em estudo.</p> <p>-Exercícios de leitura rítmico/melódico de frases ou pequenas peças musicais, a nível corporal e instrumental.</p> <p>-Realização de ditados rítmicos;</p> <p>-Audições sobre os conteúdos em estudo.</p> <p>-Aprendizagem de canções a uma e duas vozes;</p> <p>-Interpretação de canções de Natal regionais e nacionais;</p> <p>-Improvisações instrumentais individuais e em grupo;</p> <p>-Jogos rítmicos;</p> <p>-Realização de fichas de trabalho.</p> <p>-Ficha de avaliação</p> <p>-Chamadas individuais</p>	<p>-Manual escolar;</p> <p>-Sintetizador;</p> <p>-Voz;</p> <p>Instrumentos musicais;</p> <p>-Leitor de Cd's;</p> <p>-Flauta de Bisel;</p> <p>-Partituras;</p> <p>-Retroprojektor;</p> <p>Transparências;</p> <p>-Fichas de diagnóstico</p> <p>-Caderno de atividades</p> <p>-Jogos musicais</p> <p>-Loto Sonoro</p> <p>-Audições musicais Ativas</p>	<p>-Observação direta</p> <p>-Testes diagnóstico</p> <p>-Testes formativos</p> <p>-Testes Sumativos</p> <p>-Práticas instrumentais</p> <p>-Trabalhos de Grupo</p> <p>-Trabalhos Individuais</p> <p>-Verificação da organização do Caderno Diário</p> <p>-Chamadas individuais</p> <p>-Atitudes e Valores</p> <p>-Autoavaliação</p> <p>Heteroavaliação</p>	<p>Turmas:</p> <p>5º1/5º3/5º5</p> <p>13 blocos de 90 min.</p> <p>Turmas:</p> <p>5º2/5º4</p> <p>12 blocos de 90 min.</p>
Ficheiro II	<p>Timbre – Vocal; Instrumental;</p> <p>Ritmo – Colcheia; Adágio, Moderato e Presto.</p> <p>Altura – Nota Sol e Mi.</p> <p>Dinâmica – Crescendo e Diminuendo.</p> <p>Forma – Binária – AB, Forma Ternária ABA.</p>					



Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

Departamento de Expressões

Grupo Disciplinar: Educação Musical **Código:** 250 **Ano Letivo:** 2015/2016

Planificação de Educação Musical – 5º Ano – 2º Período



Unidade de Trabalho	Conteúdos	Competências Específicas	Estratégias/Atividades	Recursos	Métodos de Avaliação	Tempo
Ficheiro III	Timbre - Vocal e instrumental. Ritmo - Ostinato Ritmo; Semibreve, Pausa de Semibreve; Mínima e Pausa de Mínima; Colcheia; Adágio, moderato, Presto; Compasso Binário e compasso quaternário.	<ul style="list-style-type: none"> Interpretar vocalmente canções de diferentes géneros musicais; Distinguir timbres vocais e instrumentais; Identificar e executar ostinatos rítmicos; Identificar o compasso binário e compasso quaternário; Identificar a mínima, a semibreve e respetivas pausas; Executar peças musicais na flauta e instrumentos de sala de aula; Identificar os diferentes andamentos: rápido, lento, moderato, accel. e ritar. Executar nos instrumentos os diferentes andamentos Adquirir hábitos de leitura musical e execução em grupo; 	-Análise e execução de esquemas rítmicos com instrumentos de altura indefinida; -Composição de ostinatos rítmicos, por parte dos alunos, e registo no quadro para serem executados pelos mesmos; -Realização de exercícios rítmicos com a mínima, semibreve e respectivas pausas; -Leituras rítmicas e melódicas de peças musicais (canções regionais); -Execução de peças musicais na flauta e instrumentos de altura definida e indefinida; -Realização de ditados rítmicos; -Fomentar uma audição atenta de modo que os alunos se movimentem de acordo com a pulsação e o andamento da música; -Prática escrita da escala e notas musicais; -Leitura rítmica e melódica das músicas em estudo; -Audições sobre os conteúdos em estudo; -Coreografias elementares; -Exercícios de leitura rítmico/melódico de frases ou pequenas peças musicais na flauta e instrumentos de altura definida; -Improvisação na escala pentatónica em instrumentos de altura definida;	-Manual escolar -Sintetizador -Voz Instrumentos musicais -Leitor de Cd's -Flauta de Bisel -Partituras	Observação direta Testes diagnóstico Testes formativos Testes Sumativos Práticas instrumentais Trabalhos de Grupo Trabalhos Individuais	
Ficheiro IV	Altura – Escala Pentatónica; Escala diatónica de Dó Maior. Dinâmica – Piano, Meio Forte e Forte. Forma – Ternária - ABA.	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a coordenação psicomotora Identificar na pauta a escala Pentatónica e a escala Diatónica de Dó Maior; Executar na flauta e nos instrumentos de altura definida a escala Pentatónica e a escala Diatónica de Dó Maior; Improvisar na escala pentatónica; Distinguir pianíssimo, meio forte, fortíssimo, crescendo e diminuendo Criar as dinâmicas de peças musicais Executar peças musicais segundo a sua dinâmica; Adquirir hábitos de leitura musical Identificar a forma ternária; Executar peças musicais em voz e flauta 	-Interpretação vocal e instrumental de canções regionais; -Análise de partituras e suas dinâmicas; -Audição de exemplos musicais sobre os conteúdos em estudo; -Criação da dinâmica para peças musicais; -Realização de exercícios do caderno de actividades; -Execução corporal e instrumental de peças musica, segundo a dinâmica indicada; -Análise de partituras; -Estudo das várias partes – A, B, C, D (vocal e flauta); -Execução de peças musicais com acompanhamento instrumental, segundo a forma apresentada.	-Fichas de diagnóstico -Caderno de actividades -Audições musicais Ativas	Verificação da organização do Caderno Diário Chamadas individuais Atitudes e Valores Auto-avaliação Heteroavaliação	



Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva
Departamento de Expressões
Grupo Disciplinar: Educação Musical Código: 250 Ano Letivo 2015/2016
Educação Musical
Planificação Semestral

**Nível de Ensino: 7º Ano****Turma: 2**

Unidade de Trabalho	Conteúdos	Competências Específicas	Estratégias/ Atividades	Recursos	Métodos de Avaliação	Tempo
1º Módulo MEMÓRIAS E TRADIÇÕES (em torno da música portuguesa)	MEMÓRIAS E TRADIÇÕES Conceitos, códigos e convenções – Alturas, durações, intensidades, timbres, texturas, formas e estruturas. Processos – Compreensão dos papéis da música na construção da identidade portuguesa através da exploração de diferentes tipos de espetáculos musicais e do teatro musical. Contextos – modos como os diferentes códigos e convenções podem ser utilizados na construção de um espetáculo musical.	Interpretação e Comunicação - Interpretar, sozinho e em grupo, diferentes géneros e tipologias musicais; - Utilizar diferentes códigos e convenções de leitura, escrita e notação musicais; - Analisar, descrever e avaliar auditivamente produtos e processos musicais; - Cantar sozinho e em grupo peças de diferentes géneros e estilos musicais; - Tocar sozinho e em grupo pelo menos um instrumento musical utilizando técnicas instrumentais e interpretativas diferenciadas.	☉ Ensaiar e apresentar publicamente interpretações individuais e em grupo de peças musicais; ☉ Transcreve e toca de ouvido peças musicais com estilos diferenciados, a duas vozes; ☉ Experimentar diferentes tipos de instrumentos e culturas musicais;	- Manual; - Material fornecido pelo professor (partituras, textos, imagens, etc.); - Caderno diário (pautas); - Aparelhagem com leitor de Cd;	Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Trabalho individual e/ou de grupo; - Testes práticos (através da execução musical individual e em grupo); - Chamadas individuais;	1º semestre (21 de setembro a 4 de Fevereiro) 2º semestre (11 de Fevereiro a 24 de Junho)
2º Módulo MÚSICAS DO MUNDO (explorando outros códigos e convenções)	MÚSICAS DO MUNDO Conceitos, códigos e convenções –Ostinatos, formas cíclicas, polirritmia. Processos – Exploração, manipulação e compreensão de códigos e convenções de culturas musicais de tradição oral de acordo com os contextos de referência.	Criação e Experimentação - Preparar, apresentar e dirigir pequenas peças ou espetáculos musicais de âmbitos diferenciados; - Investigar e avaliar diferentes tipos de interpretações utilizando vocabulário apropriado; - Compor, arranjar e apresentar publicamente peças musicais utilizando técnicas vocais e instrumentais; - Improvisar melodias, variações	☉ Explorar diferentes processos comunicacionais, formas e técnicas de criação musical; ☉ Produzir e realizar espetáculos diversificados;	-Instrumentos da sala de aula e dos alunos (Cordofones Tradicionais Madeirenses - braguinha, rajão e viola d'arame); -Jogos didáticos (cartões);	- Organização do Caderno Diário e do material fornecido.	

<p>3º Módulo</p> <p>MELODIAS E ARRANJOS (em torno da canção)</p>	<p>Contextos – Modos como diferentes culturas utilizam e manipulam os sons, os instrumentos, as formas; integração da música no quotidiano das comunidades.</p> <p>MELODIAS E ARRANJOS</p> <p>Conceitos, códigos e convenções - Motivo, repetição, estribilho, estrófico, baladas, canções Pop e Rock”, arranjos.</p> <p>Processos – Interpretação, composição, improvisação e arranjos de canções.</p> <p>Contextos – Composição e arranjos de melodias e canções.</p> <p>COMUNS AOS MÓDULOS</p> <p>Conceitos, códigos e convenções Altura, Ritmo, duração, intensidade, Timbre.</p>	<p>e acompanhamentos utilizando diferentes vozes e instrumentos.</p> <p>Percepção Sonora e Musical - Ler e escrever em notação convencional e não convencional diferentes tipologias musicais recorrendo também às Tecnologias da Informação e Comunicação.</p> <p>Culturas Musicais nos Contextos - Reconhecer os diferentes tipos de funções que a música desempenha nas comunidades; - Investigar acerca dos músicos e das instituições musicais nos contextos; - Investigar a produção e as interpretações musicais no contexto das sociedades contemporâneas.</p>	<p>@ Assistir a diferentes tipos de espetáculos;</p> <p>@ Utilizar as diferentes tecnologias da informação e comunicação;</p> <p>@ Contactar com o património artístico-musical;</p> <p>@ Realizar intercâmbios entre escolas e instituições;</p> <p>@ Realizar testes práticos de avaliação, individuais e em grupo;</p> <p>@ Realização de trabalhos de grupo práticos (ensaio de peças musicais);</p> <p>@ Participar em espetáculos de âmbito escolar e extraescolar.</p>	<p>- Projetor;</p> <p>- Acetatos;</p> <p>- Leitor de DVD;</p>	<p>Metodologia:</p> <p>- Observação directa do desempenho dos alunos perante as tarefas propostas;</p> <p>- Grelha de registo do trabalho desenvolvido individualmente e em grupo.</p>	
--	--	--	---	---	---	--

OBSERVAÇÕES: Esta planificação é semestral e aplica-se ao primeiro e segundo semestre, visto que a turma está dividida em dois grupos diferentes.

ANEXO 5 – Semana Regional das Artes da RAM

Organização:
 Governo Regional da Madeira
 Secretaria Regional de Educação
 Direção Regional de Educação
 Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia

Direção geral:
 Carlos Gonçalves

Equipa responsável:
 Natalina Cristóvão (coordenação)
 Virgílio Caldeira | Helena Berenguer
 Sérgio Guimarães | Ricardo Correia | Rui Correia
 Dolores Camacho | Rui Arsénio

Produção: AREArtística

Sonoplastia: Multimédia | DSEAM

Design e cenografia: CIV | DSEAM

Apresentação: Equipa de Animação | DSEAM

Secretariado: Área Administrativa | DSEAM

Agradecimentos:
 Câmara Municipal de Câmara de Lobos
 Câmara Municipal do Funchal,
 Câmara Municipal da Ponta do Sol
 Câmara Municipal de Santana
 Junta de Freguesia de São Martinho
 Cruz Vermelha
 Casa do Povo de Machico
 Banda Municipal de Machico
 Delegações Escolares
 Escolas participantes
 Comunidade Educativa
 Ana Catarina Carvalho



Programa

<p>EB1/PE da Lourencinha</p> <p>Tema: Medley dos U2: "With or without you", "Sunday bloody sunday" e "One"</p> <p>Compositor: U2</p> <p>Arranjos: Fernando Pires e Leandro Costa</p> <p>Professores: Fernando Pires e Leandro Costa</p>	<p>EB1/PE das Romeiras, EB1/PE da Vargem e EB1/PE do Covão</p> <p>Tema: "You are not alone" e "Wind of Change"</p> <p>Compositor: Michael Jackson e Scorpions</p> <p>Arranjos: João Carlos Frias e Elvino Jesus</p> <p>Professores: João Carlos Frias e Elvino Jesus</p>	<p>EB23 Cardeal D. Teodósio de Gouveia</p> <p>Tema: "Laurindinha", "Baby Fica" e "A noite"</p> <p>Compositor: Vários</p> <p>Arranjos: Elsa Cerqueira</p> <p>Professora: Elsa Cerqueira</p>
<p>EB1/PE Ribeiro de Alforra</p> <p>Tema: "A maré está cheia", "Freight train" e "Yellow submarine"</p> <p>Compositor: Popular portuguesa, Popular americana e The Beatles</p> <p>Arranjos: Teresa Reis</p> <p>Professora: Teresa Reis</p>	<p>EB1/PE Cruz de Carvalho, Escola Dona Olga de Brito e EB1/PE do Areiro</p> <p>Tema: "The entertainer"</p> <p>Compositor: Scott Joplin</p> <p>Arranjo: Leônia Sousa, Liliãna Camacho e Catarina Gomes</p> <p>Professoras: Leônia Sousa, Liliãna Camacho e Catarina Gomes</p>	<p>EBS de Machico</p> <p>Tema: "Homem do leme"</p> <p>Compositor: Xutos e Pontapés</p> <p>Arranjos: Manuel Spínola e Joaquim Mendes</p> <p>Professores: Manuel Spínola e Joaquim Mendes</p>
<p>Externato Sant'Ana e EB1/PE Eng. Luís Santos Costa</p> <p>Tema: "Dois dedos de tradição" – Ladrão do Negro Melro e As Lavadeiras</p> <p>Compositor: Tradicional madeirense</p> <p>Arranjos: João Caldeira e Zelinda Caldeira</p> <p>Professores: João Caldeira e Zelinda Caldeira</p>	<p>EBS da Ponta do Sol</p> <p>Tema: "Amazing grace"</p> <p>Compositor: John Newton</p> <p>Arranjos: Emanuel Faria</p> <p>Adaptação: Duarte Inácio</p> <p>Professor: Duarte Inácio</p>	<p>EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva</p> <p>Tema: "O soldado de Budapeste"</p> <p>Arranjos: Roberto Moniz</p> <p>Professor: Roberto Moniz</p>
<p>EB1/PE Caniçal e EB1/PE Marócos</p> <p>Tema: Medley: "Fado do estudante" e "Pica do 7"</p> <p>Compositor: Vasco Santana e Miguel Araújo</p> <p>Arranjos: Lino Gonçalves e Manuel Moura</p> <p>Professores: Lino Gonçalves e Manuel Moura</p>	<p>EB23 de Santo António</p> <p>Tema: "Blank Space"</p> <p>Compositor: Taylor Swift</p> <p>Arranjos: Abílio Gonçalves</p> <p>Professor: Abílio Gonçalves</p>	<p>Todas as Escola Interventientes</p> <p>Peça Final</p> <p>Tema: "Movimento Perpétuo Associativo"</p> <p>Compositor: Deolinda</p> <p>Arranjos: Roberto Moniz</p> <p>Voz: Ana Catarina Carvalho</p>

Anexo M – Programa do dia 16.06.2015, da Semana Regional das Artes da RAM




Anexo N – Apresentação de dança da turma do 3º ano na Semana Regional das Artes



Anexo O – Apresentação do grupo de cordofones na Semana Regional das Artes

ANEXO 6 – Enunciado do teste, feito pela estagiária realizado pelos alunos do 5º ano

	ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA	
	Nome: _____	
	Número de aluno: _____	Data: _____
	Disciplina – Educação Musical	
Ficha de trabalho		

1. Desenha a clave de sol no sítio correcto, na pauta.



2. Faz a correspondência de cada figura à sua duração

	.	.	1/2
	.	.	1
	.	.	2
	.	.	4

3. Quantas notas tem a escala pentatónica?

4. Na escala pentatónica de Dó maior, quais são as notas que fazem parte?

5. A flauta de bisel é um instrumento de:

- a. Sopro
- b. Percussão

6. “Uma pauta tem 4 linhas e 5 espaços”. Verdadeiro ou falso?

7. Coloca os seguintes sons na tabela, no sítio certo, de acordo com o som (meio ambiente, corporal ou vocal)









- 1. Vento
- 2. Palmas
- 3. Chuva
- 4. Cantar
- 5. Estalar os dedos
- 6. Falar
- 7. Bater o pé
- 8. Rir
- 9. Trovoada

Som do Meio Ambiente	Som Corporal	Som Vocal

8. Escreve o nome das notas, por baixo de cada uma:



9. Liga as figuras à suas pausas correspondentes

	.		.	
	.		.	
	.		.	
	.		.	

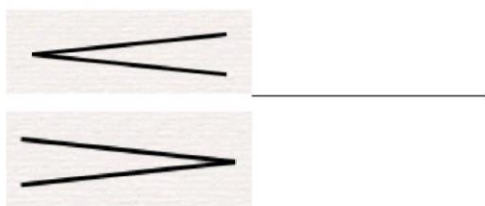
10. Escreve o nome de três instrumentos de altura definida, e 3 instrumentos de altura indefinida:

Instrumentos de Altura Definida	Instrumentos de Altura Indefinida

11. A dinâmica é:

1. A duração das notas
2. A intensidade das notas
3. A altura das notas

12. Na música, como se chamam estes símbolos?



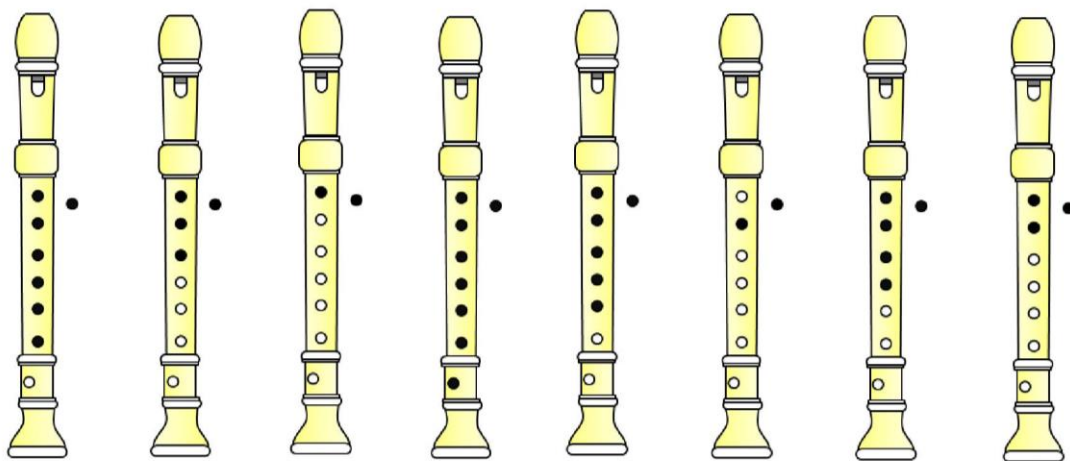
13. Escreve à frente de cada dinâmica, o símbolo que a representa:

Piano _____

Mezzo-forte _____

Forte _____

14. Escreve o nome da nota que está a ser tocada na flauta, de acordo com as imagens:



15. Ordena os seguintes andamentos, do mais lento ao mais rápido:

Presto

Adágio

Moderato

Boa Sorte! 😊

ANEXO 7 – Tabela de Classificações do *Casting* para o Concurso de Vozes

Ídolos da Levada – Concurso de Vozes

CASTING

	Nome do aluno	Ano/ Turma	Canção	Observações	Classificação
1	Alexandre	6º6	Lisboa "Pólo Norte"	Cantou à capella	5
2 20	Ana Mapalada	5º3	Hello Adele	Digão má Timbre bonito Não sabia a letra Tempo	7
3	Andreia	5º4	Cinderela Carlos Ruão	Apinação nem sempre está bem	6
4	Andreia Marta	5º4	Já passou Frozen	Por vezes fora de tom	6
5 30	Margarida Perneta	9º1	I have nothing Whitney Houston		10
6 23	Paulo Alves	8º4	Wherever you will go The Calling	Não afina nas notas agudas	7
7	Leandro	7º6	Ai, como ela é bela Aqir	Desafinado. Não entra no tom ; fora de tempo	3

	Nome do aluno	Ano/ Turma	Canção	Observações	Classificação
8 25	Francisca Jesus	5º3	My Heart Will Go On Celine Dion	Dificuldade em chegar às notas mais agudas	8
9 23	Leonor Ferreira	5º3	Chamar a Música Carla Tavares	Algumas partes mais desafinadas	8
10	Bruna Beja	5º3	"	Desafinada	6
11 29	Ana Francisca	5º4	Balada do Desajeitado D.A.M.A	Timbre bonito Apinada	10
12 29	Mariana Silva	5º4	Luísa D.A.M.A		10
13	Ánia Silva	5º3	Anda comigo ver os avôes Azeiteiros D.A.M.A	Dificuldades com a respiração	5
14	Mª Nóbrega	5º3	Chamar a Música Carla Tavares	Dificuldades com a apinação	5
20 15	Mª Matilde / Ana Maria	6º1	Problem Ariana Grande	Mª Matilde → Ana Mª →	7 5

	Nome do aluno	Ano/ Turma	Canção	Observações	Classificação
16 23	Tomás Sousa	6º2	Demasiado Leite nos Cereais → Miguel	Cantou à cappella, e houve partes desapinadas	7
17 30	Mariana	5º4	Demasiado Luz		
18 26	Micaela	Tainf 3	What's up 4 non-Blondes		10
19	Beatriz Andrade	8º3	Drag me Down One Direction	Algumas partes fora de tom	9
20					
21					
22					
23					

ANEXO 8 – Imagens de eventos e aulas das turmas de estágio



Finalistas do 4º ano na festa de final de ano na EB1/PE do Areeiro



Festa de final de ano na EB1/PE do Areeiro



Turma do 7º ano em aula



Turma do 7º ano em aula



Turma do 7º ano em aula



Casting para o Concurso de Vozes



Turma do 7º ano na apresentação no *Concurso de Vozes*



Trofeus, diplomas e prémios de participação do *Concurso de Vozes*



Decoração do espaço do *Concurso de Vozes*, realizado com a ajuda dos alunos do 5º ano



Imagem dos participantes do *Concurso de Vozes*